

# D-ARTE



ANO V - Fevereiro/Março 2025

Ilustração - Wilson Inácio



**PENSAMENTO LIVRE**

A **Revista D-ARTE**, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressões artísticas, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a arte e a Cultura brasileira. Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes; podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições. Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

ISBN - 978-65-999129-0-0



**Expediente:**

Editor Chefe - Wilson Inacio

Jornalista responsável: Aldo Moraes

Marketing e Relações Públicas: Ronilson Rony

Projeto Gráfico e Diagramação: Wilson Inacio

Curadoria Caderno Literatura #32: Vagner Xavier

**Nossas Redes:**

<https://www.instagram.com/dartelondrina/>

<https://www.facebook.com/>

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:

<https://revistadarte.com/>

## Com Lei Paulo Gustavo, R\$ 3,9 bilhões são investidos na cultura pelo Governo Federal, Estados, municípios e DF executaram quase 100% dos recursos repassados pelo MinC



Foto: Filipe Araújo/ MinC

A Lei Paulo Gustavo (LPG) representa o maior valor investido diretamente em cultura na história do Brasil. Balanço do Ministério da Cultura (MinC) mostra que estados, Distrito Federal e municípios executaram 95% dos recursos que receberam, o que corresponde a R\$ 3,9 bilhões. O alto percentual demonstra a eficiência da política pública que surgiu durante a pandemia e se tornou um poderoso instrumento de impulsionamento da atividade cultural em todo o país. O valor repassado pelo MinC foi de R\$ 3,8 bilhões, com os rendimentos bancários chegando a R\$ 4,1 bilhões, desses, R\$ 3,9 bilhões foram usados como investimento para o setor cultural. A região Nordeste foi a que mais executou recursos da LPG: 96% dos mais de R\$1 bilhão repassados pelo Governo Federal. [Clique aqui](#) e acesse todas as informações no

Painel de Dados da LPG.

A ministra da Cultura, Margareth Menezes, comemora os resultados: “É compromisso do Ministério e do governo do presidente Lula investir, valorizar e reforçar o fazer cultural. A cultura está diariamente na vida de todos os brasileiros, por isso, as leis de incentivo, como a LPG, são muito importantes para contribuir com as políticas públicas de fomento cultural, fazendo chegar em todo território nacional e evidenciar a diversidade cultural da nossa gente e as diferentes formas de se fazer cultura. Além disso, a lei também é responsável pelo desenvolvimento econômico, social e artístico ao injetar recursos financeiros nos municípios e estados, gerando emprego, renda e dignidade para o nosso povo”.

Os recursos da LPG foram repassados pelo Governo Federal aos estados, municípios e Distrito Federal que fizeram adesão à política. Coube aos entes o trabalho de mapear, com a participação da sociedade civil, as principais demandas da comunidade local, e distribuir os recursos por meio de editais de projetos ou premiações, por exemplo.

### Nacionalização dos investimentos

Em 2023, o MinC trabalhou para que a adesão à Lei fosse a máxima possível e a Pasta garantiu que 100% dos estados e 98% das cidades se tornassem aptas a receber os recursos. Já em 2024, o Ministério atuou para que os entes federados executassem os valores até 31 de dezembro do ano passado, prazo final para utilização do montante recebido. O balanço positivo mostra que quase todas as regiões do país têm índice de execução acima dos 90%:

Região Sudeste: R\$ 1,45 bilhão recebido e 95,6% executados;

Região Sul: R\$ 523 milhões recebidos e 95,1% executados;

Região Centro-Oeste: R\$ 298,3 milhões recebidos e 93% executados;

Região Norte: R\$ 424 milhões recebidos e 89,8% executados.

Entre os estados que mais executaram os recursos, o Piauí e o Amazonas ocupam o topo do ranking com a execução de 99,8% do montante repassado. Em seguida aparece o Ceará, com 99,7% de execução, e o Rio Grande do Norte, com 99,6%.

Na esfera municipal, 4.396 cidades brasileiras (79%) utilizaram mais de 80% dos recursos da Lei Paulo Gustavo. Ao realizar a segmentação por porte de município, constata-se que cidades com até 20 mil

habitantes aplicaram em média R\$ 310,1 milhões; e cidades acima de 900 mil habitantes investiram mais de R\$ 368 milhões.

“O sucesso dessa política se revela não apenas pelo montante de recursos investidos, mas também pela capilaridade que alcançamos. A LPG está em praticamente todo o território nacional — um feito impressionante em um país tão extenso e diverso como o Brasil. O resultado reforça a importância de políticas culturais que permitem a nacionalização do fomento e fortalecem as expressões culturais de todas as regiões”, avaliou a secretária dos Comitês de Cultura, Roberta Martins.

Após o encerramento do prazo para a execução dos recursos, o saldo remanescente das contas criadas para receber as transferências e gerir os recursos teve que ser restituído até 15 de janeiro de 2025. Os entes federativos terão até agosto para concluir o relatório de gestão final e apresentar o documento de prestação de contas.

### Retorno do investimento em cultura

Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sobre a Lei Paulo Gustavo (LPG) no Rio de Janeiro revelou o impacto significativo da política no setor cultural. Para cada R\$ 1 investido pela Lei, o retorno é de R\$ 6,51, demonstrando a capacidade do setor cultural e de economia criativa de impulsionar a atividade econômica local.

Para o secretário de Economia Criativa e Fomento Cultural, Henilton Menezes, os resultados refletem o impacto transformador dos investimentos culturais no País. “A LPG demonstra, mais uma vez, que é possível aplicar políticas de investimento ao setor produtivo cultural que cheguem em todas as regiões, mesmo em um País de dimensões continentais. O investimento permitiu não somente apoiar, mas permitiu a recuperação e fortalecimento de um motor econômico e social vital para o Brasil”, afirmou.





# MAPEAMENTO

Ação é realizada pelo Pontão de Cultura AbraPalavra, em parceria com o Ministério da Cultura

## Começa mapeamento nacional dos Pontos de Cultura ligados a livro, leitura e literatura



Divulgação

Nessa terça-feira (18), os representantes do AbraPalavra, sediado em Minas Gerais, estiveram em Brasília para debater com o MinC a transversalidade da Cultura Viva com as ações de Livro e Leitura, além do conceito de Pontos de Cultura, Pontos de Leitura e Bibliotecas Comunitárias.

Estiveram presentes na reunião a secretária de Cidadania e Diversidade Cultural, Márcia Rollemberg; e o diretor da Política Nacional de Cultura Viva, João Pontes. Da Secretaria de Formação, Livro e Leitura (SEFLI), participaram o diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, Jeferson Assunção; e a coordenadora do Sistema Nacional e Bibliotecas Públicas, Marina de Lima Rabelo. O Instituto Cultural AbraPalavra foi representado pela presidente e o coordenador de projetos, Fernando Chagas.

### Metas

O mapeamento dos Pontos de Cultura por estados e temáticas nacionais é uma das metas estabelecidas para as 42 entidades selecionadas pelo Ministério da Cultura no Edital de Fomento a Pontões de Cultura – a Cultura Viva do Tamanho de Brasil. O Instituto AbraPalavra integra essa rede como o Pontão Nacional Temático - Livro, Leitura e Literatura, e agrega os seguintes Pontos de Cultura em seu Comitê Gestor:

1. Ponto de Cultura Maloca - Chapecó/SC
2. Ponto de Cultura SABIC – Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias de Belo Horizonte - Belo Horizonte/MG
3. Ponto de Cultura Mucury - Catuji/MG
4. Ponto de Cultura Teatro de Pesquisa - Belo Horizonte/MG
5. Ponto de Cultura Centro Cultural Zé Amador - Presidente Figueiredo/AM
6. Ponto de Cultura Beatos, em parceria com a Escola de Narradores - Crato/CE
7. Ponto de Cultura Olha o Chico - Piaçabuçu/AL
8. Ponto de Cultura Instituto Socioeducativo Juvenil - Trindade/GO

“Ó de casa! Você é Cultura Viva? Com essa pergunta, o Pontão de Cultura AbraPalavra lançou nesta semana a campanha para mapear os Pontos de Cultura que desenvolvem ações ligadas a livro, leitura e literatura em todo o país. A identificação da rede faz parte uma parceria com o Ministério da Cultura (MinC), por meio da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural, e busca qualificar os dados do Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura, fortalecendo e conectando os coletivos e entidades que atuam com essa temática na Política Nacional de Cultura Viva (PNCV).

“É um convite para que contem a sua história, a relação com essa temática, se são bibliotecas comunitárias, se não são, se têm acervo, quais as atividades realizam, se tem uma sede própria, se são itinerantes. A gente quer conhecer para depois fazer um grande mapa georreferenciado, em que as pessoas possam identificar e entender onde esses Pontos de Cultura estão”, explicou a presidente do Instituto AbraPalavra, Aline Cântia.

A primeira etapa do mapeamento é voltada para os coletivos e entidades já certificados como Pontos de Cultura pelo MinC. Os interessados devem preencher um questionário disponível neste [link](#). O foco inicial é dar visibilidade aos espaços, equipes e ações, identificando ainda suas conquistas e desafios. Na segunda etapa, o objetivo será expandir a rede, com a mobilização de grupos que podem ingressar na Cultura Viva, como bibliotecas comunitárias, as batalhas de slam, os saraus e os contadores de história.

Estão envolvidos com a realização do mapeamento 20 Agentes Cultura Viva (jovens de 18 a 24 anos) de oito estados. O trabalho conta ainda com a parceria do Departamento de Estatística da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

### Integração

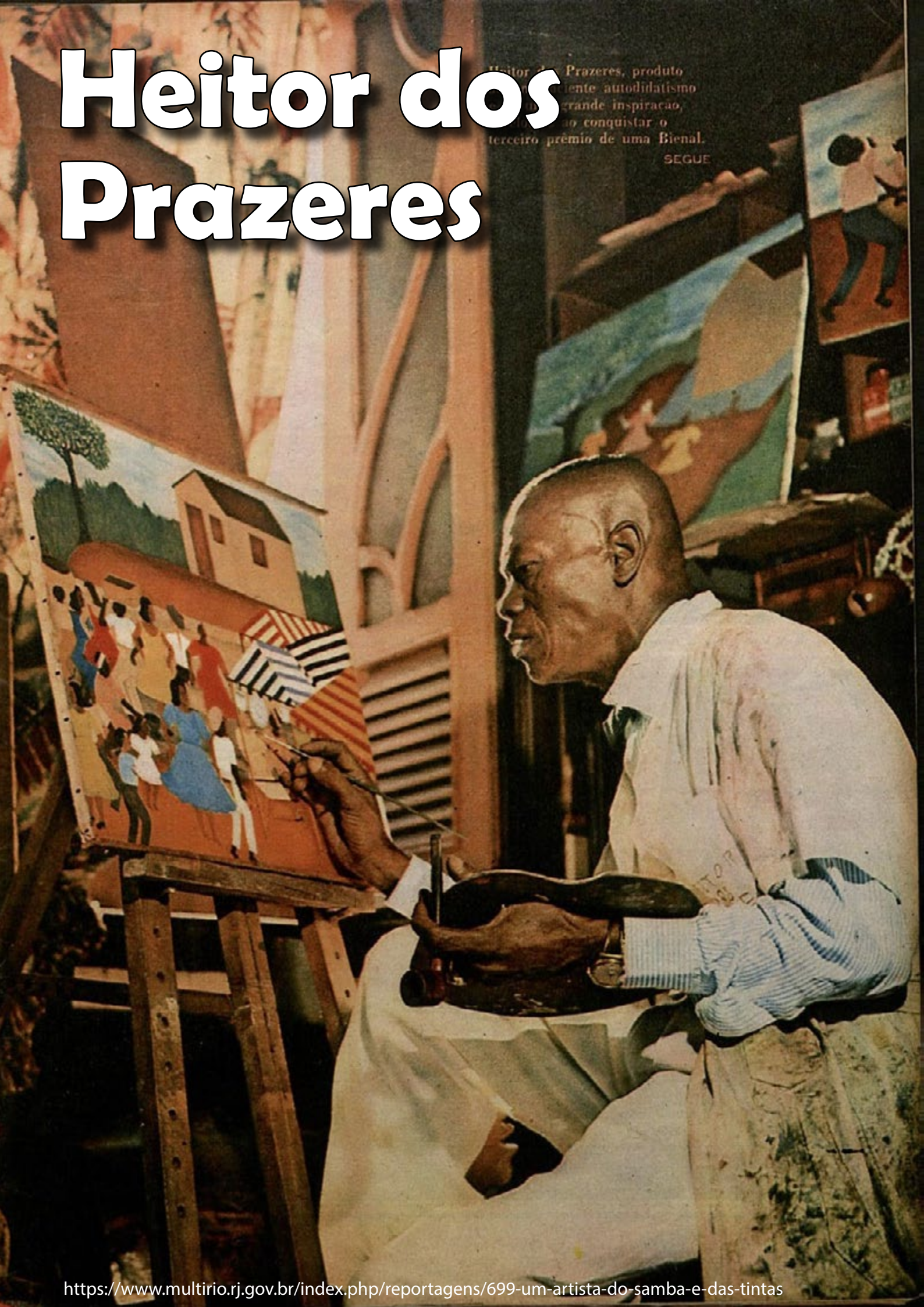


Foto: Igor Cerqueira - AbraPalavra

# Heitor dos Prazeres

Heitor dos Prazeres, produto  
de um intenso autodidatismo  
e de grande inspiração,  
conquistou o  
terceiro prêmio de uma Bienal.

SEGUE



Heitor dos Prazeres nasceu na Rua Presidente Barroso, Cidade Nova, em 1898. Aos 7 anos, perdeu o pai, marceneiro que tocava clarinete e piano. Cedo, começou a trabalhar como engraxate, jornalista e ajudante de marceneiro.

Aos 12 anos, jogava capoeira e frequentava as casas da tia Esther, em Oswaldo Cruz, e da tia Ciata, na Praça Onze. O menino participava dessas reuniões cheias de ritmos afros acompanhado por familiares. Já levava seu cavaquinho, presente do tio Lalu, e tocava com bambas do samba, como Donga, João da Baiana, Sinhô e Pixinguinha.



Na década de 20, participou da criação das primeiras escolas de samba – como a Deixa Falar, no Estácio – e dos embriões do que viria a ser a Portela – Prazer da Moreninha e Sai Como Pode, em Oswaldo Cruz. Na Estação Primeira de Mangueira, contratava as “pastoras”, mulheres que se apresentavam com ele em festas e cassinos.

Tornou-se compositor conhecido, gravado pelos grandes da época, como Francisco Alves, e, na década de 40, trabalhou nas primeiras emissoras de rádio do Rio de Janeiro. Começou a pintar com uma ilustração que fez para a música Pierrô Apaixonado, sucesso carnavalesco até os dias de hoje. Quem nunca pulou carnaval ao som de “Um pierrô

apaixonado, / que vivia só cantando, / por causa de uma colombina, / acabou chorando, acabou chorando”? A propósito: essa música foi feita em parceria com o amigo Noel Rosa.

Noel não era o único estudante universitário que procurava a companhia de Heitor dos Prazeres. Outro notório era o poeta Carlos Drummond de Andrade, que incentivaria e ajudaria a lançar o compositor como artista plástico.

Como pintor, ele participou de uma exposição internacional em benefício das vítimas da Segunda Guerra Mundial, em Londres, na Inglaterra. Nessa coletiva com artistas de vários países, participou com a tela Festa de São João. O quadro foi adquirido pela então princesa Elizabeth, hoje rainha da Inglaterra.

Heitor dos Prazeres foi o precursor no Brasil de um estilo conhecido como arte naif, instintiva, ingênua e se caracteriza pelas cores fortes, vibrantes e pelo gosto pela descrição minuciosa.

O Museu de Arte Moderna (MAM), no Aterro do Flamengo, abriga outras obras de Heitor, como Mulata, Caminho da Roça e Autorretrato, todas da Coleção Gilberto Chateaubriand, mas que não estão em exposição.





# Pixinguinha



**Compositor, flautista, saxofonista, arranjador, é um dos maiores nomes da música brasileira de todos os tempos. Herdeiro da melhor tradição do choro do final do século XIX, consolidou e renovou o repertório do gênero com clássicos como Carinhoso, Um a zero e Ainda me recordo. Foi criador de uma escola brasileira de arranjo, atuando ativamente como orquestrador.**

**Nascimento: Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 23/04/1897**

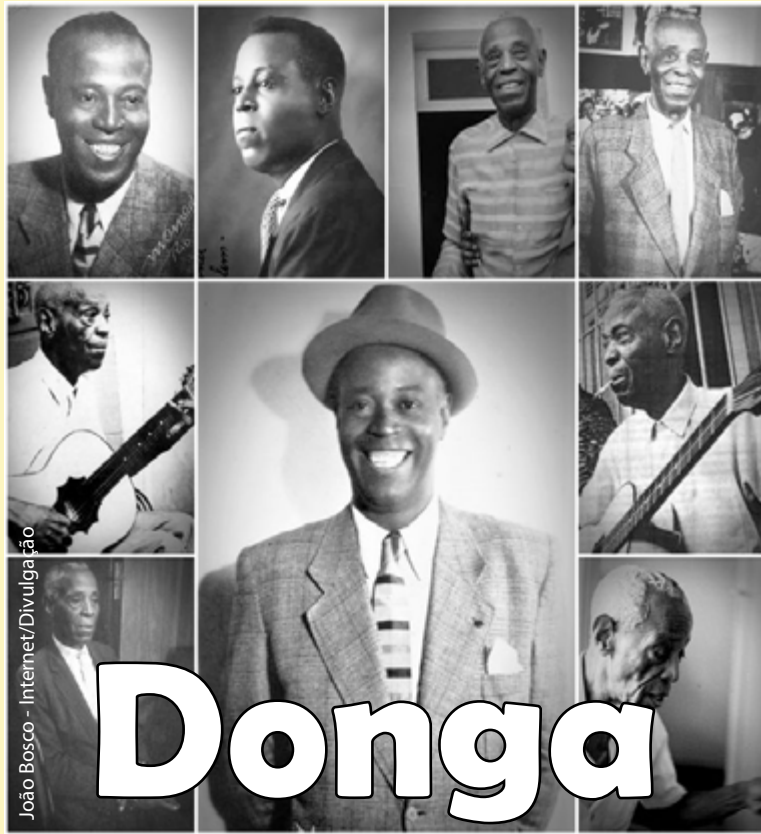
**Falecimento: Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 17/02/1973**

# João da Baiana



Foto: Instituto de Radiofusão Educativa da Bahia - IRDEB/Agência Brasil

Nasceu em 17 de maio de 1887. Caçula de uma família de doze irmãos, era o único a ter nascido no Rio de Janeiro. Cresceu na rua Senador Pompeu, tendo como vizinhos Donga e Heitor dos Prazeres, também precursores do samba, próximo à Praça Onze, coração daquilo que Heitor chamou de Pequena África.



Ernesto Joaquim Maria dos Santos, conhecido como Donga, (Rio de Janeiro, 5 de abril de 1890 — Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1974)

Seis de novembro de 1916 é a data da gravação do primeiro samba no Brasil, “Pelo Telefone”, de Ernesto Joaquim Maria dos Santos, mais conhecido como Donga.

O registro foi feito na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A partitura para piano é do mestre Pixinguinha. O documento permanece arquivado na biblioteca.

Nesta primeira versão, a canção não tinha letra, só melodia. Posteriormente, foram incluídos os versos do jornalista Mauro de Almeida, que teve seu nome incluído como co-autor.

No carnaval do ano seguinte, 1917, o samba se tornou um grande sucesso, tornando-se o ritmo que reinaria na folia até os dias atuais. O sucesso de “Pelo Telefone” fez com que diversos músicos reivindicasse sua autoria.

A canção também causou polêmica, por referir em sua letra a “polícia” e “roleta”, jogo proibido na época. Só anos depois, em 1960, em depoimento ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Donga confirmou ter mudado a letra para evitar atrito com as autoridades.

A canção foi composta em 1916, no quintal da casa da Tia Ciata, na Praça Onze, um famoso terreiro de candomblé daqueles tempos.

A letra de “Pelo Telefone”, um marco da música brasileira:

O chefe da folia  
Pelo telefone manda me avisar  
Que com alegria  
Não se questione para se brincar

Ai, ai, ai  
É deixar mágoas pra trás, ó rapaz  
Ai, ai, ai  
Fica triste se és capaz e verás

Tomara que tu apanhe  
Pra não tornar fazer isso  
Tirar amores dos outros  
Depois fazer teu feitiço

Ai, se a rolinha, sinhô, sinhô  
Se embarçou, sinhô, sinhô  
É que a avezinha, sinhô, sinhô  
Nunca sambou, sinhô, sinhô  
Porque este samba, sinhô, sinhô  
De arrepiar, sinhô, sinhô  
Põe perna bamba, sinhô, sinhô  
Mas faz gozar, sinhô, sinhô

O peru me disse  
Se o morcego visse  
Não fazer tolice  
Que eu então saísse  
Dessa esquisitice  
De disse-não-disse

Ah! ah! ah!  
Aí está o canto ideal, triunfal  
Ai, ai, ai  
Viva o nosso carnaval sem rival

Se quem tira o amor dos outros  
Por deus fosse castigado  
O mundo estava vazio  
E o inferno habitado

Queres ou não, sinhô, sinhô  
Vir pro cordão, sinhô, sinhô  
É ser folião, sinhô, sinhô  
De coração, sinhô, sinhô  
Porque este samba, sinhô, sinhô  
De arrepiar, sinhô, sinhô  
Põe perna bamba, sinhô, sinhô  
Mas faz gozar, sinhô, sinhô

Quem for bom de gosto  
Mostre-se disposto  
Não procure encosto  
Tenha o riso posto  
Faça alegre o rosto  
Nada de desgosto

Ai, ai, ai  
Dança o samba  
Com calor, meu amor  
Ai, ai, ai  
Pois quem dança  
Não tem dor nem calor

\*\* Com informações da Radioagência Nacional

# O Rio de Janeiro é conhecido como o berço do Carnaval brasileiro, com os desfiles das escolas de samba sendo um dos maiores símbolos dessa celebração.



FOTO: Deixa Falar / Arquivo / Reprodução

A origem dessa tradição remonta à própria cidade, com a fundação da primeira escola de samba do Brasil, a “Deixa Falar”, no bairro do Estácio, na década de 1920.

O termo “escola de samba” começou a ser usado na mesma época, inicialmente entre aspas, já que essas instituições ainda eram vistas como blocos carnavalescos.

Fundada em 12 de agosto de 1928, a “Deixa Falar” é reconhecida como pioneira por reunir os elementos que hoje caracterizam uma escola de samba.

Em 1929, aconteceu o primeiro concurso de sambas do Rio de Janeiro, onde a “Deixa Falar” competiu contra a Mangueira e o Conjunto Oswaldo Cruz, que mais tarde viria a se chamar Portela.

A origem dessa tradição remonta à própria

cidade, com a fundação da primeira escola de samba do Brasil, a “Deixa Falar”, no bairro do Estácio, na década de 1920.

O termo “escola de samba” começou a ser usado na mesma época, inicialmente entre aspas, já que essas instituições ainda eram vistas como blocos carnavalescos.

Fundada em 12 de agosto de 1928, a “Deixa Falar” é reconhecida como pioneira por reunir os elementos que hoje caracterizam uma escola de samba.

Em 1929, aconteceu o primeiro concurso de sambas do Rio de Janeiro, onde a “Deixa Falar” competiu contra a Mangueira e o Conjunto Oswaldo Cruz, que mais tarde viria a se chamar Portela.

Até 1930, cinco agremiações já se identificavam como escolas de samba: Estação Primeira de Mangueira, Oswaldo Cruz, Vizinha Faladeira, Para o Ano Sai Melhor e Cada Ano Sai Melhor.

Os desfiles oficiais das escolas de samba tiveram início apenas em 1932. No entanto, a “Deixa Falar” não participou oficialmente como escola de samba, optando por desfilar como rancho, que até então era a principal atração do Carnaval carioca.

Infelizmente, sua participação como rancho foi um fracasso, ficando fora das classificações.

Com o tempo, a “Deixa Falar” passou por mudanças significativas, enfrentou crises e, eventualmente, se uniu ao bloco União das Cores, dando origem à Estácio de Sá, que permanece ativa até hoje em sua sede original. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) reconheceu a Estácio de Sá como a primeira escola de samba do Brasil. Desde 2011, ela celebra seu aniversário na data de fundação da “Deixa Falar”.

Sergio Leao - 14.01.2025 - <https://novabrasilfm.com.br/arte-e-cultura/a-primeira-escola-de-samba-do-brasil-a-historia-da-deixa-falar>



Da esquerda p/direita: Nelson do Cavaquinho, Osmar Frazão, Waldomiro de Oliveira, Ismael Silva (compositor e fundador da Deixa Falar) e Bahianinho / FOTO: Diário do Osmar Frazão

# **Carnaval e Resistência Cultural: Além da Folia**

Por Wilson Inacio



O Carnaval brasileiro é muito mais do que uma festa. Trata-se da maior manifestação cultural do país, um evento que movimenta a economia, impulsiona a criatividade e serve como plataforma de resistência política e social. Muito além do brilho das fantasias e do ritmo contagiante das baterias, o Carnaval é um espaço onde diferentes vozes encontram palco para se expressar, questionar e transformar.

O Carnaval é uma potência econômica. Segundo dados do Ministério do Turismo, a festa gera bilhões de reais todos os anos, impulsionando setores como turismo, moda, música e audiovisual. Hotéis, restaurantes, transporte e comércio se beneficiam diretamente do evento, enquanto milhares de profissionais encontram emprego temporário na confecção de fantasias, montagem de carros alegóricos, produção de eventos e outras atividades essenciais para a realização da festa.

Além disso, o Carnaval fortalece a indústria criativa brasileira. O design das fantasias e alegorias, os enredos das escolas de samba e os blocos de rua inspiram tendências que reverberam em diferentes setores da economia. Não à toa, grandes marcas buscam associar suas imagens ao evento, ampliando seu alcance e impacto.

### **Escolas de Samba: Expressão Política e Social**

Desde suas origens, as escolas de samba são espaços de resistência e expressão política. Nascidas nas periferias e comunidades negras do Rio de Janeiro e de outras cidades, essas agremiações se tornaram símbolo de luta e afirmação cultural. Os enredos apresentados nos desfiles frequentemente abordam temas sociais, históricos e políticos, denunciando desigualdades, racismo e opressão.

Ao longo dos anos, diversas escolas de samba enfrentaram censura e perseguição por conta de seus enredos contestadores. No entanto, mesmo diante de desafios, elas continuam sendo uma das formas mais potentes de manifestação cultural do povo brasileiro, resgatando narrativas esquecidas pela história oficial e dando voz aos marginalizados.

### **O Protagonismo das Mulheres e da Comunidade LGBTQIAPN+ no Carnaval**

O Carnaval sempre foi um espaço de liberdade e reinvenção, e isso se reflete na presença marcante de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ na festa. Se antes a participação feminina era restrita a papéis limitados, hoje as mulheres comandam baterias, assinam enredos e dirigem escolas de samba. Além disso, sambistas, passistas e porta-bandeiras se tornaram referências na cultura carnavalesca, desafiando estereótipos e conquistando espaço.

A comunidade LGBTQIAPN+ também tem papel fundamental no Carnaval. Transformistas, drag queens, estilistas e artistas são responsáveis por parte significativa da estética e da inovação da festa. Muitos blocos e desfiles se tornaram espaços de resistência e celebração da diversidade, promovendo discussões sobre direitos e visibilidade.

Mais do que um momento de festa, o Carnaval é um reflexo da sociedade brasileira. Ele expressa a riqueza cultural do país, impulsiona a economia e serve como plataforma de resistência e transformação.

Em meio a desafios como a gentrificação e as novas formas de financiamento, a festa segue sendo um espaço essencial para o Brasil reafirmar sua identidade, celebrar sua diversidade e manter viva a chama da luta por um país mais justo e igualitário.



# Arte Indígena Brasileira Contemporânea

Por Wilson Inacio



A arte indígena contemporânea tem conquistado cada vez mais reconhecimento, revelando talentos que misturam tradição e inovação. O movimento de valorização dessas expressões artísticas reforça a importância da cultura ancestral na construção da identidade brasileira e dialoga com as novas tecnologias e linguagens visuais.

## Novos Artistas Indígenas Ganhando Reconhecimento

O cenário artístico brasileiro tem testemunhado a ascensão de diversos artistas indígenas que utilizam suas obras para narrar histórias, denunciar injustiças e ressignificar suas raízes. Nomes como Jaider Esbell, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco destacam-se por explorar técnicas variadas, desde pinturas e esculturas até performances e instalações multimídia.





# Denilson Baniwa



Divulgação



Divulgação



# Gustavo Caboco



Divulgação





Karina Bacchi

Moquém – Surarí: Jaider Esbell arte indígena contemporânea 34º Bienal de São Paulo /MAM São Paulo

Além disso, muitos jovens artistas indígenas estão conquistando espaço em galerias e museus, utilizando suas produções como forma de resistência cultural e questionamento das narrativas coloniais que por tanto tempo silenciaram suas vozes.

Com o avanço das tecnologias, a arte indígena contemporânea tem encontrado na arte digital um meio poderoso para difusão e preservação das tradições. Muitos artistas exploram a tecnologia para ressignificar elementos culturais, utilizando ilustrações digitais, realidade aumentada e videoarte para contar suas histórias.

Projetos inovadores também vêm surgindo, como exposições em realidade virtual que permitem aos espectadores mergulharem no universo indígena, experimentando suas tradições e mitologias de uma forma imersiva e interativa.

Nos últimos anos, diversas exposições e eventos culturais têm destacado a produção artística indígena, promovendo maior visibilidade e oportunidades para esses artistas. Eventos como a Bienal de São Paulo, a Mostra de Arte Indígena

Contemporânea e exposições individuais em museus renomados têm colocado a arte indígena em evidência.

Iniciativas independentes e coletivos culturais também desempenham um papel fundamental na promoção da arte indígena, organizando feiras, festivais e mostras itinerantes que levam essas expressões artísticas para diferentes públicos e espaços.

A arte indígena contemporânea é um reflexo vivo da riqueza cultural dos povos originários e de sua capacidade de adaptação e inovação. Ao unir tradição e modernidade, esses artistas não apenas preservam sua herança, mas também desafiam estereótipos e reivindicam seu espaço no cenário artístico nacional e internacional.

O reconhecimento e apoio a essas expressões são essenciais para garantir que a cultura indígena continue viva e pulsante nas próximas gerações.

# **DISQUE 100 RACISMO**

**RACISMO É CRIME! DENUNCIE!**

**AGORA O DISQUE 100 TAMBÉM RECEBE DENÚNCIAS DE RACISMO. SE VOCÊ FOI VÍTIMA OU PRESENCIOU UM CRIME DE RACISMO, DISQUE 100 E DENUNCIE!**

LEI Nº 6.496, DE 21 DE MARÇO DE 2019.

# Com apoio da Lei Paulo Gustavo, Luiz Melodia - No Coração do Brasil está em cartaz em todo país!

Luiz Melodia - No Coração do Brasil celebra a vida e obra de um dos maiores intérpretes da música brasileira. Com recursos da Lei Paulo Gustavo, o documentário em cartaz nos cinemas tem imagens inéditas, além de narração em primeira pessoa. O filme resgata a essência do artista que desafiou rótulos no mercado fonográfico com sua autenticidade e liberdade musical.

“O filme inspira não só músicos, mas todos que vivem de arte no Brasil. Um filme atemporal. Luiz foi muito inspirador e muito obstinado. E o que eu costumo dizer, ele foi um menino muito sonhador. Eu acho que isso está impresso no filme, e esse sonho, essa força do sonho moveu ele por toda a carreira”, diz a diretora e roteirista Alessandra Dorgan.



Foto: Simny Assessoria e Comunicação

distribuidora Embaúba Filme - responsável pela distribuição do documentário.

“Essa lei foi um divisor de águas para nós. Tínhamos vários filmes para lançar, ainda sem recursos, quando a LPG em Minas Gerais abriu a possibilidade de distribuidoras inscreverem projetos de carteira de filmes. Assim, o apoio não se deu de forma pontual, filme a filme. Ele nos possibilitou um projeto em que fizemos a previsão de lançar 10 longas com o recurso”, conta Daniel Queiroz, diretor da Embaúba Filmes.

Ao total, foram repassados pelo MinC a estados e municípios, o valor de R\$ 3,8 bilhões, com os rendimentos bancários chegou a R\$ 4,1 bilhões, desses, R\$ 3,9 bilhões foram usados.

A LPG permitiu a estados e municípios fortalecerem suas produções culturais. No Sudeste, região cujo edital contemplou a distribuição da obra, foram executados 95,6% do montante de R\$ 1,45 bilhão recebido. Minas Gerais se destacou ao utilizar 95,11% dos R\$ 378.278 destinados ao estado e municípios.

“A Lei Paulo Gustavo representou um marco no fomento à cultura e demonstrou que investimentos significativos no setor produtivo foram capazes de garantir o fortalecimento do fazer cultural e o acesso a suas obras, mesmo num contexto de recuperação pós-pandemia da Covid-19. Ela confirma o enorme potencial da produção cultural como motor de desenvolvimento econômico e social. O sucesso evidente após a divulgação da execução dos



Reconhecida como o maior investimento direto em cultura na história do Brasil, a Lei Paulo Gustavo, por meio de edital, contemplou a

recursos pelos entes federativos também reafirma o papel estratégico do Governo Federal na valorização e no fortalecimento da cultura em todas as suas dimensões”, aponta Teresa Oliveira, diretora de Fomento Direto da Secretaria Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura (Sefic).

## O documentário

Com registros que começam ainda na infância do artista, no Morro de São Carlos, no Rio de Janeiro, a obra detalha uma história de luta, resistência e busca incessante pela promoção da arte e da cultura. O documentário se destaca também pela escolha estética, integralmente construída a partir de memórias da cultura e da música dos anos 70 e 80.

“Então, a partir do momento que enxergamos o quanto ele sofreu tentativas de enquadramento, silenciamento e de ser colocado num lugar de marginalidade na música, a gente entendeu que o Luiz iria contar a própria história em primeira pessoa e que tudo ia ser narrado por ele”, explica.

A trilha sonora é outro ponto forte da produção. A equipe teve cuidado em manter um viés musical fiel à essência do artista. Sucessos como Pérola Negra, Juventude Transviada e Mistério da Raça embalam e traduzem a poesia única de Luiz Melodia.

“A música foi incorporada, assim como as falas do Luiz, tão importantes para que ele pudesse ter voz. A poesia dele dizia muito por ele. Uma obra enorme, importantíssima, com muitas músicas conhecidas”, pontua Alessandra.

## O legado de Luiz Melodia

Segundo a diretora, o maior desafio foi traduzir a essência de Luiz nas telas, sem recorrer a explicações excessivas para o público, mostrando tanto os bastidores, quanto as grandes performances.

“Depois de entender que ele foi um cara taxado, rotulado como maldito e difícil, e entendendo a natureza dele: um homem elegante, sensível, poeta e persistente, que sabia muito bem o que queria. Ao mesmo tempo, era alguém muito elegante com as pessoas e com sua estética. Pensei: ele tem tantas outras camadas”, conta.

“Esse homem sensível, esse poeta, artista único, que tinha uma voz maravilhosa, uma das maiores vozes da Música Popular Brasileira de todos os tempos”, completa.

No Coração do Brasil pode ser assistido em Aracaju, Belo Horizonte, Brasília, Florianópolis, Fortaleza, Londrina, Maceió, Manaus, Palmas, Poços de Caldas, Porto Alegre, Recife, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís, São Paulo e Vitória.

Entre os prêmios já conquistados estão o de Melhor Filme no In-Edit Brasil e no Festival Internacional de Cinema de Paraty. No Festival de Cinema Sul-Americano de Bonito, ganhou o prêmio do Júri Popular e foi considerado o Melhor Filme Sul-Americano.

“Depois de assistir ao filme, senti ainda mais orgulho desse homem corajoso e talentoso. É uma obra que encanta os jovens e emociona os mais velhos”, revela Jane Reis, viúva do cantor.

Categoria

Cultura, Artes, História e Esportes

Tags: LPGREGIAO CENTRO-OESTE AUDIOVISUAL



# 20 filmes para quem quer saber mais sobre a ditadura militar brasileira



<https://iclnoticias.com.br/atg/ditadura-militar-brasileira/>

## Veja, por meio do cinema, como foi o período da ditadura militar brasileira, que levou o país a 21 anos de repressão, tortura e violência

### Por que falar sobre a ditadura militar brasileira?

A memória de um povo não pode ser silenciada. As cicatrizes provocadas pela ditadura ainda se manifestam em nossa sociedade. Por isso, nosso passado não deve ser alvo de negação ou tentativas de minimizar o sofrimento causado pelo regime militar. Falar sobre a ditadura não é apenas revisitar o passado, mas contar para as novas gerações o que foi esse período e as fragilidades da nossa liberdade. Discutir sobre esse período da história do nosso país é um ato de resistência, de respeito aos que lutaram e de compromisso com uma sociedade pautada pelo direitos humanos e pela dignidade. A ditadura militar brasileira deixou marcas profundas em nossa sociedade. Ao longo de 21 anos, o país conviveu com a restrição da liberdade de expressão e a perseguição de opositores, resultando em prisões, torturas, assassinatos e desaparecimentos. Até hoje, a luta por justiça enfrenta o esquecimento e a negação dos crimes cometidos pelo Estado.

O cinema ajuda a manter viva essa memória. Embora muitos tentem negar o passado, através das lentes e das

telas, conseguimos ver para além dos números oficiais, transformando dados e documentos em histórias de corpo e alma. Neste artigo, você vai conhecer 20 obras do cinema nacional para quem quer saber mais sobre a ditadura militar brasileira.

### 1. Batismo de sangue (2006)



Baseado no livro homônimo escrito por Frei Betto, reconhecido como ícone na luta por justiça social no Brasil, o filme dirigido por Helvécio Ratton narra a batalha travada por frades dominicanos na luta clandestina contra a ditadura militar no final dos anos 1960.

A obra registra o período após o decreto do Ato Institucional N° 5 (AI-5), que deu aos militares carta branca para perseguir opositores do regime, intensificando a perseguição e a tortura.

Em “Batismo de sangue”, os freis Betto, Oswaldo, Tito, Fernando e Ivo, movidos pelos ideais cristãos, passam a apoiar a Ação Libertadora Nacional (ALN), grupo guerrilheiro comandado por Carlos Marighella. O grupo de frades dominicanos passa, então, a ser vigiado pela polícia, preso e submetido a tortura.

O filme está disponível nas plataformas de streaming Globoplay e Prime Video.

Classificação indicativa: 16 anos.

## 2. Eles não usam black-tie (1981)



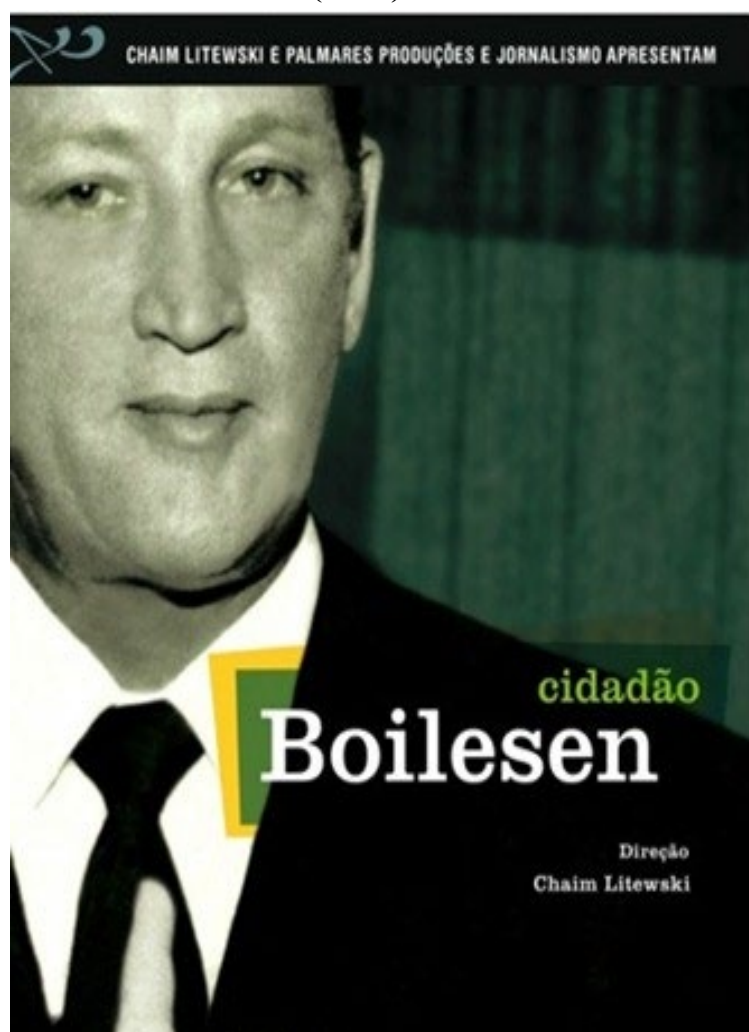
Nos anos de 1970, após uma descoberta de gravidez, o jovem operário Tião e a namorada Maria decidem se casar. No mesmo período, uma greve eclode e o pai de Tião, Otávio, um líder sindicalista veterano, decide aderir ao movimento grevista, chegando a ser espancado e preso pela polícia. Já o filho, preocupado

com o casamento e temendo perder o emprego, decide furar a greve.

A obra, além de expor conflitos familiares, apresenta uma oposição entre a esperança em uma ação coletiva e a confiança em uma iniciativa individual como método para melhorar a vida da classe trabalhadora. O filme, dirigido por Leon Hirszman, é uma adaptação da peça teatral homônima do dramaturgo ítalo-brasileiro Gianfrancesco Guarnieri.

O filme está disponível nas plataformas de streaming Globoplay e Looke. Classificação indicativa: 14 anos.

## 3. Cidadão Boilesen (2009)



Com um vasto repertório de depoimentos, o documentário, dirigido por Chaim Litewski, revela as ligações do empresário Henning Albert Boilesen (1916–1971) com a ditadura militar brasileira. Presidente do grupo Ultra, dono da empresa Ultragaz, Boilesen é apontado como um dos – entre diversos empresários – financiadores da Operação Bandeirantes (Oban), um braço repressivo do regime militar.

Além dos aportes financeiros, ele também teria participado de sessões de tortura promovidas pelos agentes da ditadura. O empresário foi morto por guerrilheiros em 1971, que, sobre seu corpo, espalharam panfletos revolucionários.

O documentário não está disponível em plataformas oficiais de streaming.

Classificação indicativa: 12 anos.



#### 4. O pastor e o guerrilheiro (2022)



Este filme, inspirado no livro “Araguaia, relatos de um Guerrilheiro”, de Glênio Sá, narra o encontro de João, um jovem que largou a faculdade para se juntar à Guerrilha do Araguaia e acabou preso em 1969 e Zaqueu, um jovem cristão preso injustamente. Na cadeia, eles superam as diferenças, a fome e a tortura, se apoiam e marcam um encontro para a virada do milênio, em 1999.

Às vésperas do encontro marcado, Juliana, uma ativista estudantil e filha ilegítima de um ex-militar que tirou a própria vida, recebe uma herança e por meio de um livro, descobre que seu pai foi o responsável por torturar os dois jovens durante o sombrio período da ditadura militar brasileira.

O filme está disponível na plataforma de streaming Telecine. Classificação indicativa: 16 anos.

#### 5. O ano em que meus pais saíram de férias (2006)



garoto de 12 anos, muda completamente quando seus pais decidem sair de férias e o menino é levado às pressas para a casa do avô, onde deve ficar escondido. Na década de 1970, embora o país enfrente o duro período da ditadura militar, o sonho de Mauro é ver o Brasil tricampeão da Copa do Mundo.

Com a morte do avô, ainda no mesmo dia em que foi deixado pelos pais, o garoto acaba morando com um vizinho, Shlomo. Enquanto aguarda notícias sobre a família, Mauro precisa se adaptar à nova realidade no bairro do Bom Retiro, distrito da capital paulista com uma forte comunidade judaica.

O filme não está disponível em plataformas oficiais de streaming. Classificação indicativa: 10 anos.

#### 6. Em busca de Iara (2013)



O documentário explora a trajetória da professora e psicóloga Iara Iavelberg, uma militante marxista do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), morta em 1971, em Salvador, na Bahia. Iara era um troféu para a ditadura, que, por meio dela, buscava chegar ao capitão Carlos Lamarca, então companheiro da jovem.

Roteirizado por Mariana Pamplona, sobrinha de Iavelberg, e dirigido por Flávio Frederico, o longa busca entender os passos da militante, sua participação na luta contra a ditadura militar brasileira e sua morte, oficialmente apontada como suicídio, mas questionada pela família.

O filme está disponível na plataforma de streaming Claro TV+. - Classificação indicativa: 12 anos.

## 7. Torre das donzelas (2018)



O documentário retrata a história de um grupo de presas políticas que ocupou uma cela entre o fim dos anos de 1960 e 1972 na Torre das Donzelas, como era conhecida a ala feminina no alto do Presídio Tiradentes, extinta penitenciária localizada na capital paulista. Na obra, dirigida por Susanna Lira, ex-companheiras de cela de Dilma Rousseff revisitam o passado em relatos emocionantes em que falam sobre a tortura, amizade e a luta por liberdade. O filme está disponível na plataforma de streaming Claro TV+. Classificação indicativa: 12 anos.

## 8. Marighella (2019)



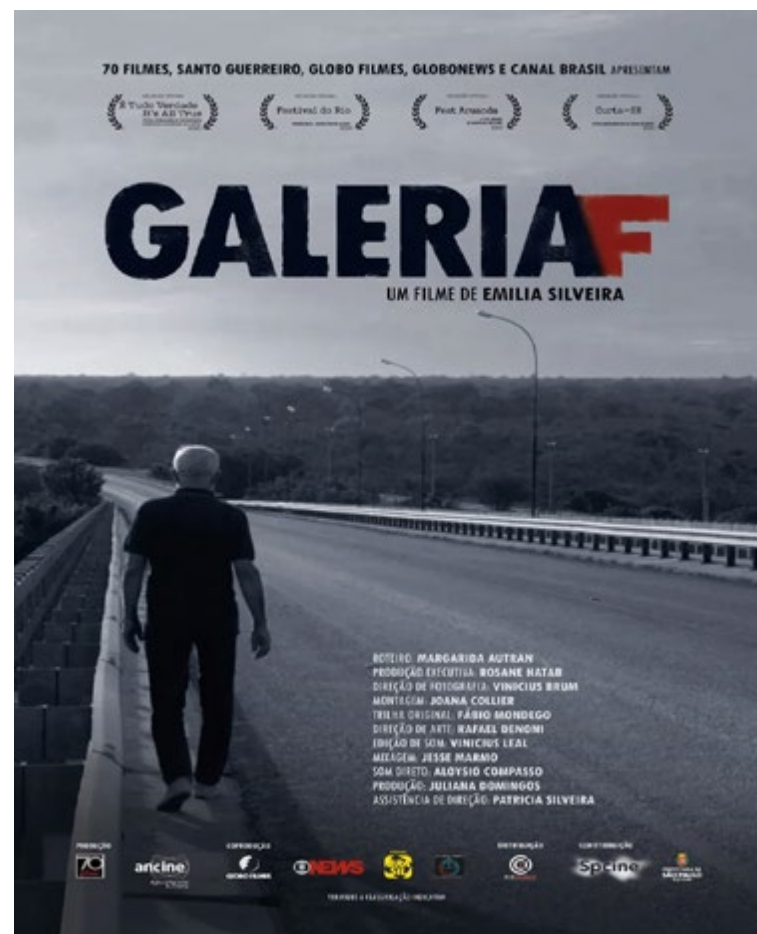
O filme retrata os últimos cinco anos de vida do escritor, político e guerrilheiro comunista Carlos Marighella, morto violentamente por agentes do Estado em 1969. Com o apoio de outros militantes, o revolucionário decide pegar em armas para enfrentar os horrores da ditadura militar brasileira, precisando se afastar do próprio filho como forma de protegê-lo.

O longa, dirigido por Wagner Moura, é baseado na biografia “Marighella: o Guerrilheiro que Incendiou o Mundo”, escrita por Mário Magalhães.

O filme está disponível nas plataformas de streaming Globoplay, Prime Video e Apple TV.

Classificação indicativa: 16 anos.

## 9. Galeria F (2017)

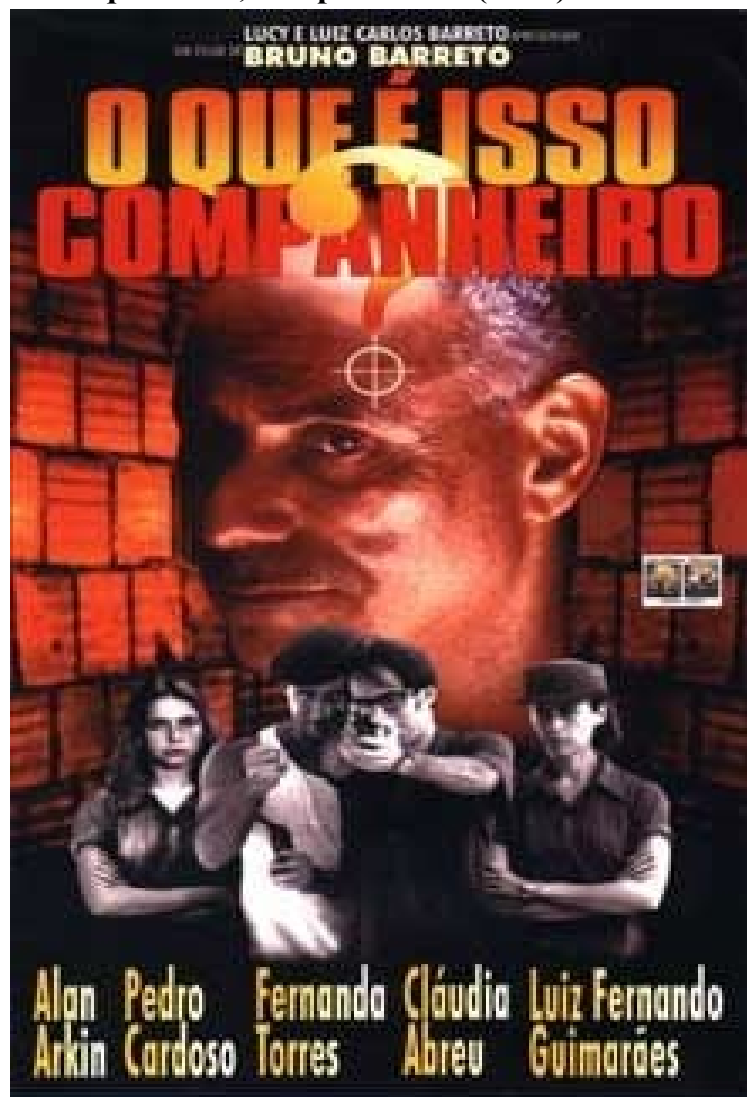


Tendo iniciado a trajetória na luta contra a ditadura aos 14 anos, o militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, Theodomiro Romeiro dos Santos, foi o primeiro preso brasileiro condenado à morte no período republicano, após assassinar um sargento em 1971. Posteriormente a pena foi substituída por prisão perpétua.

Theo permaneceu detido por 9 anos, até que em 1979, à iminência da Lei da Anistia e temendo a própria morte, decide fugir. Neste documentário, dirigido por Emília Silveira, Theodomiro refaz o caminho dessa fuga, 40 anos depois, e acompanhado do filho, Guga, que pela primeira vez tem contato com a história do pai. O filme não está disponível em plataformas oficiais de streaming.

Classificação indicativa: Livre.

## 10. O que é isso, companheiro? (1997)

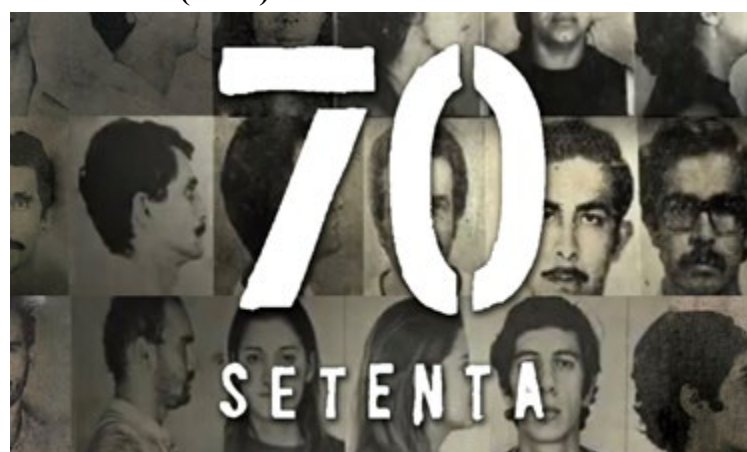


Em 1969, militantes do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e da Ação Libertadora Nacional (ALN) planejam o sequestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick. Esse foi o primeiro de quatro sequestros a embaixadores ocorridos durante a ditadura militar brasileira.

Baseado no livro homônimo de Fernando Gabeira, um dos participantes da ação, o filme dirigido por Bruno Barreto busca narrar a história, valendo-se de diversas licenças ficcionais. O filme está disponível gratuitamente no YouTube ou nas plataformas de streaming Globoplay, Prime Video, Looke e Mubi.

Classificação indicativa: 14 anos.

## 11. Setenta (2013)



O documentário de Emília Silveira retrata a história do sequestro do embaixador suíço no Brasil, Giovanni Enrico Bucher, em 1970, durante a ditadura militar brasileira. Em troca, os sequestradores exigiram a libertação de 70 presos políticos. Na obra, 18 personagens da história relembram os acontecimentos do passado, 40 anos depois. O filme está disponível na plataforma de streaming Globoplay.

Classificação indicativa: 12 anos.

## 12. Cabra marcado para morrer (1984)



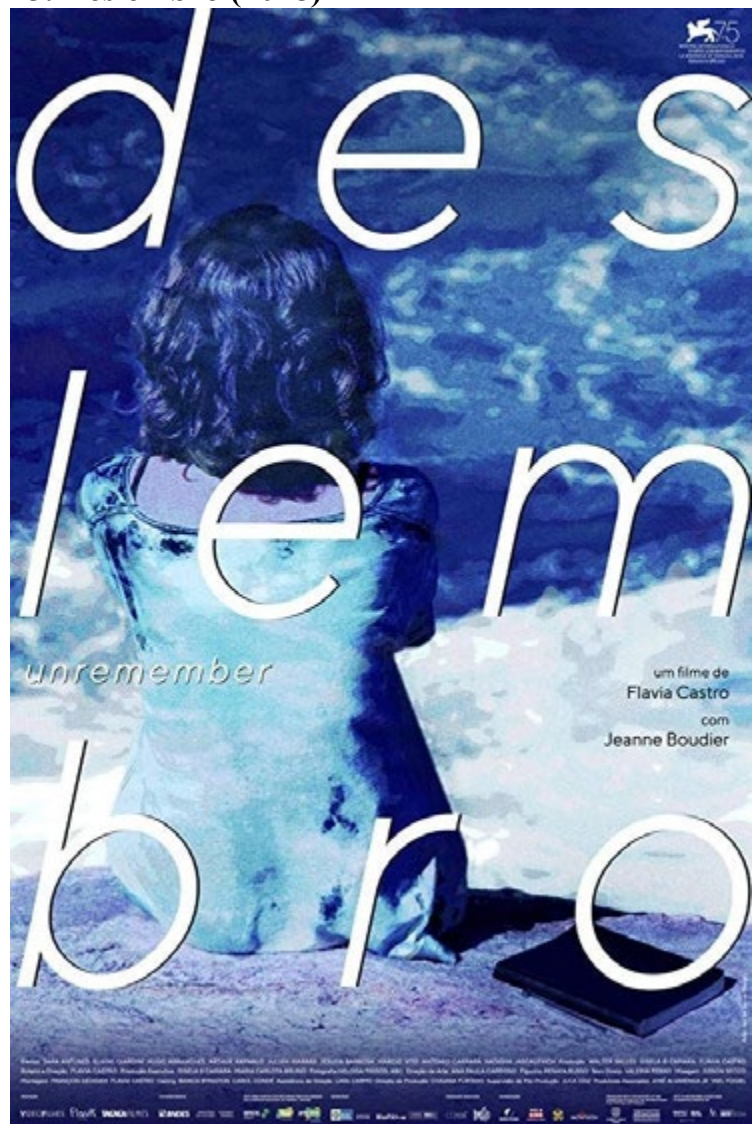
Este documentário, dirigido por Eduardo Coutinho, pretendia contar a história de João Pedro Teixeira, líder da Liga Camponesa de Sapé (PB) assassinado em abril de 1962, a mando de latifundiários. Em 1964, as filmagens são iniciadas, mas o projeto é interrompido após os equipamentos serem apreendidos pelo Exército.

Após 17 anos, o diretor decide reencontrar os personagens que participaram das filmagens iniciais. Em contato com as imagens do passado, os participantes, então, elaboram suas experiências ao longo do tempo, relatando prisões, torturas e a reconexão com a própria identidade.

O filme está disponível nas plataformas de streaming Telecine e Curta!On.

Classificação indicativa: 12 anos.

### 13. Deslembro (2018)



O filme da diretora Flávia Castro acompanha a história de Joana, uma adolescente que nasceu no Brasil, mas durante a ditadura militar brasileira precisou se mudar com a família para Paris, na França.

Crescida na Europa e sem tanto contato com o Brasil, após a Lei da Anistia, ela retorna ao país onde nasceu. No Rio de Janeiro, cidade onde seu pai desapareceu nos porões do Dops (Departamento de Ordem Pública e Social), Joana precisa lidar com o próprio passado. O filme está disponível na plataforma de streaming Reserva Imovision. Classificação indicativa: 14 anos.

### 14. O dia que durou 21 anos (2024)



O papel dos Estados Unidos no golpe militar em 1964 é tema deste documentário, do diretor Camilo Tavares. A produção investiga a atuação do embaixador estadunidense no Brasil, Lincoln Gordon, no financiamento de estudos e disseminação de propaganda com o objetivo de minar a estabilidade do governo do presidente João Goulart.

Documentos do arquivo norte-americano, classificados como secretos durante 46 anos, são exibidos ao público, revelando a omissão dos Estados Unidos em relação às prisões, torturas, assassinatos e desaparecimentos promovidos pelo Estado brasileiro e que assolaram o país por 21 anos. O documentário está disponível para assinantes na plataforma do ICL.

Classificação indicativa: 12 anos.

### 15. Tatuagem (2013)



O filme se passa em 1978, no Recife (PE), durante a ditadura militar brasileira. Clécio Wanderley é o diretor de um grupo teatral intitulado Chão de Estrelas, que apresentava espetáculos marcados pela irreverência e deboche. Certo dia, Paulete, a principal estrela da trupe e com quem Wanderley mantinha um relacionamento, recebe a visita do cunhado, o jovem militar Fininha.

O choque entre o mundo militar, marcado pela ditadura e pela rigidez e o Chão de Estrelas, representando a arte, liberdade e a subversão do teatro em uma época de repressão, fica evidente quando Fininha e Clécio engatam numa história de amor. O filme, de Hilton Lacerda, busca narrar uma história política e sexual, que por meio do passado, pretende também falar sobre o presente.

O filme está disponível nas plataformas de streaming Reserva Imovision, Claro TV+ e Netflix.

Classificação indicativa: 16 anos.

## 16. Zuzu Angel (2006)



O filme do diretor Sérgio Rezende se debruça sobre a trajetória real da estilista mineira Zuleika Angel Jones, mais conhecida como Zuzu Angel. Alcançando sucesso nacional e internacional, a vida dela muda totalmente quando seu filho, Stuart Angel, entra na luta armada contra a ditadura militar brasileira. Em 1971, aos 25 anos, o jovem é preso e se torna um desaparecido político. A estilista travou uma luta contra o regime militar, em busca do corpo do filho. O incômodo aos militares foi tão grande, que ela chegou a entregar bilhetes para diversos artistas e intelectuais com a mensagem “Se eu aparecer morta, por acidente, assalto ou qualquer outro meio, terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho”. Uma semana depois, Zuzu Angel foi morta em um acidente de automóvel no Rio de Janeiro, classificado em 1998 pela Comissão Nacional da Verdade como fruto da atuação política da estilista. O filme está disponível nas plataformas de streaming Apple TV e Box Brazil Play. Classificação indicativa: 14 anos.

## 17. Hércules 56 (2007)



Durante a semana da independência em setembro de 1969, integrantes da Aliança Nacional Libertadora (ANL), do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e da Dissidência da Guanabara (DI-GB) sequestram o então embaixador dos Estados Unidos o Brasil, Charles Burke Elbrick. Em troca da libertação, os militantes exigem que 15 presos políticos sejam postos em liberdade e, além disso, que a leitura de um manifesto contra a ditadura militar brasileira seja feita em rede nacional.

O sequestro termina com a libertação de Elbrick e a soltura dos presos, que foram expulsos do país e levados, em um avião Hércules 56 da FAB, para o México. O documentário de Silvio Da-Rin relembra os fatos da época, por meio de entrevistas com os sobreviventes. O documentário está disponível nas plataformas de streaming Curta!On e Looke.

Classificação indicativa: Livre.

## 18. Verdade 12.528 (2013)



O documentário dos diretores Paula Sachetta e Peú Roble usa depoimentos de vítimas da repressão e ex-presos políticos para retratar a importância da Comissão Nacional da Verdade, criada em 2011 por meio da Lei Nº 12.528. O documentário está disponível gratuitamente na plataforma de streaming Libreflix. Classificação indicativa: 12 anos.

## 19. Missão 115 (2018)



O título deste documentário faz alusão a uma suposta operação de vigilância, realizada pelo DOI-CODI no Rio de Janeiro. A ação tinha como objetivo realizar um atentado a bomba durante uma apresentação musical no Dia do Trabalho de 1981 no Riocentro, um centro de convenções no Rio de Janeiro.

A produção, do diretor Silvio Da-Rin, traz o depoimento de um dos terroristas envolvidos, o ex-militar Claudio Guerra. O atentado, que acabou frustrado, era uma tentativa de sabotar a redemocratização do país, prolongar a ditadura militar brasileira e atribuir a culpa a militantes da esquerda. O documentário não está disponível em plataformas oficiais de streaming.

Classificação indicativa: 12 anos.

## 20. O mensageiro (2023)



LUTO

A história deste drama, dirigido por Lúcia Murat, retrata Vera, uma jovem presa política detida em uma prisão militar em 1969. No cárcere, ela conhece o soldado Armando, um jovem que veio do sul do país para servir ao Exército. Diante das cenas de tortura que presenciou, o militar decide levar uma mensagem para a mãe de Vera, uma senhora católica e conservadora com quem Armando estabelece uma relação de afeto.

Anos depois, Vera se torna uma professora universitária e, aos 70 anos, debate com os alunos sobre política, perdão e Hannah Arendt, filósofa alemã de origem judia responsável pelo conceito de banalidade do mal, se referindo a um mal cuja prática se tornou comum.

O filme está disponível na plataforma de streaming Claro TV+.

# Cineasta Cacá Diegues morre aos 84 anos no Rio

Neste momento de luto, expressamos nossas sinceras condolências aos familiares, amigos e admiradores de Cacá Diegues. Sua obra permanecerá como um marco na história do cinema e da cultura do Brasil.



O cineasta Cacá Diegues (foto) - Carlos José Fontes Diegues - morreu nesta sexta-feira (14) aos 84 anos, no Rio de Janeiro. A informação foi confirmada pela Academia Brasileira de Letras (ABL). A morte foi em decorrência de complicações causadas por uma cirurgia.

Um dos precursores do movimento artístico Cinema Novo, Carlos Diegues nasceu em 19 de maio de 1940, em Maceió (AL), e mudou-se para o Rio de Janeiro, com a família, aos seis anos de idade.

Começou no cinema quando ainda estava no Diretório Estudantil da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PU-C-Rio), onde fundou um cineclube e passou a fazer produções cinematográficas amadoras, junto com colegas como Arnaldo Jabor.

O cineclube foi um dos núcleos de fundação do Cinema Novo, movimento inspirado pelo neorrealismo italiano e pela Nouvelle Vague francesa, e marcado pelas críticas políticas e sociais, principalmente durante a ditadura militar.

#### Produções

Entre suas produções dentro do movimento, destacam-

-se Ganga Zumba (1964), A Grande Cidade (1966) e Os Herdeiros (1969). Em 1969, deixou o Brasil e foi morar na Europa, por ter participado da resistência intelectual e política à ditadura. Ao retornar, na década de 70, dirigiu Quando o Carnaval Chegar (1972), Joanna Francesa (1973), Xica da Silva (1976), Chuvas de Verão (1978) e Bye Bye, Brasil (1980).

No período de retomada do cinema brasileiro, lançou Tieta do Agreste (1996), Orfeu (1999) e Deus é Brasileiro (2002). O Grande Circo Místico (2018) foi seu último lançamento como diretor.

Ao longo de sua carreira, conquistou prêmios em inúmeros festivais nacionais e internacionais. Em 2018, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Nelson Pereira dos Santos.

“Sua obra equilibrou popularidade e profundidade artística, abordando temas sociais e culturais com sensibilidade. Durante a ditadura militar, viveu no exílio, mantendo-se sempre ativo no debate sobre política, cultura e cinema. A ABL expressa solidariedade à esposa, Renata Almeida Magalhães e aos filhos”, informou a ABL, por meio de nota divulgada em suas redes sociais.





A Akira Antologia está com inscrições abertas para a sua 1ª Antologia de Poesias: “Nesta Janela”!

Inspirada no trecho do poema de Carlos Drummond de Andrade:

“O mundo é grande e cabe nesta janela sobre o mar...”



 **CHAMADA  
PARA POETAS!**

 **1ª ANTOLOGIA DE  
POESIAS AKIRA ANTOLOGIA**

PERÍODO DE INSCRIÇÕES: DE 16/02/2025  
A 16/03/2024

***Inscrição gratuita!***

**REGRAS PARA PARTICIPAR:**

**TEMA LIVRE:** Envie poemas sobre qualquer assunto.

**LIMITE:** Até 3 poemas por autor, com no máximo 20 linhas cada.

**FORMATAÇÃO:** Fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5.

**INSCRIÇÃO GRATUITA:** Envie seus poemas para [curadoriaakira@yahoo.com](mailto:curadoriaakira@yahoo.com) com o assunto:  
Inscrição Antologia “Nesta Janela”.

**Não perca esta chance de ver sua poesia publicada!**

# Publicação relembra legado da Semana de Arte Moderna de 22



O livro “Semana de Vinte e Dois: Olhares Críticos”, lançado pelas Publicações BBM em parceria com as Edições Sesc, traz 15 ensaios escritos por especialistas nas áreas de literatura, sociologia, história, cinema e cultura brasileira, como Aracy Amaral, Carlos Augusto Calil, Eduardo Coelho, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Maria Augusta Fonseca, Sergio Miceli

Post category: Caderno de Cultura  
<https://jornal.usp.br/?p=855157>  
Publicado: 18/02/2025 às 14:38

Em 13 de fevereiro de 1922, há 103 anos, começava a Semana de Arte Moderna de 22, no Theatro Municipal de São Paulo, na capital paulista, que terminaria no dia 17 de fevereiro. Para marcar a data e o evento, podemos relembrar o livro *Semana de Vinte e Dois: Olhares Críticos*, lançado em 2022 pelas Publicações BBM em parceria com as Edições Sesc.

O livro traz ensaios escritos por especialistas nas áreas de literatura, sociologia, história, cinema e cultura brasileira, os quais atuam ou atuaram como críticos e curadores de arte, dirigentes de instituições culturais públicas e professores de universidades, como Aracy Amaral, Carlos Augusto Calil, Eduardo Coelho, Maria Arminda do Nascimento Arruda, Maria Augusta Fonseca, Sergio Miceli. Um dos autores também é o organizador: Marcos Antonio de Moraes, docente de Literatura Brasileira no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP.

### Reavaliação crítica

A obra é dividida em três partes e contém 15 estudos, nos quais foi reavaliado criticamente o legado da Semana de Arte Moderna de 1922, sob múltiplos ângulos interpretativos, organizados a partir de conceituações e instrumentos analíticos atualizados, e, sobretudo, do distanciamento crítico, aberto pela passagem do tempo.

No capítulo 8, por exemplo, intitulado “Paulo Prado no Centro [Da Fotografia que não é] da Semana de Arte Moderna”, escrito por Carlos Augusto Calil, foi contada a história da foto (no início deste texto) que ficou associada à semana como sendo a oficial do evento, mas não é.

A primeira observação é a ausência na foto de artistas que estiveram presentes no evento: Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Anita Malfatti e Guiomar Novais. Enquanto que outros ausentes na semana estão no registro: Manuel Bandeira e Rubens Borba de Moraes (um personagem importante para a formação da BBM, pois a coleção de obras raras da biblioteca foi formada pelo seu acervo também). Além disso, a reunião na qual foi registrada a imagem aconteceu em 16 de janeiro de 1924, e foi noticiada no jornal *A Gazeta* no dia seguinte, com o título *Homenagem a Paulo Prado*. A obra é o resultado de um seminário promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São

Paulo, dentro das atividades previstas no Projeto 3 Vezes 22, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) em parceria com o IEB e a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP.

“Ao concluir a leitura, o leitor terá descortinado um mapa rico e abrangente de informações e leituras interpretativas, inéditas ou reformuladas segundo bases atuais, que, entre outras visões e versões correntes em disputa, contribui de forma valiosa para a ressignificação da Semana de Arte Moderna numa época agora centenariamente apartada daquelas noites controversas”, destaca Frederico Camargo, doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP, na orelha do livro.

**O Projeto 3 Vezes 22 da BBM** teve como objetivo principal a produção e disseminação de conhecimento em torno dos temas do bicentenário da Independência (1822), do centenário da Semana de Arte Moderna (1922) e da história e desafios do nosso tempo. Saiba mais na página do projeto.

O setor de Publicações foi criado na BBM em 2017. E, desde então, tem buscado publicar obras que possam projetar as atividades desenvolvidas na biblioteca. Algumas destas obras foram em parceria com a Editora da USP (Edusp) e com as Edições Sesc. *Semana de Vinte e Dois: Olhares Críticos* pode ser adquirido presencialmente nas livrarias da Edusp ou por sua livraria virtual.

\*Estagiária sob supervisão de Eliete Viana



Foto reconhecida como símbolo da Semana de Arte Moderna, mas que foi tirada apenas dois anos após o evento, em um almoço sediado no antigo Hotel Terminus – Fotografia publicada no livro *Artes Plásticas na Semana de 22*, de Aracy Amaral, em 1970

# Charges nas redes







MÃE! TEM  
UM ALFACE  
NO MEU  
AGROTÓXICO...











OI, MÃE!  
ESTOU  
FAZENDO UM  
JORNAL COM  
OS FATOS  
DAQUI DE  
CASA.

QUE  
BOM.

© 1989 Watterson/Distributed by Andrews McMeel Syndication



AGORA ESTOU  
PRECISANDO DE  
UMA MATÉRIA  
DE CAPA.  
POSSO TE  
ENTRE-  
VISTAR?

CLARO.



MUITO BEM,  
O QUE VOCÊ  
ESTÁ AÍ  
CORTANDO  
PRO JANTAR?

PEIXE.



**MANÍACA  
DA FACA  
RETALHA  
ICTIÓIDE!  
FAMÍLIA  
DEVORA  
VÍTIMA!**

FORA DA  
COZINHA!  
PRA FORA!

# O pós-modernismo e este ar cínico que se respira

<https://outraspalavras.net/poeticas/o-pos-modernismo-e-este-ar-cinico-que-se-respira/>

## Diógenes de Sinope, o mais legendário dos cínicos clássicos

OutrasPalavras

Poéticas

por Alfons C. Salellas Bosch

Publicado 17/01/2025

às 17:10 - Atualizado

17/01/2025 às 19:28



**Os filósofos gregos aspiravam à verdade nua e crua. Mas o cinismo que os pós-modernos legarão às gerações futuras será a desconfiança geral e uma terrível propensão para ironizar e ridicularizar, sem nenhuma ambição de redimir**

**Por Alfons C. Salellas Bosch**

Chegava ao teatro de costas e saía andando pela porta da frente. Peidava em público. Convidado para ir à casa de um homem rico, cuspiu-lhe na cara porque, como disse, não encontrou lugar mais adequado. Morava num barril e um dia Alexandre, o Grande, que o admirava, fez-lhe uma visita. Eu lhe concedo um desejo, lhe disse, e ele respondeu, saia da frente do meu sol que está me fazendo sombra. Com uma lanterna acesa em plena luz do dia, ele andava pela cidade dizendo no meio da multidão “Procuro um homem”. Mas o que ele procurava mesmo era alguém que estivesse acima das convenções sociais, dos caprichos da fortuna, capaz de viver de forma independente, de acordo com a sua própria natureza e, desta forma, ser feliz.

Os exemplos e anedotas sobre a vida de Diógenes de Sinope, a figura mais lendária do cinismo antigo, são muitos, mas o que, entre tantas histórias, se perde de vista é que, como

todas as escolas e correntes de pensamento gregas, o cinismo foi nem mais nem menos que isso, uma proposta de felicidade. Uma alternativa desinibida, sarcástica e irreverente, sim, mas no seu objetivo final não se desviou nem um milímetro do que perseguiam as outras filosofias do seu tempo. Recomendou uma gaia ciência, um conhecimento alegre e insolente, em vista de uma sabedoria prática eficaz. “Não seja escravo de nada nem de ninguém do seu pequeno universo” foi a máxima a partir da qual o cínico se dedicou a quebrar uma após outra as máscaras da vida civilizada e a opor à hipocrisia dos bons costumes a vida do cachorro (cynós: “cachorro” em grego). A sua vontade era estética – considerava a ética apenas uma modalidade de estilo – e aplicou-a à sua vida, que concebeu como um jogo. No cínico, o filósofo deixa de ser geômetra (Platão, Aristóteles...) para se tornar artista, cenógrafo e experimentador de novas formas de existência. Cada vida, uma obra de arte que não aceita cópias.

Antístenes, Diógenes, Crates e Hipparchia, Demônax... Para os cínicos só são livres aqueles que nada esperam e a quem nada assusta. Desesperar-se, então, isto é, deixar de esperar receber o significado das coisas nos mitos e nas ilusões metafísicas, que eles entendiam como instrumentos de domesticação humana, e responder apenas à sua própria norma. Portanto, não procurar em outro lugar, em qualquer transcendência alienante, o princípio que deve nortear a nossa ação. Crítico dos papéis que nos são atribuídos pela máquina social – familiar, profissional, política... –, o cinismo é um bom solvente para a maioria das ideologias, denunciadas como fábulas, consolações e distorções da história, mas isso não o isenta de um idealismo marcante que, a partir de certo ponto, acaba por trair a si mesmo. É, sem dúvida, o pai espiritual da Realpolitik, a política dos fatos consumados – a mais cínica de todas as políticas – e do individualismo capitalista neoliberal, que pretende que cada homem é uma ilha e se basta a si mesmo.

A diferença fundamental entre o cinismo clássico e o contemporâneo é que o primeiro, com todas as suas contradições, aspirava à verdade nua e crua para mostrá-la a quem não queria vê-la (a parresia de que falou Michel Foucault na sua última lição, em 1983), enquanto o segundo atua manipulando e ocultando a verdade para apresentá-la como mentira. O cinismo do nosso tempo baseia-se num desprezo pela bondade, numa desconfiança sistemática da honestidade e numa suspeita constante do altruísmo, se não numa negação direta da benevolência que outros possam expressar. Uma atitude geral em relação ao mundo e à vida caracterizada por um anti-idealismo deliberadamente provocativo – e, por vezes, estupidamente rude – através de um pretenso pseudo-realismo amoral, que descarta como ingênuo ou falso tudo o que pode conferir ao comportamento humano algum tipo de esplendor. Não precisa acrescentar que, ao contrário do passado, o cinismo de hoje só toma a felicidade como motivo de escárnio.

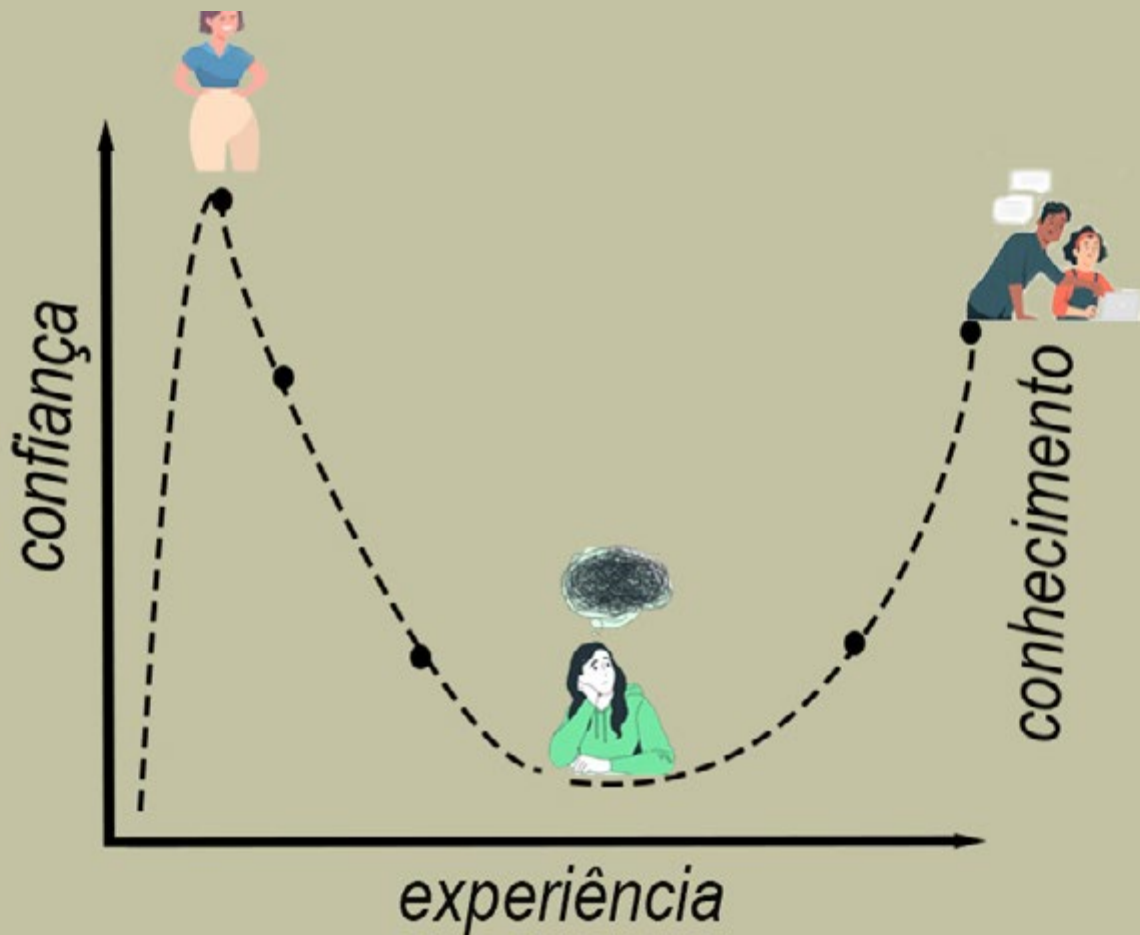
No final do seu livro *A morte da verdade* (Intrínseca, 2018), a crítica norte-americana Michiko Kakutani afirma que na década de 60, quando o pós-modernismo – a expressão artística, literária e filosófica da pós-modernidade – decolou, foi uma corrente antiautoritária que, através da ironia, se

apresentou como um antídoto saudável para as velhas crenças e convenções rígidas, numa época em que o mundo parecia cada dia mais absurdo. Anexemos que, desde então, a derrubada não só de todas as tradições humanistas, mas também do humanismo tout court, pareceu a muitos uma grande ideia. Este anti-humanismo encontra sua fonte de inspiração – o que não significa que nele se defenda explicitamente – nas últimas páginas de *As palavras e as coisas*, o célebre ensaio da primeira fase de Foucault, publicado em 1966.

O escritor David Foster Wallace, que morreu em 2008, pensava que embora a ironia pós-moderna fosse uma poderosa ferramenta crítica para explodir tudo, o pós-modernismo era em si uma teoria destrutiva, boa para fazer faxina, mas excepcionalmente “inútil na construção de alternativas para substituir as hipocrisias que desmascara.” O pós-modernismo, continuou Wallace, propagou um cinismo que tornou os escritores mais relutantes em relação a valores considerados agora antigos como “sinceridade, originalidade, profundidade e integridade”. Protegeu “do escárnio o colecionador de escárnios” e, ademais, parabenizou-o por estar “acima da massa que ainda se apegava a pretensões antiquadas”.

O pós-modernismo, como lembra Kakutani, também produziu obras genuínas e inovadoras como, por exemplo, *A piada infinita* (1996), do próprio David Foster Wallace, mas o legado pós-moderno para as gerações futuras terá sido, segundo o mesmo escritor, sarcasmo e cinismo, desconfiança geral e uma terrível propensão para ironizar e ridicularizar sem nenhuma ambição de redimir. Este beco sem saída é o que se infiltrou na nossa cultura e se tornou a nossa língua. “A ironia pós-moderna tornou-se o nosso meio ambiente”, escreveu Wallace, esse ar cínico que se respira, indiferente na melhor das hipóteses, hostil na pior, que só sabe ver cálculo e estratégia em tudo e em todos – o que em algumas sociedades levou à normalização do ódio – e cujo oposto não é a afetação e a ingenuidade, mas o respeito e a sensibilidade.

# O que é o efeito Dunning-Kruger?



O psicanalista e professor Christian Dunker diz que esse fenômeno – definido a partir dos estudos de dois psicólogos americanos, David Dunning e Justin Kruger – explica dois efeitos diferentes



Christian Dunker – Foto: Reprodução via Facebook

Nos últimos anos, o mundo passou por um intenso período de descrenças na ciência e no conhecimento baseado em estudos e análises científicas. O movimento terraplanista, por exemplo, apresentou constante crescimento e é possível notar que os indivíduos que participam dele muitas vezes parecem acreditar firmemente que apresentam mais conhecimento que especialistas na área.

Cenas como essa não são difíceis de serem observadas e parecem fazer parte de diferentes fases do desenvolvimento humano. Apesar da estranheza causada por elas, nota-se que podem ser explicadas por um fenômeno conhecido como efeito Dunning-Kruger, definido em 1999 a partir do estudos de dois psicólogos americanos, David Dunning e Justin Kruger.

Segundo o psicanalista e professor do Instituto de Psicologia da USP, Christian Dunker, o fenômeno explica dois efeitos diferentes. O primeiro diz respeito aos indivíduos que conhecem pouco uma atividade e a realizam mal ou pior que os outros, mas tendem a superestimar os seus conhecimentos. Enquanto o segundo apresenta o efeito oposto, sendo possível observar que sujeitos que apresentam vasto entendimento sobre algumas áreas tendem a acreditar que não conhecem tanto daquele assunto.

## Efeito

Entre as diferentes consequências negativas associadas ao efeito, Dunker destaca que a falta de conhecimento do indivíduo sobre sua própria ignorância é uma das mais importantes. "Aqueles que sofrem com o prejuízo dos ignorantes não conseguem regular e aprender com os próprios erros e com a apreciação dos erros dos outros", comenta. Assim, nota-se que essas pessoas tendem a ficar ainda mais ignorantes com o passar do tempo.

Em contrapartida, aqueles que acreditam não conhecer o suficiente sobre algum assunto, apesar de apresentarem amplo conhecimento nele, conseguem se libertar do efeito com maior facilidade, uma vez que o estudo frequente pode auxiliar nesse processo.

É interessante notar que esse efeito apresenta diferentes consequências no desempenho e na vida social das pessoas. Dunker exemplifica o caso a partir de um estudo realizado com testes

humorísticos, assim, aqueles que contavam piadas que não provocavam o riso do maior número de pessoas costumavam acreditar que eram os comediantes mais engraçados. "Isso pode causar muito constrangimento social, recriminação, decepção, insucesso e até o sentimento de injustiça, já que a pessoa acredita que possui dotes, aptidões e qualidades", adiciona o especialista.

O psicanalista comenta, ainda, que os indivíduos que subestimam os seus conhecimentos podem estar ligados a um complexo de inferioridade que impossibilita, em muitos casos, o avanço de seu aprendizado. "Esse sentimento de que não pode ter sido eu a ter feito essa grande realização, um excesso de humildade ou constrangimento diante do reconhecimento", discorre.

## Como funciona?

Existem diferentes hipóteses para explicar o funcionamento desse fenômeno, sendo um dos mais interessantes aquele que considera que está ligado a um processo que passa pela memória, pela linguagem, pela inteligência e pelo juízo. "Ele está sempre associado a uma metacognição, ou seja, a capacidade de aprender ao fazer, pensar sobre o pensamento, ter memórias sobre a memória, ter imaginações sobre a imaginação, entre outros." Assim, os sujeitos que exploram a sua metacognição tendem a melhorar sua posição de apreciação dos próprios resultados.

A partir dos estudos realizados é possível notar que ter noção de sua própria ignorância parece ser um dos melhores caminhos para evitar que os indivíduos caiam constantemente nesse efeito. Dunker avalia que, quando a ignorância é reconhecida, é capaz que ela se transforme em desejo de saber, por isso, a busca por conhecimento parece ser essencial.

Por fim, observa-se que o efeito Dunning-Kruger consegue ser mais bem aplicado e identificado em atividades que apresentam uma alta dimensão prática, como o exercício de esportes, já que a possibilidade de comparação direta com outras pessoas é maior nesses cenários. "No fundo, esse feito não é apenas cognitivo, mas é também um efeito de como a gente interpreta a nossa própria diferença em relação aos outros e ao fato de que, muitas vezes, essa diferença traz uma hierarquia", finaliza Dunker.

## O que é?

A Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB), instituída pela Lei nº 14.399, de 08 de julho de 2022, tem como objetivo fomentar a cultura em todos estados, municípios e Distrito Federal.



Com recursos previstos até 2027, a PNAB é uma oportunidade histórica de estruturar o sistema federativo de financiamento à cultura, mediante repasses da União aos demais entes federativos de forma continuada. Diferente das ações da Lei Aldir Blanc 1 e da Lei Paulo Gustavo (LPG), que

tinham caráter emergencial, projetos e programas que integrem a Política Nacional Aldir Blanc receberão investimentos regulares. Fomento que será repassado a ações culturais por meio de editais para trabalhadoras (es) da área cultural, bem como pela execução dos recursos de maneira direta.

## Para quem é a Política?

Podem inscrever projetos em editais publicados pelos entes federativos e receber recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB) trabalhadores(as) da cultura, entidades, pessoas físicas e jurídicas que atuem

na produção, na difusão, na promoção, na preservação e na aquisição de bens, produtos ou serviços artísticos e culturais, inclusive, o patrimônio cultural material e imaterial.

## Como funciona a Política?

A PNAB será executada em parceria com estados, municípios e Distrito Federal, por meio da transferência de recursos do Ministério da Cultura

(MinC) aos entes federativos. Serão recursos anuais de R\$ 3 bilhões de reais, entre 2023 e 2027.



FESTIVAL  
INTERNACIONAL  
DE LONDRINA

# Encerra etapa fevereiro e prepara edição de junho de 2025

**Em evento especial realizado no verão, Festival Internacional de Londrina reúne mais de 12 mil espectadores. Organização busca patrocinadores para a programação dos 57 anos**

Ao chegar como novidade fora de época, a etapa de fevereiro do Festival Internacional de Londrina – FILO terminou no último domingo (16), depois de 11 dias de programação artística, com 16 atrações pelas ruas e salas da cidade. A edição soma ainda a etapa de dezembro de 2024, que celebrou o aniversário de 90 anos de Londrina com duas apresentações especiais. Esta programação, que propôs um formato diferente, em uma relação mais próxima com a população e com o centro da cidade, foi viabilizada com recursos do Programa Municipal de Incentivo à Cultura – PROMIC, patrocinado pela Prefeitura de Londrina. As duas etapas marcaram a edição de 56 anos do Festival de Londrina, sob o olhar atento de Nitis Jacon – em foto icônica que estampou a identidade visual em homenagem à idealizadora do FILO – e de um público de mais de 12 mil espectadores, segundo estimativa da organização. A programação diversa também marcou esta homenagem a Nitis, que na virada do milênio idealizou um FILO com a inclusão de novas linguagens e a integração de todas as artes em um processo criativo e colaborativo.

O FILO Fevereiro trouxe 10 atrações gratuitas para todos os públicos. A festa começou com o cortejo FILO Folia, conduzido pelo Cordão da Vila Brasil ao som de marchinhas de Carnaval. Artistas e público reunidos no Calçadão, numa celebração à Cultura e à força da arte como forma de resistência, como lugar de diversidade e de ocupação de espaços públicos. Ainda nas ruas, marcantes apresentações de teatro com o Núcleo As de Paus, o grupo Primavera Jataí e o coletivo Ação Marginal – Artes Cênicas UEL, além da Banda Beca Brinca, que levou um espetáculo lúdico e interativo para a criançada.

O FILO Fevereiro resgatou ainda as noites musicais do Cabaré do FILO com uma versão ao ar livre – o Cabaré na Concha e cinco shows que levantaram a plateia: Samba da Padaria e Sílvia Borba, Banda Gata de Botas, Abacate Contemporâneo com Simone Mazzer, Caburé Canela e Mancats (em parceria com a Concha – Associação dos Amigos e Moradores do Centro Histórico de Londrina e Feira Gastronômica Central). O público também lotou as salas para assistir e refletir sobre os espetáculos da atriz Vera Holtz, dos atores PCD da Fábrica de Eventos, do Ballet de Londrina, do ator Eduardo Mossri, da Armazém Companhia de Teatro e da Cia. Funcart de Teatro. E, em dezembro, prestigiou a atriz Rosana Stavis, da Cia. Stavis-Damaceno, e o grupo de atores locais reunidos em torno da residência artística e leitura dramática do texto holandês “A Nação”, organizado pelo Núcleo dos Festivais Internacionais de Artes Cênicas do Brasil.

## Filo em Fevereiro

A realização do FILO em pleno verão causou surpresa, já que na maioria das edições o Festival ganhou as ruas no período de inverno. Mas rapidamente a programação pré-Carnaval conquistou a atenção do londrinense, que compareceu em peso às apresentações no Calçadão, na Concha Acústica e nas plateias do Cine Teatro Ouro Verde e na Divisão de Artes Cênicas da Casa de Cultura da UEL. “O balanço desta edição é muito positivo. Creio que cumprimos os objetivos planejados do ponto de vista da programação artística, que propôs a aproximação do público com o Festival. Conseguimos dialogar com diversas camadas da nossa população, com espetáculos para todos os públicos”, destaca o coordenador artístico do FILO, Luiz Bertipaglia.

Outra novidade que marcou esta edição foi a parceria com a Usina Cultural na realização do FILO, e no propósito de transformar o cotidiano da cidade, acreditando na força dos trabalhadores da cultura e no seu poder transformador. Para o coordenador geral do FILO e presidente da Usina Cultural, Alex Lima, além da etapa de dezembro, “foram incríveis e inacreditáveis 11 dias de uma programação diversificada, intensa e bem-sucedida”. E como um festival não se faz sozinho, ele ressalta: “Agradecemos aos técnicos, produtores, artistas, ao público – a todos que de alguma maneira se envolveram e contribuíram nessa realização. E ainda à Prefeitura de Londrina e Secretaria Municipal de Cultura, pelo patrocínio por meio do PROMIC, e a todos os nossos apoiadores”. Alex Lima destaca a presença marcante do público. “Foi especial. Acredito que o Festival continua cumprindo seu papel artístico e social na vida cultural da cidade”, diz. “Enquanto realizadores dessa edição, vamos trabalhar cada vez mais para manter o legado de Nitis Jacon. Já estamos trabalhando para a etapa de junho, buscando recursos, novos patrocinários, para que o Festival retome seu formato original, com maior alcance e programação mais extensa, mantendo sempre sua importância e potência artística”, finaliza.

A próxima edição do FILO está prevista para o período entre 10 e 28 de junho de 2025. Foto: Fabio Alcover/FILO  
Serviço: Festival Internacional de Londrina – FILO DEZ e FEV  
Realização: Usina Cultural - Apoio: Casa de Cultura da Universidade Estadual de Londrina, Rádio UEL FM e Folha de Londrina  
Patrocínio: Prefeitura de Londrina / Secretaria Municipal da Cultura / Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic)  
Assessoria: KAN Comunicação

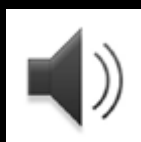
D-arte entrevista

# ELOYR PACHECO



**ESCORPIÃO DE PRATA**

**CLICK PARA OUVIR no PC**



**CLICK PARA youtube**



## Flores Sangrentas, 2018.

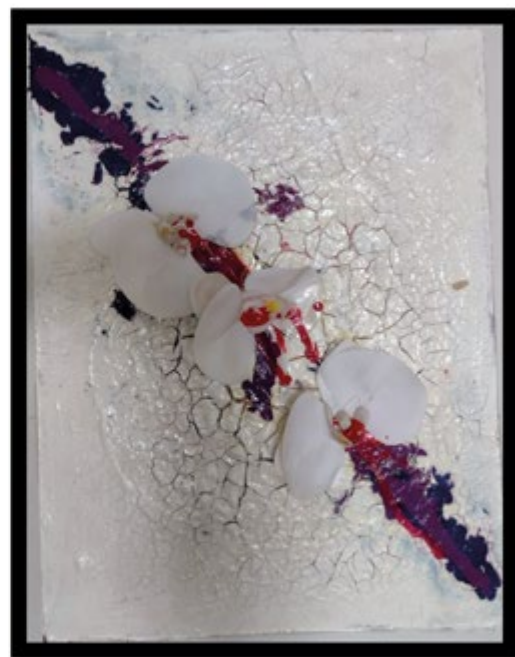
"As "Flores Sangrentas" traduzem o que de fato uma mancha de sangue faz: marca o fim de um ciclo e o começo de uma nova era. Essas telas expressam um período na vida da artista: conturbado porém esperançoso. Pois tudo que flui tem a capacidade de se misturar e se regenerar. Assim é a vida... As Flores fluíram e escorreram para um mar de novas possibilidades. Elas retratam, mais do que tudo, a capacidade de se permitir escapar para retornar dentro de si próprio. Todos temos flores esculpidas em nós..."

- *Tinta acrílica e esmalte de unha com flores artificiais. Tipo O+ , 60X75 .*



**Flores Sangrentas** é uma série de telas que vai além da arte – ela revela as camadas mais profundas da existência feminina. Cada flor nesta coleção é uma metáfora poderosa, simbolizando os diferentes tipos sanguíneos das mulheres que a artista conheceu. Essas flores não representam apenas o sangue derramado, mas também a transformação e o renascimento.

Criadas durante um período de turbulência pessoal, essas obras expressam a dor e, simultaneamente, a capacidade de se regenerar. As cores escorrem pela tela como a vida que flui, misturando-se e recriando novas possibilidades. **Flores Sangrentas** nos lembra que, assim como o sangue, as experiências difíceis marcaram o fim de um ciclo e o início de uma nova era.



*Tinta acrílica e esmalte de unha com flores artificiais*

O+

40X30



## Tipo O+

Tinta acrílica e esmalte de unha com flores artificiais



**AB**

***Tinta acrílica e esmalte de unha com flores artificiais,***

**40X60**

# Memorial das Operárias Brasileiras

O projeto trata-se da prática da PINTURA: releituras poéticas de fotografias históricas, retratos de operárias anônimas, e composições imaginativas



Daniela F Chineider Troiano

As três telas desta exposição são um desdobramento do projeto Memorial das Operárias Brasileiras 1917-1937, que resgata o trabalho de mulheres anônimas essenciais desde o início do século XX.

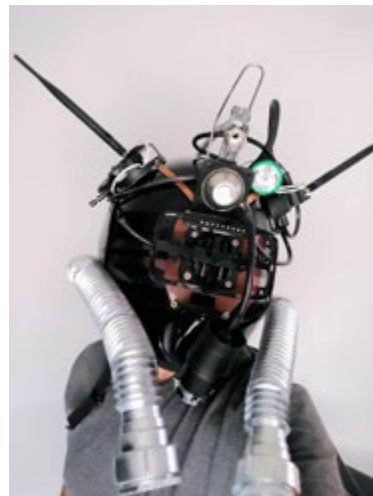
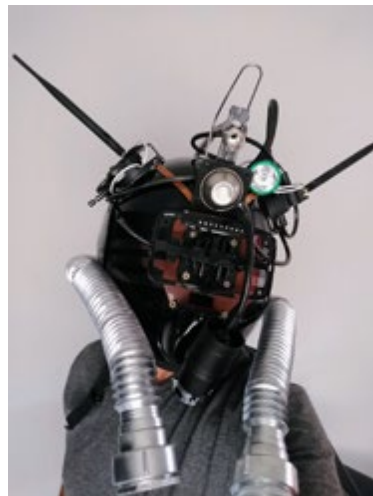
Baseadas em fotografias históricas e leituras sobre o tema, as obras preservam essas memórias enquanto exploram a prática da pintura, com tinta acrílica produzida pela artista. As telas experimentam o pulso da pincelada, a modulação da cor e a interação entre espaços e camadas, transitando entre o figurativo que comunica e o abstrato que impacta pelo sensível. Estas pinturas convidam o público a refletir sobre as histórias que sustentam nossa identidade coletiva e a multiplicidade de narrativas femininas que moldam o Brasil.

Conheça mais sobre o projeto em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=61559128751513>



Operaria contemporânea, pigmento acrílico sobre tela, 90cmx60cm, janeiro | fevereiro 2025

# Autorretrato



**NARCISISMO DIGITAL - FOTOGRAFIA /2020**





NARCISIMO DIGITAL - FOTOGRAFIA /2020



NARCISISMO DIGITAL - FOTOGRAFIA /2020



# História do VGD



O Vitorino Gonçalves Dias (VGD) o estádio de futebol mais tradicional de Londrina. Em 1940 um caminho de futebol do time da família Mortari, dona de uma serraria de uma cerâmica, era usada em disputas entre seus funcionários antes de ser estádio, o campo também era usado por times de futebol amador de Londrina com o extinto Clube recreativo Operário da Vila Nova.

A prefeitura construiu a primeira parte da arquibancadas do novo estádio municipal, este campinho denominado de Estádio Capitão Aguires Pimpão piore o delegado e personalidade na cidade. Área então de propriedade da companhia de Terras Norte do Paraná, colonizadora da região, passou pa o controle do município de Londrina ainda no início da década de 1950.

A partir de 24 de junho 1956, a praça esportiva passou a ser chamada de Estádio Vitorino Gonçalves Dias. Foi na administração do prefeito Antônio Fernandes Sobrinho (1955- 1959) que o estádio começou a ser estruturado para receber partidas oficiais de futebol, além de demais eventos esportivos e outras atrações da cidade como eventos cívico e sociais. As obras terminaram durante a gestão de Dalton.

O homenageado Vitorino Gonçalves Dias era praofessor de educação física um dos grandes personagens do desenvolvimento do esporte Londrinense, principalmente nas escolas. Foi uma figura bastante lembrada até hoje em instituições como colégio Londrinense o colégio Estadual Vicente Rijo. Faleceu precocemente ao 34 anos, agosto de 1954, vítimas de complicações causadas por uma mordida que levou do próprio cão. Segundo relatos da época, o professor protegeu

os dois filhos quando o animal de estimação da família avançou. O VGD pertence a prefeitura municipal de Londrina, concedeu permissão de uso do Estádio ao Londrina esporte Clube (LEC), considerando um ponto turístico, complexo funciona a sede administrativa do clube e da Torcida organizada Falange Azul, academia de boxe de musculação. Desde 2017, passou a com memorial Édson Henrique dos Santos, o museu oficial do clube. Desde 2016, o VGD não recebe jogos da equipe profissional masculina, que tem mandado os jogos no Estádio do Café.

O VGD tem a capacidade de 5.500 pessoas, de acordo com polícia militar. Está localizado na rua Acre com esquina Avenida Jorge Casoni(próxima a rodoviária de Londrina).

Fontes: Londrina Esporte Clube/Foto Yuetaka Ysanaka / Acervo Londrina História. Google.

## **José Antônio Xavier**

Sou José Antônio Xavier casado servidor público aposentado tenho uma assessoria de imprensa AIF em Cambé somos uma rede assessoria de imprensa AIF cerca de 60 escritórios no Brasil, ou vicentinos cerca 35 anos faço parte entidade de servidor público municipal que é associação dos operários municipais de Cambé atuo 32 anos Sou atual presidente, estou 1 semestre da faculdade Unicessumar curso de Jornalismo, fiz quatro anos na emissora de rádio como comentarista esportivo na rádio Cultura de Rolândia 2 anos na rádio Cidade Cambé 2 anos locutor esportivo e recepcionista.

E-mail [xavierjoseantonio352@gmail.com](mailto:xavierjoseantonio352@gmail.com)

Facebook //:Jos Antônio Xavier

Instagram//:José Antônio Xavier 169@gmail.com

YouTube //:José Antônio Xavier 169@gmail.com



Fontes: Londrina Esporte Clube / Foto: Yutaka Yasunaka /Acervo Londrina Histórica.

# A7 Pode, Chefe?

podcast

Muita Paz e Gratidão

@podechefe



Pode, Chefe? Podcast  
Ouça no Spotify

O Pode Chefe? Podcast é focado em ouvir histórias inspiradoras em cada episódio onde Aurélio Pereira e Ronilson Rony recebem convidados que são referências em suas áreas de atuação, explorando suas trajetórias profissionais, seus desafios e suas estratégias para alcançar e transpor os desafios do dia a dia. O podcast aborda diversos temas relacionados a cultura, arte, empreendedorismo e negócios, como liderança, marketing, finanças, inovação, gestão de pessoas e muito mais. Pode Chefe? Podcast está disponível em plataformas de streaming de áudio e vídeo, como Spotify, YouTube, Apple Podcasts e nas redes sociais, e é uma ótima fonte de informação e inspiração para quem deseja empreender ou aprimorar suas habilidades.

Permita-se! [www.youtube.com/@podechefe](http://www.youtube.com/@podechefe)

Alena Tornado

A7 Pode, Chefe? podcast

38  
Episódio

**CLICK PARA ASSISTIR** 1:20:19

Um documentário de Valter Resende, Alexandre Moreira e Willian Santos.

# programa loaded

20 anos de um dos  
primeiros podcasts  
do Brasil



YouTube

Programa Loaded - 20 Anos de Um dos Primeiros Podcasts do Brasil

Apoio:



ITAPEVICICA  
DASERRA

SECRETARIA DE  
CULTURA

Produção:

CACHORRO E COMSPATAS

Realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

# Programa Loaded

## Documentário resgata a história de um dos primeiros podcasts do Brasil

A história do podcast no Brasil ganha um novo e importante registro com o lançamento do documentário Programa Loaded - 20 anos de um dos primeiros podcasts do Brasil. Disponibilizado gratuitamente no YouTube, o filme revisita a trajetória do Programa Loaded, um projeto pioneiro criado em 2005, muito antes do formato explodir no país. Dedicado à divulgação de bandas independentes de rock e à cultura alternativa, o programa marcou uma geração de ouvintes e artistas da cena underground.

### O impacto do Programa Loaded na cultura digital

No início dos anos 2000, a internet ainda engatinhava como espaço para produção de conteúdo independente, e o Programa Loaded se destacou por apostar no podcast como ferramenta de divulgação musical. Enquanto grandes mídias monopolizavam o acesso à informação sobre música, o programa oferecia uma curadoria inovadora, aproximando bandas emergentes de um público sedento por novidades.

Com entrevistas, histórias inéditas e depoimentos de criadores, produtores, ouvintes e músicos que passaram pelo programa, o documentário contextualiza o período e destaca a relevância do Programa Loaded para o desenvolvimento do podcasting no Brasil. A produção também explora os desafios técnicos e estruturais da época, muito antes da popularização dos serviços de streaming e das redes sociais como canais de divulgação.

### Destaques do documentário

O filme apresenta imagens de arquivo e áudios originais do programa, transportando o espectador para uma época em que a cultura independente encontrava no digital um refúgio e uma forma de resistência. Além disso, conta com depoimentos de nomes influentes do cenário musical e midiático, como:

Pablo Capilé (Mídia Ninja)

Helio Flanders e Reginaldo Lincoln (Banda Vanguard)

Fabricio Nobre (Produtor musical)

Bruno Cayapy (Banda Macaco Bong)

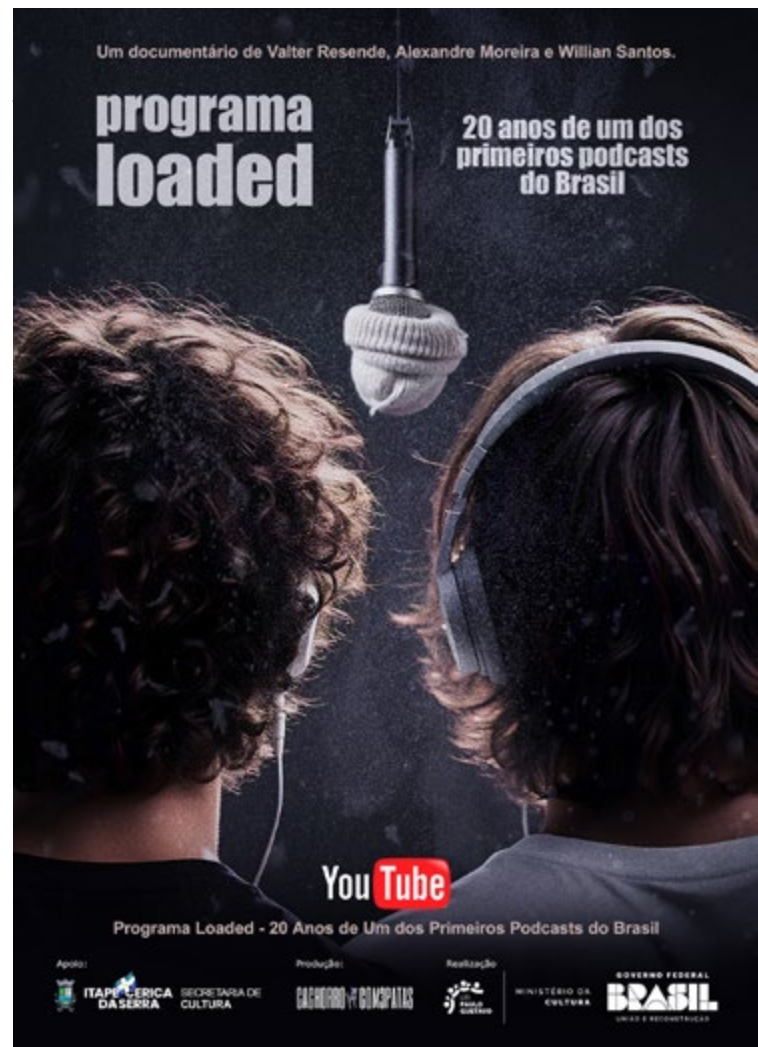
A direção do documentário é assinada por Valter

Resende, Alexandre Moreira e Willian Santos. A produção traz ainda reflexões sobre a evolução do podcast no Brasil e sua influência no jornalismo cultural.

### Um registro essencial para a história do podcast no Brasil

Com 75 minutos de duração, Programa Loaded - 20 anos de um dos primeiros podcasts do Brasil é um convite para redescobrir um marco na história da comunicação digital brasileira. O documentário não apenas celebra o legado do Programa Loaded, mas também reforça a importância do podcast como ferramenta de democratização cultural.

O filme já está disponível no YouTube. Confira e mergulhe na história de um dos projetos mais inovadores da cena independente nacional!



## SUA PLATAFORMA STREAMING GRATUITA DE FORMAÇÃO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA

Filmes para combater a desinformação e as fake news, reforçando a democracia e as conquistas sociais.

Cadastre-se



### FATOGUIA

Fatoflix lhe orienta com vídeos curtos sobre os filmes que você deve assistir na atual conjuntura.



### ASSISTA QUANDO E ONDE QUISER

Nossos conteúdos em qualquer dispositivo, a qualquer momento.

# <https://fatoflix.com.br/>

Criamos a Fatoflix em agosto, com o apoio do Fórum 21, a plataforma de streaming gratuita do campo democrático-progressista.

A extrema-direita saiu na frente, desde 2016, e está fazendo um estrago profundo com o streaming dela, que você conhece. É desinformação e guerra cultural na veia.

Fatoflix é o nosso embrião de resistência com filmes, documentários e séries dedicados à formação cultural, política e à organização coletiva.

Temos que nos unir num esforço muito grande para viabilizá-la.

Veja bem, você não precisa como pessoa física dar apoio financeiro: o que Fatoflix precisa de você é sobretudo o seu apoio e aval político junto a entidades profissionais, instituições e empresas parceiras que possam colaborar.

Veja se você poderia fazer o seguinte:

1. Se inscreva, conheça o acervo da Fatoflix (e também os MiniCursos com filmes temáticos,

Cine Clubes Digitais nas periferias etc etc) e nos dê sua opinião e sugestões etc;

2. Indique a Fatoflix para a diretoria de instituições, entidades e empresas parceiras da sua área de relações e influência - e nos envie em seguida os contatos delas para darmos prosseguimento aos encaminhamentos;

3. Não deixe de nos dar retorno logo que possa para concretizarmos juntos essas e outras formas de viabilização da Fatoflix.

O cinema de qualidade por streaming não é nenhuma “bala de prata” mas faz a diferença no enfrentamento da extrema-direita tanto no curto e médio prazos como sobretudo em 2026.

Ficamos à espera.

Contamos com você.

Muito obrigado.

Carlos Tibúrcio, pela equipe da Fatoflix.

# D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



# “Poesia e história são faces do mesmo rosto”



Imagem: Pintura chinesa de um jardim literário, da Dinastia Song, século XII/ Wikimedia

Dos griôs africanos a Homero. De Confúcio às cosmovisões indígenas.  
Das histórias do Islã aos bardos. A poesia sempre andou de mãos dadas com a História, cantando a vida simples ou feitos heróicos, pois “palavras derrubam moinhos de vento/ e de moer gente”.

OutrasPalavras

Poéticas

por Célio Turino

Publicado 14/02/2025 às 17:10



# História e Poesia

Nos primórdios,  
palavras sussurradas ao vento  
teciam histórias com poesia,  
eram memórias  
que abraçavam  
o ritual de eternidade.

Desde Homero,  
sob o sol grego,  
entre guerreiros e sereias,  
versos  
foram plantados  
no chão dos mares.  
O pai da história,  
Heródoto,  
atento,  
colheu relatos  
de povos distantes  
com a leveza de poeta  
que não teme misturar  
fato e encanto.

Na Índia dos Vedas  
versos entoaram  
a vida que pulsa  
entre deuses e gentes,  
o Mahabharata canta guerras,  
feitos heroicos,  
não apenas para celebrar,  
mas para entender  
e não esquecer.

Na China distante,  
tão longe e tão perto,  
o Império do Meio  
fundiu ideogramas  
com dores da história  
e a poesia;  
Confúcio disse:  
há sabedoria no canto das coisas  
simples.

E no Japão?  
Versos repousam  
nas margens do Kojiki,  
o livro das coisas antigas,  
mescla de mito e verdade  
a formar espelhos densos  
-haikais-  
mostrando a face  
do que apenas se sente.

Virgílio ergueu Roma em versos  
imortais,  
fez dos heróis a matéria dos so-  
nhos;

escreveu história ou poesia?

E os bardos?  
Caminhavam pelas noites  
com harpas e vozes roucas  
cantando contos de cavalaria,  
amores que não morreram,  
canções partidas pelo tempo.

Em todo canto do mundo,  
sob o sol do deserto,  
a sombra das florestas,  
nas ilhas e montanhas,  
nas cidades e no campo,  
história é poesia,  
poesia é história.

Almotanabi  
foi ao encontro dos ventos de  
areia  
para afiar suas palavras  
e contar histórias do Islã.  
Das vozes da África,  
os Griôs  
gritavam e gritaram  
adentrando nos portos  
de Cachéu, Gorée...;  
gritavam  
para que os aprisionados  
em holocausto  
não se esquecessem  
de segurar a memória  
pelas vozes que dançam  
de geração em geração.

Nos Andes,  
Quipocamayocs  
declamavam os segredos  
da escrita matemática,  
os Quipus,  
cordões coloridos,  
em diversos tamanhos,  
cheios de nós  
e de vós.

Por aí,  
nessa nossa América  
crioula,  
indígena,  
mestiça,  
os voceros,  
os círculos da palavra  
e seu bastão,  
não permitem que se esqueça:  
história é poesia  
poesia é história,  
verdade que se fia  
no sagrado

da palavra.

O luto indígena  
do alto do Xingu,  
com choro ao lado do tronco  
da noite ao dia,  
rememora histórias,  
canta a vida e a morte  
com assombro e respeito  
àquele que renasce  
pelo tronco do Quarup.

Quando se canta história e poesia,  
sabe-se que o tempo não é linha  
reta,  
é espiral que respira.

Com a modernidade,  
história e poesia  
se separaram.  
Sonho desfeito,  
Miguel de Cervantes  
foi o último suspiro  
a domar moinhos,  
brincou  
com o real e o inventado,  
fez  
da poesia  
um espelho quebrado  
a refletir  
histórias partidas,  
Quixotescas.

No canto popular  
reside a força das  
classes esquecidas,  
caminhando  
entre verso e memória  
palavras derrubam  
moinhos de vento  
e de moer gente.

A história caminha,  
mas não vai sozinha,  
a poesia segue ao lado,  
com seus silêncios e cantorias,  
com elas  
o passado nunca dorme  
em sonho profundo,  
tem sonho leve  
e espera  
quem o resgate.

Poesia e história  
são faces do mesmo rosto,  
do mesmo sonho  
que desperta  
com um convite ao recomeço.

Uma  
**festa**  
no céu

**Moacyr Medri**



O urubu chegou bem vestido, cheio de pose. Entrou no salão da venda, caminhou reto, sem olhar para ninguém. No balcão pediu por uma cachacinha. Uma galinha d'angola, já com duas na cachola, o viu e cochichou nos ouvidos de um bem-te-vi que petiscava farelados num pires:

— Olha lá! O neguinho pensa que pode... Já está nos trinquês para a festa no céu...

— Ele vai? – Bionda, uma saracura com barro mole nas canelas e joelhos, ciscando, entrou na conversa.

— E não? Olha seu fraque... Ele só usa fraque em ocasiões especiais.

— Metido! – Bibia, uma corruíra, entrou.

Haveria uma festa no céu e o urubu foi convidado para tocar. Foi porque tocava bem. Sabia dedilhar um violão, viola, como ninguém. Mas, dentro de um fraque, ficava numa soberba sem fim...

Um sapinho que vivia na lagoa, nesse dia saiu dela e estava dentro dessa venda, bem na umidade de uma caixa d'água que gotejava por uma rachadura miúda e, sem querer, ouviu Cicisca, a galinha d'angola, de papo com Bionda. Botou sentido e já ficou interessado. Então, no seu silêncio introspectivo, pensou, pensou mais uma vez, fez as contas de como, também, ir. E assim que o urubu tomou duas doses da branquinha no balcão, que o sapinho percebeu que a cachaça amansou seu ego, chegou junto dele e...

— Então vai a uma festa no céu, amigo?

— Amigo! Que amigo?

O sapinho sentiu que o tal ainda estava duro, que precisava de mais cachaça. Mas não tinha como fazer, pois o assunto já estava iniciado. O urubu arrotou e:

— Nunca lhe vi! E mais! Eu sou o Firmino...! – passou a mão no bico, alisou as penas do pescoço, fez pose e: — Sou um urubu, sim. Mas tenho um nome. Sou Firmino Rosendo..., ao seu dispor! – puxou o fraque e curvou-se. — Mas por que me pergunta, sapo?

— Sou um sapo, sim. Mas eu também tenho um nome... Sou o Roquildo Taquara..., mas pode me chamar de Roque. Moro ali na lagoa – coaxou.

Um pouco depois, Roque percebeu que o urubu já estava bem para lá do meio do caminho. Mais um pouco, não conseguiria fazer a curva e dormiria ali na comunheira da cobertura da venda. Mole desse jeito, era bom momento para ver o que conseguiria. O sapo planejou e perguntou:

— Quem vai nessa festa?

— Baile..., sapo. Baile!!!

— Roquildo ou Roque.

— Desculpe-me! É um baile, Roque. Inhac! – soluçou.

— Já sei... Mas quem vai?

— Todo mundo vai - Inhac!

— Todo mundo?

— Quero dizer... Todos os bichos que sabem voar..., claro! A passarinhada toda vai. Todos os passarinhos já confirmaram presença com o chefe lá de cima.

— Chefe?

— Com o anfitrião, o dono do céu...

— Até a nambuzada?

— Por que não? Inhambus também são passarinhos.

— Mas voam mal. Mal e curto, rente ao chão...

— Foram convidados...

— E as codornas também vão?

— Foram convidadas...

— Mas essas voam ainda piores que os inhambus! Voam tão baixas que raspam a bunda no chão! Como chegarão lá em cima?

— Isso eu não sei, Roque. Inhac! – Firmino soluçou outra vez. — Mas por que não pergunta para uma codorna...?

— Se fosse uma saracura... – Roque murmurou.

— Saracura...?

— É que eu encontro com saracuras todos os dias lá no meu brejo... Vivem comigo... Mas com codornas, inhambus...

— Nunca?

— É que vivem nas palhadas secas... Credo! Isso é lugar de se viver?

— Inhac! – Firmino soluçou.

O urubu tomou mais uma e agora estava trançando as pernas e as asas. O sapo via que daquele jeito ele não iria longe... Ao céu, então, jamais!

— E as emas?

— O que têm elas? - Inhac!

— Vão também?

— A passarinhada toda irá. Todos os alados... Até os insetos voadores: marimbondo, abelha, borboleta, mariposa, mosquito, todo mundo.

— E os cupins?

— Se estiverem com suas asas prontas, vão..., ué! Na forma de aleluia, vão... - Inhac!

— Gosto muito das aleluias... Muito, muito, muito, mesmo...! – Roque esticou a língua e recolheu.

— Gosta?

— Quando elas saem voando do cupinzeiro nos dias de chuva, gordinhas... Vixe! Empanturro-me. É uma delícia...

— Vai ser um baile de arromba! - Inhac!

— Que pena!

— Falou em pena? Se tiver pena, pode ir... - Inhac!

— Eu também queria tanto ir... Raramente saio do brejo... Não reclamo do brejo, não! É que eu queria ver as coisas lá de cima, como vocês... Invejo-me de vocês passarinhos! Podem pegar a umidade direto das nuvens... Um acolchoado de nuvens, com muita água pura, limpa, cristalina... Deve de ser bom demais!

— Quem tiver pena... - Inhac!

— Então...

— Estou vendo que você é muito reclamão... Veja uma tartaruga! A vida da tartaruga é pior do que a sua... Você pula na água, sai da água, salta forte... Até no botequim vem. E a tartaruga? Com aquele cascão pesado preso nas costas...! Que tem que levar aquilo para tudo quanto é lugar...!?

— Bom, pensando por esse lado...

— Está melhor do que elas...! - Inhac!

— Você me fez lembrar do Trajano...!

— Trajano?

— Um cágado da minha lagoa... Tenho pena dele com aquele murundu nas costas a vida inteira...

— Você falou ‘tenho pena’? Se tiver pena, pode ir na festa... - Inhac!

— Então me leva...

— De que jeito?

— Estou com pena dos cágados, das tartarugas...! – Roque riu. — Falo sério... Posso entrar dentro do seu violão?

— Dentro do...?

— Tome minhas medidas... Acho que me caibo dentro dele!

— Está meio gordinho... Sei não... Comeu muitas aleluias, hein? Deixa eu ver a sua barriga... Vixe! Que barrigão! Será que passa pelo buraco da barriga do meu violão? Sei não...! Murcha um pouco a barriga... Isso! Acho que dá... Amanhã trago o violão e a gente experimenta... Se passar eu te levo... Mas tem uma coisa...!

— Coisa?

— Ninguém pode saber que está comigo... Se resmungar, digo, coaxar, eu...

— Eu?

— Te jogo lá de cima... - Inhac!

— Lá de cima? Nossa Senhora...! É muito alto... Aí eu me esborracho!

— Prometa-me que, então, não vai coaxar... Amanhã nesse mesmo horário, venho lhe buscar. Se couber, te levo. Esteja pronto. Se não estiver..., não espero. Além de tocar, eu sou o maestro da banda - Inhac! — Tenho que chegar primeiro, montar as partituras, etc! Até amanhã! E vê se fecha a boca...

Nada de comer aleluias, tanajuras. Tem que diminuir a barriga...!

E assim ficou combinado. O urubu Firmino Rosendo virou o resto da cachaça que tinha no cálice e saiu do salão da venda meio cambaleando. Deu uma ligeira marcha ré, olhou para a frente, esticou o pescoço e saiu correndo com as pernas e as asas bem esticadas para pegar velocidade e ar. Depois de uns dez metros, ele abriu as asas e as movimentou: vlapt, vlapt, vlapt, e foi. Chumbado da cachaça, por muito pouco não deixou parte das penas da calda em uma cerca de arame farpados. E o sapo Roquildo ficou ali na sua costumeira umidade, estação das águas, hoje fora da lagoa, mas junto da caixa que gotejava.

E no outro dia, conforme o combinado, o sapo Roquildo chegou da lagoa pronto, vestido a caráter, trajando um fraque novíssimo de bom corte, preto com pintas amarelas ouro e uma gravata borboleta branca. Via-se que ele estava ansioso. E não era para menos, pois, pela primeira vez na vida, sairia do chão, melhor, iria ver as coisas lá de cima. Seu coração batia forte e rapidamente... Precisava quebrar um pouco da ansiedade. Então, uma bebida era o recomendado. Pediu um conhaque ao Rodolfo – um ratão, o dono do botequim. Quando Rodolfo viu o Roque vestido daquele jeito, não se conteve e quis gritar... O sapinho levou a perna direita na sua boca e impediu que o fizesse. Não podia espalhar para onde ia e nem com quem. Mesmo sem saber para o que ou a quem se vestia daquele jeito, Rodolfo se conteve. Roquildo virou o conhaque, raspou a garganta e, num salto, alcançou a caixa d'água. E lá ele ficou esperando pelo 'amigo' Firmino Rosendo.

Uma hora depois o urubu chegou. Estava nos trinquês com um fraque listrado de preto com azul celeste, uma gravata borboleta e, nos pés, tinha um lindo par de sapatos pretos em verniz. Quando chegou e entrou na venda do ratão Rodolfo, o vendeiro, novamente, não se conteve.

— Você também! – ele gritou.

— Também o quê? – a galinha d'angola entrou.

— Hoje, já vi dois arrumados desse jeito, com fraques e gravatas borboleta... O que está acontecendo que não me avisaram?

— É a festa no céu, Rodolfo! – a saracura Bionda atalhou. — Eu também vou... E vou como estou... Não preciso dessas vestimentas cheios de frescuras. Minhas penas dão conta dos meus enfeites.

— E essas pernas compridas cheias de barro?

— Lavo-as na água das nuvens – sorriu.

O sapinho Roquildo estava lá na caixa d'água e escutava tudo. O conhaque tinha lhe acalmado um pouco. Aliás, mais do que um pouco... Tanto que até pensou em sair do esconderijo e botar banca, falar umas verdades, questionar: — Que preconceito era esse de só os alados poderem ir em uma festa no céu? Eram ou não eram, todos, filhos do mesmo Deus? Ou tinha diferentes Deuses: de sapo, de cobra, de jacaré, de passarinho, de gato, de cachorro, de pulga?

Sapo Roquildo estava indignado com as diferenças... E isso ele já sentia fazia tempo. E, talvez, essa era a chance, de chegar lá no céu e ter uma conversinha tête-à-tête com o chefe. Uma conversa de sapo para chefe é claro..., mas cara a cara..., doesse a quem doesse... Roquildo limpou seus olhos graúdos com a mão direita, sorriu e, consigo falou: — Deus do céu! E tá conhaque forte, sô! Faz efeito, mesmo! Deixou-me até valente! Eita tá gota serena, sô! – sorriu, encolheu-se no esconderijo.

Conforme o combinado de véspera, o urubu deixou o seu violão encostado na caixa d'água do salão. E enquanto o dono do instrumento falava lorotas com Bionda, com a galinha d'angola Cicisca, que também voaria dali um pouco, Roquildo saiu da choça e, sorrateiramente, entrou dentro do violão. Sua entrada, como o urubu de véspera previu, não fora muito fácil porque, de fato, estava bem acima do peso, gordo de fazer pneus, além do que, estufara a pança com aleluias da última chuva. Se contorcendo, entrou pelo buraco da barriga do violão.

Urubu Firmino tomou mais uma, catou o violão com o sapo dentro, deu uma forte dedilhada no mizinho - a corda mais fina, tão forte que Roquildo coaxou:

— Roque!

— Ouviram? O que foi isso? – ratão Rodolfo perguntou.

— Foi um “roque” de sapo... – a saracura afirmou.

— Deve de estar na umidade dessa sua caixa d'água, Rodolfo. Deveria tapar o buraco. Faz mais de ano que pinga. – urubu Firmino botou conversa para disfarçar. — E por falar em pinga, me dá mais uma... E viva o mundo! – virou o cálice de uma vez.

Os tímpanos do sapinho estavam doloridos. Por muito pouco o próprio urubu não colocou tudo a perder. Se descobrissem, o coitado do batráquio nem sairia do chão. Continuaría em terra. E antes que tomasse mais uma cachacinha e, então ficasse de miolo mole, que pudesse cometer mais algum impropério, urubu Firmino resolveu antecipar a saída. Então, ele deu um até logo para a Bionda, a Cicisca, Bibia, dizendo que as encontrariam logo mais depois das nuvens, também um 'até-mais-ver' para o Rodolfo, o ratão dono do botequim. Firmino Rosendo ajeitou o fraque e saiu para fora do salão. Lá fora Firmino Rosendo prendeu bem o violão nas suas costas, deu sua costureira marcha ré, esticou as pernas de estalar os joelhos. Esticou e saiu em disparada para ganhar velocidade. Lá na frente ele abriu as asas e voou. E dessa vez, pela carga que levava dentro do violão, levantou voo com ainda mais dificuldade, tanto que, duas penas grandes do seu traseiro ficaram para trás, dependuradas na cerca de arame farpados. Um pouco depois, toda a passarinha e demais alados estavam lá em cima. Eles, ao passarem contra o sol, fizeram sombra no pátio do botequim do Rodolfo.

Dois dias depois estavam de volta e, na mesma venda, contavam em pormenores, de como foi a tal festa. Roquildo se inscreveu para falar. O ratão sinalizou que não. O sapo insistiu. Justificou que, lá de cima, teve outra visão do mundo. Rodolfo sorriu e...

— Seu Roquildo! Se começar a inventar coisas, falar bobagem, nunca mais lhe vendo uma bebida alcoólica! Um sapo no céu? Tenha a santa paciência!

— Mas eu fui, Seu Rodolfo! Eu não estou bêbado!

— Estão ouvindo, gente? Digo, passarinhos? Se ele foi no céu voando com essa barriga grande, pele úmida toda pipocada, juro que atravesso o oceano nadando do lado de uma tartaruga! – todos riram.

— Roque! - Roquildo coaxou. — Estou sóbrio – riram novamente.

Mas o sapinho foi para o céu sim, dentro do violão do urubu Firmino Rosendo. E a saracura e a galinha d'angola que estavam ali, o viram por lá. Mas para não complicar a vida do urubu que tocou, que fora o maestro, combinaram fechar o bico.

Mas, o mais importante foi que, lá, o sapo Roquildo conseguiu a tão sonhada conversa com o chefe do céu. Ele fez todas as perguntas que pensara fazer. O chefe lhe atendeu e lhe prometeu que, na próxima festa, iria pensar como levar todo mundo lá para cima: os alados, os não alados, todos os animais. Tal como o sapo Roquildo, o chefe também achava que o tempo da separação, do preconceito, e principalmente lá, já não tinha mais espaço...

Moacyr Eurípedes Medri  
Professor aposentado - Escritor

Livros:

- Título "Da Cor Da Terra", - de causos e contos, 2011
- Título "Cheiro de Chuva", - de causos e contos, 2013
- Título "Travessia: a felicidade não mora ao lado" - romance – 2016
- Título "Pedras, Paus & Pétalas" - romance – 2019
- Título "Vitória" – 2022
- Título "Filippo: o importante é não se dar por vencido" - 2024

# CHUVA

Marina Irene Beatriz Polonio

Condensado o vapor  
quedam-se as lágrimas!

Então o som da chuva,  
estrondoso ou calmo,  
melancolia de marasmo,  
dá asas à emoção.

Aqui do meu abrigo  
vejo, escuto e assisto-as:  
finas e cadenciadas,  
grossas e intensas,  
garga cinzenta,  
chuvisco cantante  
ou tormenta aterrorizante.

Em ela chegando  
o cheiro de terra logo vai exalando  
seja com gotas de vida  
ou com tragédias e morte.

A cortina de gotas,  
qual véu transparente,  
tem efeito de lágrimas renitentes.

Sejam quentes ou frias,  
vão lavando ou levando tudo  
posto que temporal em torrentes.

Manhosa e insistente  
ao ser "bebida" pela terra

a chuva não erra,  
prove alimentos a muita gente.

MINIBIOGRAFIA DE MARINA IRENE BEATRIZ  
POLONIO para D-ARTE

Nasci à beira mar (Antonina – Pr) por isso meu nome é Marina. Comecei a escrever desde cedo, mas deixava engavetados meus escritos. Ao ganhar o primeiro prêmio do concurso alusivo ao centenário do Rotary Internacional (2005) não parei mais de escrever. Gosto de escrever em forma de contos, crônicas, poemas e poesias. Publiquei alguns livros, participei de diversas Antologias e, voluntariamente escrevi para jornais regionais, além de participar de alguns concursos literários.. Meu último livro lançado, "Nossa Casa", aborda o meio ambiente, seus problemas e as preocupações para com nosso Planeta, assuntos que muito me interessam, preocupam e pelos quais me interesso demais.



# O Peso da Inércia e a Urgência de Agir

Precisaremos de mais do que estamos oferecendo ao mundo. Estamos devolvendo menos do que recebemos e, se continuarmos assim, inevitavelmente enfrentaremos consequências. Seja no esgotamento de recursos naturais, seja na paciência daqueles que nos cercam, chegará o momento em que a conta será cobrada. Essas palavras podem ser entendidas de diversas formas: como um contratante exausto, um familiar que sustenta tudo sozinho, ou aquele amigo que resolve problemas repetidamente, mesmo prometendo nunca mais fazê-lo. Tudo tem um limite, e na vida, muitas vezes, o desfecho não é feliz. Pode parecer um texto clichê, algo que um coach genérico escreveria para conquistar seguidores e enriquecer rapidamente com promessas fáceis. Mas não é disso que se trata. O ponto central é que estamos vivendo uma espera passiva, sentados, com as mãos no colo, aguardando algo extraordinário nos acontecer. Não estamos correndo atrás de nossos sonhos ou sequer perseguindo pequenos desejos. Estamos ficando para trás. E atrás de quem? Daqueles que encontram propósito, que vivem com autenticidade e são genuinamente felizes em suas vidas ou em suas escolhas profissionais. Por outro lado, vemos um grande número de pessoas irresponsáveis, que buscam apenas vantagens pessoais, esquecendo-se de seus deveres. São vários os que pedem muito e oferecem pouco, quase nada. Seja na nova geração que vive conectada aos celulares, seja nos mais velhos, existe uma multidão perdida, que não sabe o que realmente quer. E, atenção: não me refiro às crianças, mas àqueles que deveriam ser os responsáveis pela transformação de suas próprias vidas e da sociedade como um todo. Nelson Rodrigues, em sua sabedoria, já alertava: “Os idiotas vão tomar conta do mundo; não pela capacidade, mas pela quantidade. Eles são muitos.” E, sendo assim, a pergunta que devemos nos fazer é: queremos realmente fazer parte dessa liderança vazia?

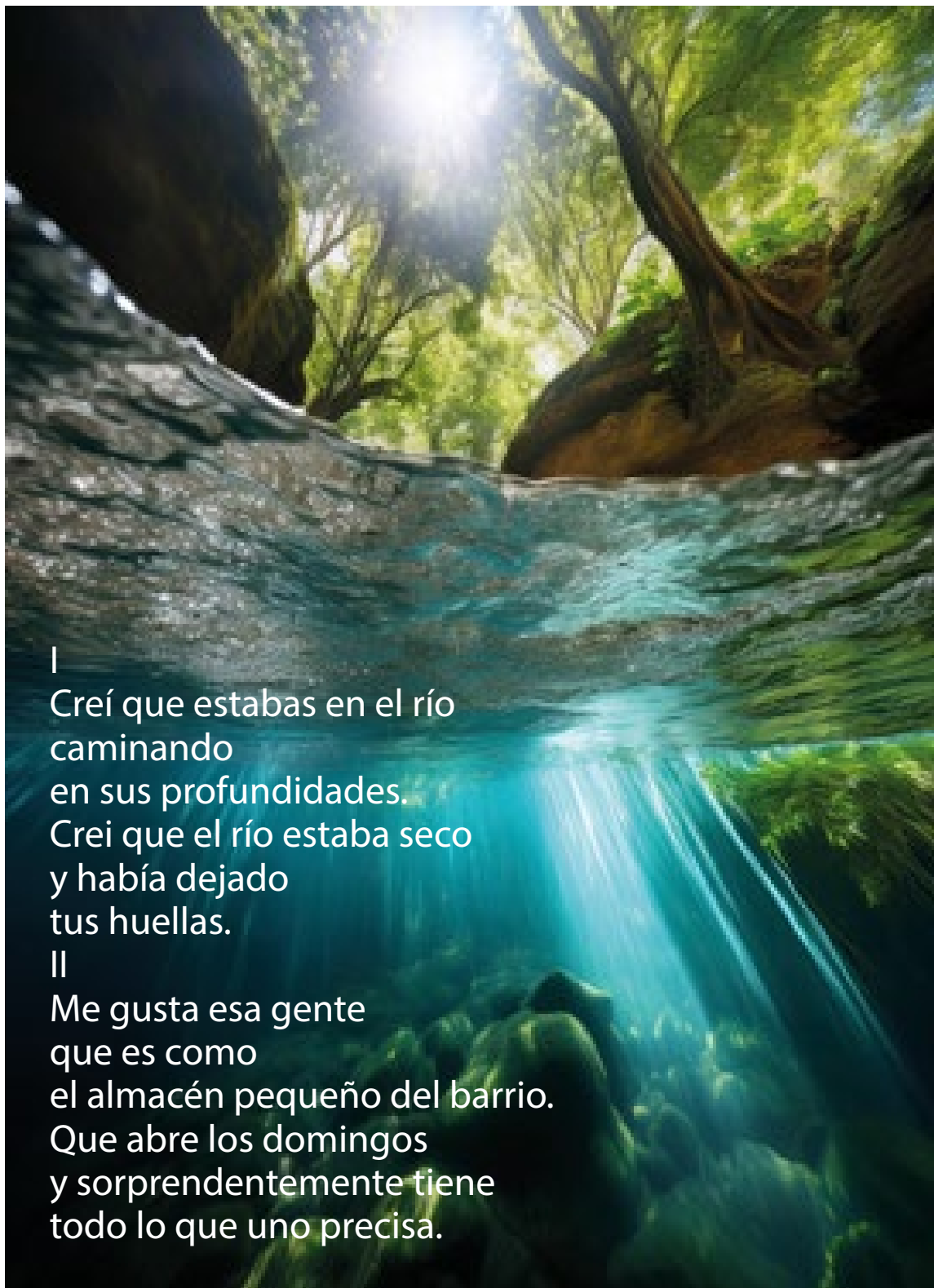
O rumo que damos à nossa vida é profundamente particular. Mas acreditar que somos espertos não nos torna verdadeiramente sábios. O que nos define não é o quanto sabemos, mas o quanto estamos dispostos a agir para mudar, para crescer e para oferecer algo de valor ao mundo. Muitas vezes, confundimos inércia com segurança. Ficamos presos a uma zona de conforto que não é, de fato, confortável. É mais uma prisão disfarçada, na qual nos convencemos de que estamos seguros porque não nos arriscamos, mas, na verdade, estamos apenas adiando o inevitável. É nessa espera passiva que se perdem os sonhos, as oportunidades e até a capacidade de reconhecer quem somos e o que queremos ser. Não há vergonha em admitir que estamos errando, que estamos aquém do que poderíamos oferecer ao mundo. A vergonha está em nos conformarmos com isso. E, infelizmente, muitos fazem exatamente isso. Escolhem o caminho mais fácil: apontam o dedo para os outros, culpam o governo, a economia, os pais, o passado. Mas e a responsabilidade? Em que momento assumiremos as rédeas de nossas próprias vidas?

O mundo está cheio de exemplos de quem deu a volta por cima, de quem encontrou propósito em meio ao caos, e, ainda assim, a maioria prefere ignorar essas histórias. Por quê? Porque mudar exige esforço. E esforço assusta. Cansa. Dói. Exige vontade. Responsabilidade. Não se trata de uma competição com o outro, mas de uma busca por autenticidade, por aquilo que realmente nos faz bem. Porém, não podemos esquecer que ser feliz não é uma constante. A felicidade não é um destino final, mas uma construção diária, feita de escolhas conscientes, responsabilidades assumidas e gratidão por tudo o que conquistamos, ou até pelo que ainda não temos, mas desejamos conquistar. Estamos em uma época em que o excesso de informações nos confunde mais do que nos orienta. Estamos distraídos, mergulhados em comparações inúteis nas redes sociais, buscando validação onde não deveríamos. Quando foi que perdemos o foco do que realmente importa? Quando foi que paramos de olhar no espelho e nos perguntar: o que estou fazendo com a minha vida?

A questão não é apenas individual, mas também coletiva. O mundo reflete aquilo que plantamos. Se devolvemos menos do que recebemos, estamos contribuindo para um ciclo de mediocridade e irresponsabilidade. Queremos mesmo ser parte de uma sociedade que apenas consome e destrói, sem se preocupar com as consequências? Talvez o maior ato de coragem hoje seja o de parar de esperar. Levantar, agir, mudar. Não pelos outros, mas por nós mesmos. Porque, no fim, a única coisa que realmente carregaremos desta vida será o que fizemos, o que deixamos de legado, não para o mundo todo, mas para aqueles que amamos e para nós mesmos. E aí está a chave: entender que não há vergonha em recomeçar, em tentar algo novo, em buscar ser melhor. O verdadeiro fracasso não é errar, mas desistir de tentar.

Cristian Canto





I  
Creí que estabas en el río  
caminando  
en sus profundidades.  
Creí que el río estaba seco  
y había dejado  
tus huellas.

II  
Me gusta esa gente  
que es como  
el almacén pequeño del barrio.  
Que abre los domingos  
y sorprendentemente tiene  
todo lo que uno precisa.

**Biografía del autor:**

**Pablo Andrés Rial (1984) es un docente, poeta, escritor y dramaturgo argentino.**

**Autor**

**de los poemarios La casa de barro (Ediciones Arroyo), Aves desplumadas (Ópera Editorial) y Forzado a viajar (Paserios Ediciones). También, escritos suyos han formado parte de varias antologías. Actualmente colabora realizando reseñas y entrevistas en revistas de Argentina, España y México.**

## Vocal-mente

Se um dia caíres e mais nada tiveres  
O que terá de ser teu, a ti parará  
Mais nada terás por perder  
Livre assim serás.

Se um dia a voz falhar  
Nas cordas vocais, faltar melodia e timbre para cantar  
Mesmo que o silêncio castigue...

Lembra-te que o olhar ainda comunica  
Com amor por transmitir  
A mente, dispersa abertamente  
E a alma se conecta num sorriso.

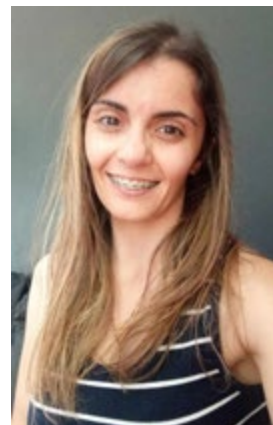
O coração lá reside no que faz sentido  
Pequenos momentos se tornam grandes  
O tempo, muito ou pouco, desconhecemos

Seja merecedora do carinho, afeto...  
Experiências a oferecer  
No tempo que tens  
ou que qualquer um tem, para viver.



### BIOGRAFIA

Sílvia Fernandes Neves da Silva (Sílvia Silva), nascida a dia 14 de Maio de 1992 é natural de Lisboa, Campo Grande. Começou a escrever com cerca de 14 anos nos Olivais, local que a viu crescer... Presente em várias antologias como co-autora tanto em Portugal bem como no Brasil. Assina também como Liliana Alves Loureiro, seu pseudónimo. É associada do Núcleo de Letras e Artes de Portugal desde 2022 e da Academia Virtual de Poetas de Língua Portuguesa desde 2021.



Perto  
Bem perto  
Ouço o vento  
Que sopra forte  
Escuto o balançar das folhas  
Não!  
Não vejo as folhas

Longe  
Bem longe  
Ouço agora  
O barulho dos carros  
Não!  
Não vejo os carros  
Mas sei  
Esse é o barulho  
Que me incomoda

Sentado  
Me vejo  
Com os olhos vendado  
Sensação única  
O que gosto ou não de ouvir  
Intimidade essa que, é só minha

Esse é o meu mundo  
Abstrato  
Não palpável  
Sentimento sem largura ou profundidade alguma

Muro alto  
Não consigo encher nada  
Do outro lado  
Curiosidade extrema

Não aproveito  
O que têm do lado de cá  
Não observo  
Nada que, para mim é o quê existe  
Do lado de cá  
Só observo o muro  
Alto muro

Agora, não mais vendado  
Vejo o quão alta  
Era a árvore  
E tão pequenos eram os carros

Sensações que absorvo  
Muros que não existem  
Incômodos e provocações que me propõe  
Viver dentro do meu imaginário

Uma pauta  
Um tempo  
Uma insanidade  
Dentro de um espaço que só existe em mim

Provoco o impossível  
O escasso  
E zombo do acaso  
Logo então  
Descubro  
As inverdades quê só há em mim

Venda  
Muro  
Obstáculo  
Caso  
Descaso

Quê, são frutos do imaginário  
Caos quê eu mesmo provoco  
Para me sentir  
Um par de chinelos que, se sente indispensável  
mas, precisa de um par de pés para continuar a ser  
útil

Inconscientemente consciente  
Irresponsavelmente  
Responsável

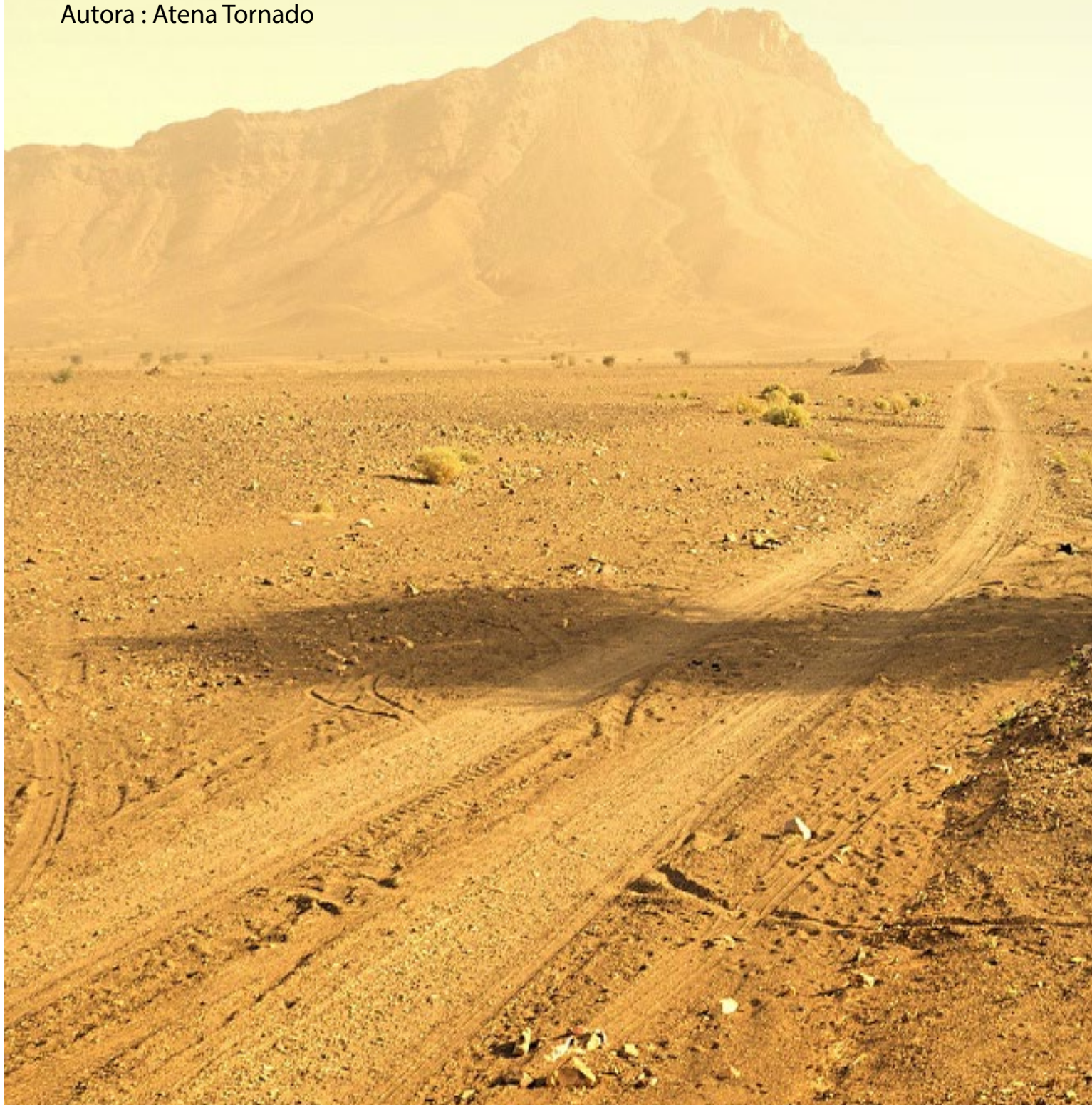
Sempre à frente do nada  
Calado com minha cabeça totalmente falante

Escutando só os alto-falantes quebrando o som que  
vem do silêncio que há em mim.

Poesias-wilson lirio  
Nome: MUITO ALÉM DE MIM  
31-01-2025  
15:32 hrs

Quem poderá dizer o que mais vale a pena?  
Há quem diga que "só o tempo".  
Quando a estrada se esvaia de nossos  
sonhos, mais linda,  
Quem poderá dizer onde ela irá fluir  
Dias após dias...  
Senão nós mesmos,  
Tentando, acreditando, sangrando a  
alma, às vezes!  
Quem poderá dizer como forjar uma nova rota  
Sem perder a fé em algo?

Livro: Somo Promessas ou Lindas Sementes?  
Autora : Atena Tornado





# Sim, Senhor General!

Thais Castilho

No início, era um gato qualquer. Apareceu, de repente, enrolado no capacho de entrada de minha casa. Confesso que da primeira vez que o vi, levei um susto ao me deparar com o bichano deitado bem na passagem, no meio do caminho.

Toda volta para casa, passou a ser assim. Para entrar, pulava o gato que com suas patinhas tentava me alcançar. E assim ficamos umas boas semanas, eu, de um lado, o ignorando e torcendo para ele sumir, e do outro, ele fazendo de tudo para ser visto.

Quando começou a me receber miando, resolvi alimentá-lo. Passei a dar água e oferecer ração, afinal já estava mais que provado que o bichinho não tinha família. Depois, resolvi dar carinho, conversa e foi alçado a General.

Ele, por sua vez, não se opôs ao mais alto posto a ele concedido, como se as estrelas da condecoração a ele pertencessem desde sempre. Passou a comandar o espaço que antes chamava de minha casa.

Pela brecha da porta entrou e lá de casa nunca saiu. Decidiu que já era hora de deixar de viver sozinho e aquela casa parecia ser um bom lugar para envelhecer em segurança. Fez da casa seu quartel e impôs suas regras. Dorme onde quer, aparece quando quer e me acorda quando deseja.

Todos os dias me espera na sala de casa. Quando abro a porta, já o encontro olhando diretamente para mim com ares de superior. Bato continência ao General e ele responde fechando os olhos puxando as orelhas para trás e me dando um sorriso que mais parece uma ordem. Só assim tenho permissão para entrar em casa.

— Sim, Senhor General, trocarei a água e colocarei ração imediatamente. Digo prontamente antes de qualquer miado. E General passa me seguir pela casa, enroscando-se em minhas pernas, até eu cumprir a missão prometida.

Vou salvar tua vida com minhas  
poesias ou te matar de vez

Gostaria que minhas poesias  
Fossem como uma missa  
Gostaria de ter seguidores, fieis, pecadores  
Queria ter os poderes de Jesus  
Pra te tocar e te curar  
Vou salvar tua vida com minhas poesias  
Ou te matar de vez  
Sabe amigo, não se abata com as críticas  
Não fique cabisbaixo  
Sabe, você é importante  
Pelo menos pra mim  
Pode contar comigo  
Para todas as horas  
Até em suas horas mais sombrias  
Nas horas de medo &  
Incertezas, na hora que você  
Se sentir fraco  
Eu sei parceiro, já me senti assim  
Também, vamos caminhar  
Pelo caminho suave  
Esse caminho legal  
De amor & caridade  
Gostaria de ver você  
Brilhando comigo.

Vagner Xavier



# FLORES à Luísa



Vinícius Fonseca

O ramalhete segurado firme na mão esquerda. A cabeça cheia de recordações e desejos. Quem dera a ele ter conhecido Luísa um pouco mais cedo em sua vida. Com ela, cada momento é especial. É certo que mais tempo criaria memórias ainda mais marcantes.

Se alguém pudesse lhe adentrar a cabeça saberia exatamente a loucura que o amor é capaz de fazer ao ser humano. Já adulto feito conheceu a sua amada infância em sua miserável vida.

Parece desconsiderar que talvez ela só tenha gostado dele por quem ele é hoje e não por quem era no passado. Ou pior, talvez nunca tenha gostado dele de verdade. Mais certo imaginar que o via como um acaso, um imprevisto. Ou pior ainda, talvez ela nunca tenha existido e ele, mesmo de ramalhete na mão, apenas devaneasse.

As flores lhe pareciam reais, o ar que respirava parecia real, o cheiro, as cores, as imagens que tinha do rosto da pessoa amada a cada vez que fechava os olhos. Tudo isso misturado com imagens do que nunca existiu.

Via uma Luísa pequena, o vestido rodado, girando e girando com os pés firmes na grama. Eles não estavam descalços, vestiam uma sandália qualquer, mas tudo nela parecia ser de melhor qualidade, até mesmo peças de roupa, embora o que lhe valesse fosse o conteúdo do coração.

Que coração? Será que apostava em uma criança já com o coração da adulta por quem se encantou? Pensando bem pode ter imaginado que coração de criança não tem maldade alguma, ou seja, eis ali rodando naquele gramado a versão mais pura de sua amada.

Entrega-lhe as flores, vê o sorriso brotar entre seus lábios. Ora enxerga uma criança e seus dentes de leite, ora a adulta que sempre amou. Embora irreal, certamente era Luísa. Podia recordar as fotos que se acumulavam nas estantes e nos murais da moça por quem se apaixonou. Era impossível não reconhecer aquela criança, era indescritível a sensação de estar perto dela. Era inumano tentar esquecê-la.

Entrega-lhe as flores, os lírios que sempre amou, a criança sorri, ele se vê menino outra vez. Que tal se pudesse pegar nas mãos da garota e passear pelos campos verdejantes? Será que ali, naquele ponto da vida, já amava os mesmos livros de quando se conheceram? As mesmas bandas de rock? Ou ainda é muito cedo para iniciar uma conversa?

Caiu em si quando percebeu uma única coisa que nunca mudou. Embora se esforçasse para começar um assunto, perto dela ficava constantemente sem palavras, querendo só admirá-la. Naquele campo verde e com aquele vestido florido, nem mesmo o sol tinha tanta luz quanto Luísa.

Aliás, brincar com a palavra luz e o nome de sua amada era algo recorrente. Mesmo que ela fingindo desinteresse ou um certo constrangimento dissesse, “Luz é com Z e meu nome é com S”.

Tola, essa brincadeira nunca foi sobre português e sim sobre o quanto ela era capaz de iluminar a vida e mudar os dias daquele homem e, por vezes menino de ramalhete na mão.

Os devaneios do poeta com a infância nunca vivida, poesias com sorvete, brincadeiras, roupas coloridas. Poesias de inocência, poesias de longa vida, cheias de energia, de tristeza suprimida. Os pensamentos desviam, lembra das crianças com fome, da dor de um mundo cruel. Já não enxerga sua amada como criança. A lembrança que nunca existiu.

Reorganiza-se, reconstitui-se, poetas têm um jeito agridoce de ver a vida. Tudo lhe toca fundo ao coração. As dores do mundo, o amor não vivido, as más companhias, a solidão. Volta a lembrar de Luísa, ramalhete na mão. Volta a lembrar de Luísa, sorriso inocente, campo verdejante em tempos que nunca existiram, tampouco existirão.

Luísa, doce criança, quisera ele tê-la conhecido mais cedo. Será que seria tão amado quanto foi? Não dá para saber, mas provavelmente não. Talvez as coisas tenham que acontecer no tempo em que devam acontecer.

Não, ele não acreditava em destino. Imagina, vir ao mundo com o sofrimento e as alegrias já definidas. Que vida sem graça seria. Porém, duvidando ou não, que bom seria se de qualquer forma tivesse Luísa.

Quando a imagina ainda criança não o faz por mal. Apenas queria mais tempo com ela, para apreciar o amor que tanto sente. O amor que o colocou de ramalhete na mão, mesmo embaixo de chuva.

A chuva, essa informação nova em pequenas gotas, muitas gotas. Volta a lembrar de sua amada ainda criança. Será que ela gostava de brincar na chuva? Correr por aí, pés descalços, o cabelo molhado. Sorrir e colocar a língua para fora. Viver aventuras brincando de nadar e se afogar no mar da tranquilidade que é brincar só por brincar.

Ela certamente teve uma infância feliz, pensa ele. O ramalhete na mão, agora é encoberto pelo casaco. O que tanto espera para entregar as flores para sua amada? Está chovendo, tome uma atitude, homem. A cabeça esquece de Luísa criança por mais um instante, volta à realidade.

Um guarda-chuva cessa os pingos. Ele vira depressa para ver quem é. Seria, Luísa chegando com seu jeito



manso e cuidadoso? Finalmente o ramalhete deixaria suas mãos? Quanta frustração...

Era apenas uma senhora oferecendo gentilmente, abrigo. Também carregava flores, talvez tivesse recebido da pessoa amada, talvez fosse entregar para alguém. Ficou receoso em perguntar. Apenas sorriu como forma de agradecimento.

Poeta de alma ansiosa, os cabelos brancos como neve e ralos como os de quem já viveu muito o fizeram pensar em como seria passar a velhice ao lado de sua amada. De repente a pequena Luísa ganhou rugas em sua mente. Agora era uma senhora andando arcada, mas ainda estava com ele e sempre de mãos dadas.

A senhora, não Luísa, mas a do guarda-chuva o puxou pelo braço para perto de um banco. O convidou para sentar-se. Parece que ficaria ali até a chuva passar. A chuva não era torrencial, foi bem inesperada. Ainda se via o sol junto aos pingos, todos dividindo o espaço no mesmo céu.

Assim como a vida, a chuva era passageira, a senhora parecia enxugar as lágrimas, ou seriam os pingos d'água? Tudo estava tão confuso. A cabeça criando memórias, a realidade lhe dando socos involuntários. Ao menos o ramalhete seguia firme na mão e bem protegido.

Voltou a se concentrar na senhora e seus cabelos brancos. Voltou a pensar em como seria bom envelhecer com Luísa. Começou a rir ao lembrar que era dizia que morreria jovem. Como boa apreciadora de rock and roll, o plano inicial era morrer aos 27. Fracassou completamente, mudou os planos para os 35. Era para ele rir mesmo, imagina os dois vivendo até os 80?

A senhora do guarda-chuva pôs-se a rir. Talvez a alegria dele reavivou alguma memória dela. Vai saber, a vida tem dessas coisas. Ele nem esperava pela existência de Luísa e agora só queria mais tempo com ela. Ela criança, ela idosa, ela como ele a conheceu, não importa, desde que a sua vida a tivesse por perto.

Era inevitável pensar na velhice dos dois. Afinal, ele perto dos 40 já poderia se considerar um homem de meia idade. Ela, um pouco mais nova é verdade, mas nada tanto assim, como costumavam brincar.

Certamente as flores daquele ramalhete não mais existiriam para ver esse momento chegar, mas quantos ramalhetes mais, ele estava disposto a comprar só para arrancar sorrisos de sua amada. Ou simplesmente a luz da sua vida. Talvez uma floricultura inteira ou até mais de uma. Uma franquia, quem sabe!

Pensar na Luísa idosa tornava impossível não pensar nos dois sentados em cadeiras de balanço pensando no bom trabalho em que haviam feito ao criarem um ou dois filhos. Essa conversa nunca foi consenso entre os dois, mas quem sabe com o tempo ela se convenceria a não ter apenas um filho.

Ser filho único não deve ser fácil, depois que os pais morrem você se vê obrigado a ficar sozinho no mudo. Dois ou três lhe pareciam número mais justos para criar. Se os dois vivessem até os 80, talvez ter mais filhos fosse algo bem possível. Ele sempre foi convincente, apesar de toma teimosia dela.

Aliás, isso talvez não fosse totalmente verdade, pensou rapidamente, afinal dizem que velho tende a ficar bem mais teimoso com o passar do tempo. Mas, também quase ninguém tem filho depois dos 60. Afinal ambos eram apreciadores de rock, mas nenhum deles tinha pretensão de bancar o Jagger ou o Richards. Além do mais, para as mulheres a fertilidade é mais curta e qualquer decisão de um outro filho já teria que ter sido tomada com a metade dessa idade. E não adianta pensar no segundo se você nem teve o primeiro.

A maldita realidade batendo à porta novamente. Entre devaneios e pensamentos concretos a chuva parou, ele se despediu da senhora, mas optou por seguir sentado olhando o vazio. Colocou a mão no bolso do casaco para afastá-lo do ramalhete, sentiu um metal frio. Era um anel. Flores, anel e nada de Luísa. Mesmo assim a mente resolveu se concentrar no que havia de verdade em tudo.

O fato inestimável de ter conhecido Luísa no presente. Aquela jovem que o fazia sorrir por cada coisa, que a outros olhos poderiam parecer estúpidas. Aquela mulher que não saía de sua cabeça.

Quanto tempo demorou para ver aquele sorriso, aquele sorriso que jamais esquecerá e que agradece aos céus todos os dias, por ter visto. Luísa não era apenas uma coisa de sua cabeça, Luísa era real, era menina solta, era mulher cheia de encantos. Pessoa repleta de qualidades. Tantas que tornavam os defeitos quase imperceptíveis. Olhou fixamente para o anel, agora em suas mãos, colocou-se em pé. A realidade bateu novamente, começou a perceber as pessoas à sua volta. Lembrou-se do que veio fazer ali.

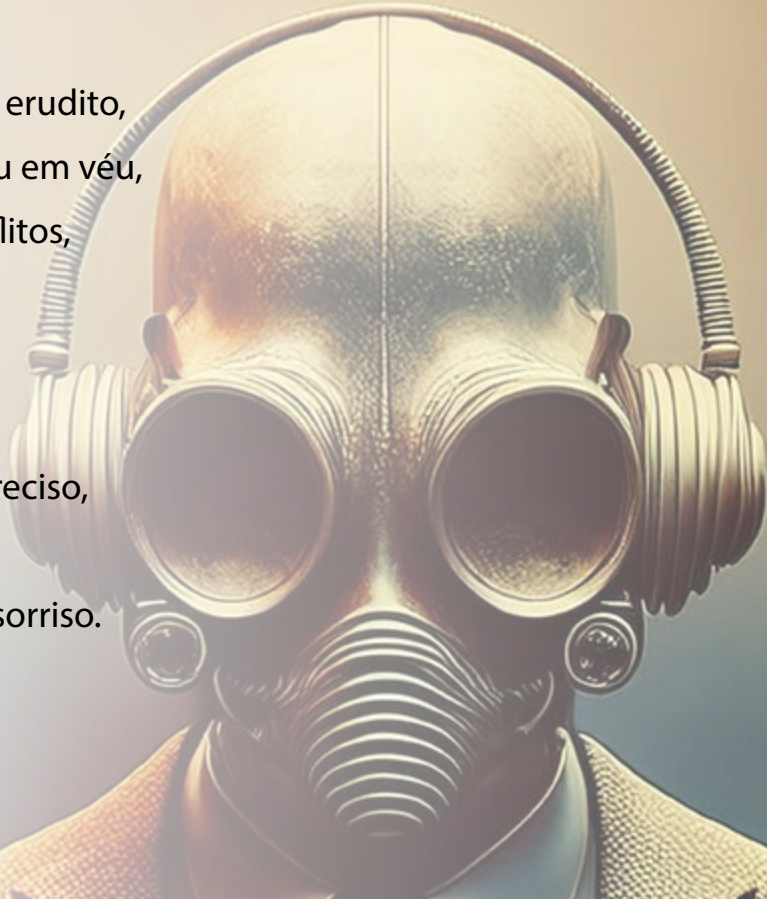
Caminhou até a lápide, colocou a aliança de sua amada sobre a pedra, soltou o ramalhete ao chão. As lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. Era uma pena ela não ter vencido o câncer. Não ter chegado nem aos 35 planejados. Eles não tiveram filhos, mas a ele cabia seguir em frente e à Luísa restavam as flores.

Eu precisava escrever!  
Não um rabisco qualquer,  
mas um grito de tinta e papel,  
uma palavra que explodisse no ar,  
sacudindo do vigário ao coronel.

Eu precisava escrever!  
Com a firmeza do punho erudito,  
talvez em pergaminho ou em véu,  
um bordado de versos aflitos,  
um protesto num papel.

Eu precisava escrever!  
Mas no instante exato, preciso,  
a revolta calou-se  
perdida na curva de um sorriso.

Wilson Inacio



# A Fragilidade do Vidro

Jackie Rodrigues

Abri o site no qual publico minhas fanfictions e a administradora nos desafiava a criar um texto com base em uma imagem.

Era uma imagem de uma cama de casal, com os lençóis em desalinho, em frente a uma ampla janela que mostrava o céu visto de algum apartamento de cobertura.

Tenho medo de altura, mas também me atrai a ideia da queda livre. Por isso, me recuso a acreditar que o tempo do voo até o chão seja mais curto do que toda a vida que deveria passar diante de nossos olhos. Pior ainda: a vida seja tão curta que cabe na distância de uma queda.

Fiquei horas olhando a foto, enquanto escutava a mesma música. Percebi que o ritmo alucinante parecia uma queda livre, um mergulho numa torrente de pensamentos confusos. E tinha “the little girl”.

A Garotinha – O conto

Nunca gostou de confinamento. Sempre amou os espaços abertos, alturas, as coberturas dos prédios e o asfalto lá embaixo, longe.

Aquela pequena garota (ou seria uma garotinha?) era encantadora. Sim, mente brilhante. Não era bela. Nem um pouco. Mas os olhos...os olhos eram azuis e pareciam a janela de uma casa desabitada. Na hora do sexo era como se ninguém habitasse aquele corpo que respondia. Não olhava para mim, nem além de mim; olhava, talvez, outra dimensão. Eu sentia ciúmes, porque não entendia.

- Tens outros em sua mente quando estás comigo?

Negava. Ria. Encantava-me. Na verdade, nem sei se a profissional que sou era quem se apaixonava cada dia mais. Ela tinha muitos compartimentos naquela cabeça e eu...ah, eu queria abrir todos. Ela os abriu. Uma vez abertos, como fechá-los?

- Você gosta de mim ou da minha cabeça? – suas perguntas ardilosas.

- Dela em você! – minhas respostas sinceras.

- É sua. – a oferta irrecusável.

Olhando essa imensa janela, agora quebrada, penso como era olhar por ela e ver o céu, estrelas e...monstros. Não dei conta. Fugi. Corri desesperadamente, o mais longe possível, dos monstros. Meus, dela, nossos.

Ela era tímida, era feia, era inexpressiva, ficava na sombra. Eu joguei a corda, puxei, tirei do poço. Mas, juntos, agarrados, vieram os monstros incomodados por eu tirá-los do conforto. Uma intrusa naquele mundo imperfeito. Eles revidaram.

Orgulhosamente tola, minha psique superior pensou ter domínio. Deveria saber que monstros não se dominam, são treinados. Respondem aos comandos na medida que gostam da sua companhia. Ela pediu que eu ficasse. Eu roubei seu espaço, todos espaços, infinitos, amplos...deles.

Qual parte de mim a amou? Qual parte de mim amou moldar e manipular aquela mente que eu sabia não tinha paradigmas fora daquela nossa janela? Para ser sincera, ela era minha cobaia. Ela chegou para mim irremediavelmente oculta em si mesma. Sofrera muita violência contra o corpo frágil. Cometera crimes, atentados contra a vida, dela e de outros, ataques violentos, tudo esquecido sob o véu da adolescência. A lei garantiu o anonimato. Eu deveria dar o laudo médico. Deveria atestar a recuperação. Eu a testei.

Longe dos métodos aceitáveis, fui além. Não quis apaziguar a mente. Quando perguntou se eu a amava, ela disse que o amor dela era forte e tudo era meu: mente, corpo e alma.

De tudo, eu quis a mente. Corpo era mais um e alma é coisa de padres. A mente era sedutora. Dei a ela a mais perigosa mente. Aguda e afiada como um bisturi. Médico e monstro.

Era divertido. Ela falava o que pensava. Fazia o que bem entendia. Era cruel, mas era justa. Não mataria uma pulga, mas feriria uma pessoa sem pensar duas vezes. A agressividade dela era mera curiosidade sobre as reações humanas. Distração, sem importância com a dor ou conflitos morais.

Cada gesto desenfreado dela e eu ficava excitada, desejo à flor da pele. A cama era melhor. Tinha dor. Mas, a minha pequena garota (ou garotinha?) deixava o emaranhado dos lençóis tão lindo quanto o redemoinho em sua mente. A cama bagunçada era o retrato do nosso amor dentro da cabeça dela.

Ela sempre brincava (será?) com o amplo vidro da janela, questionando se era firme o suficiente para aguentar um corpo. Algumas vezes, fizemos amor contra a janela, estressando a resistência ao impacto. Ela socava o vidro nos orgasmos; amassava minha bunda contra a matéria fria e dizia: vamos voar fazendo amor!

Nunca quebrou. O vidro nunca quebrou ou, de fato, não era a nossa intenção. Ao menos, a minha. Ela era impossível de socializar. Não fazia questão, caso eu não estivesse junto. Mas eu a treinei. Agora que a lei a considerava adulta, usei seu medo de perder a liberdade para criar limites. Ensinei, caso não conseguisse se conter, fosse rápida para que o susto do ataque desse a ela o tempo necessário para a fuga.

A grande janela resistia aos gritos de ciúmes agudos como uma guitarra ensandecida. Abafados pela vista maravilhosa do pôr do sol, do amanhecer, das estrelas, da chuva, do corpo dela nu, contra a luz. A cama era um palco. Só eu a plateia.

Quando precisava ir (e eu comecei a precisar demais “ir”, correr, fugir), ainda no início dessas ausências, as notas eram emitidas com fúria, mas eu a continha antes dela explodir o vidro, evitando que tudo aquilo estilhaçasse fora do nosso limite.

Entretanto, com o tempo, não existia nenhuma códiço, som, palavra que pudesse desligar o complexo instrumento. Perdi o controle. Os monstros eram realmente assustadores. Arrepiantes. Excitantes!

Como um homicídio vira suicídio, sem que saibamos quem cometeu?

Eu estava me suicidando pelas mãos dela, a homicida criada espelhando minha imagem.

E, apesar de tudo, ela perguntava pelo meu amor e eu dizia que a amava.

- Até quando? – mais uma pergunta ardilosa.

- Até o dia que morrer. – não havia sujeito na resposta.

Agora sei que o vidro tinha limite de resistência. O meu foi menor.

Constato isso sentada aqui, olhando a vista, ainda mais linda por causa dos estilhaços. Olhando a cama onde, vez ou outra, conforme a luz, dá para ver algum caco de vidro refletindo; eu penso “até o dia que morrer” chegou? E, novamente, quem era o sujeito da oração? Merece uma oração esse sujeito oculto? Será que cumpri minha parte? O dia que morrer chegou! Não sei se me sujeito a ser o sujeito.

As sirenes: já tinha percebido a confusão quando estava chegando. Cheguei aqui e tudo parecia recente. O vento que sempre foi impedido pela janela, assobiava na cadência da morte. O ar era fresco, bem como a mancha ainda no asfalto lá embaixo.

Falarei a verdade para os policiais: “Sou a psicoterapeuta dela. Fui chamada, mas não pude ajudar”.

Onde estava minha mente? Calculando o tempo da queda.

Fecho os olhos e vejo através dos olhos dela. Peixes e pássaros mergulham. No líquido, no éter. Imagino como teria sido o voo dos monstros. O espaço que tomei eles pegaram de volta. A ironia é que os olhos dela olhavam para o céu, fundindo os azuis, felizes e certos que os monstros que soltei contra mim, ela os matou para me proteger. A pequena garota sempre foi destemida. Tenho certeza que olhou o corpo caindo, enquanto partiu em outra direção, debochando da morte, da matéria, da alma, sem dar a devida gravidade ao assunto. Ela era a comandante de um exército de monstros. E pensou que o lideraria com ela até o fim.

Descobri que até os monstros são covardes e se apegam à vida, não importa de quem, apenas grudam naquela que está mais perto, os desafiando. Teria sido em vão a tentativa da garotinha de afastar de mim suas malvadas criaturas?

Onde estava minha mente? Apenas cinco segundos durou nossa história até se espatifar aos pés alheios.

Na minha mente sei que eu amaria minha garotinha até o dia que ela morresse.

Sinceramente, eu a amo até o dia que eu morra. O dia começou hoje.

Fim

## Minibiografia

Residente em Londrina desde 2010. Como escritora, tem um extenso trabalho literário, escrevendo em vários gêneros desde 1984. Em 2021, foram “Nova Antologia de Poetas Londrinenses” selecionado e lançado pelo Festival Literário de Londrina – Londrix; “Cancão de Uma Exilada Pela Covid” poesia selecionado para integrar o livro “Onde Canta O Sabiá”, lançado em português e inglês pela Lura Editorial.

Em dezembro, dentre 2.619 mulheres escritoras, Jackie Rodrigues foi premiada com o Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres 2023, realizado pela Secretaria de Formação, Livro e Leitura / Ministério da Cultura, com a obra “O Cardápio da Vó Olga”. A única de Londrina, cidade na qual sente-se extremamente bem acolhida como escritora.

Em 2024, lançou em coautoria o livro “Um Banquete Literário – Histórias sobre Clubes de Leitura” pela Ed. Madrepérola e participou da antologia “Um Dedo de Prosa” da editora Atrito Arte.

Insta: @jackie\_rodrigues

# Desejos verdes e maduros

Evandro Valentim de Melo

Aladim e a lâmpada mágica marcaram-lhe a infância. Desde então, da época de seus verdes anos, habituou-se a caminhar cabisbaixo, a olhar para o chão. Quem sabe acharia alguma lâmpada mágica perdida por alguém?

Não precisava ter o mesmo formato, tampouco que o gênio concedesse três desejos. Bastava um só. Não hesitaria: sua vontade era poder voar! Sempre admirou o voo das aves. Duas delas em especial: os abutres, pelo elegante planar ao sabor dos ventos, e os beija-flores, pela incrível velocidade. Como gostaria de fazer o mesmo!

Agora sessentão, se um gênio aparecesse para lhe conceder um desejo, um só, de novo nem bambeava, o pedido seria uma coluna vertebral novinha, sem a terrível hérnia de disco que o flagela e o limita a viver com qualidade.

Seu encantamento de outrora perdeu o par de asas, o sonho infantil, agora, desloca-se rasteiro, transformou-se em inveja. Inveja de quem consegue, simplesmente, se curvar e amarrar o cadarço dos sapatos sem estalar os ossos, sem gemer ou fazer careta de dor pelo movimento. Isso sim, é magia pura!



# POR AÍ...

Andei por aí...

Desliguei o telefone

Quis esquecer o meu nome

Tão pouco dei “trela” pra um sobrenome.

Andei por aí...

Observando os detalhes

Respirando novos ares

Chegando e partindo de vários lugares.

Andei por aí...

Buscando tempos presentes

Bloqueando coisas que sempre foram ausentes

Mas, sem ignorar os princípios negligentes.

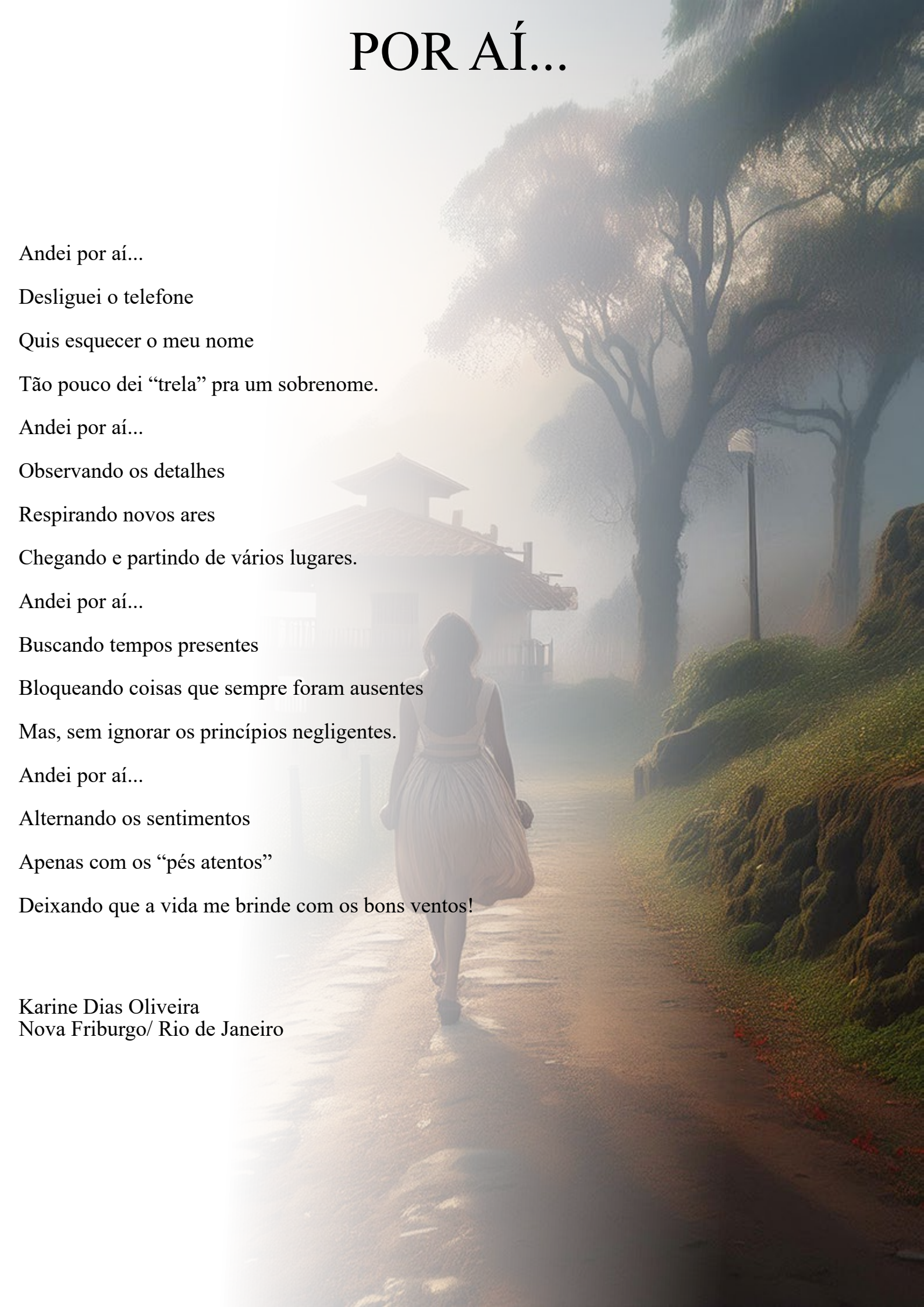
Andei por aí...

Alternando os sentimentos

Apenas com os “pés atentos”

Deixando que a vida me brinde com os bons ventos!

Karine Dias Oliveira  
Nova Friburgo/ Rio de Janeiro



## **Ser Amigo é para os Fortes**

**Ser amigo é para os fortes,  
Para aqueles que sustentam a dor,  
Que carregam o peso dos segredos,  
E partilham o fardo do amor.**

**É para os que não temem a verdade,  
Que enfrentam as sombras lado a lado,  
Que oferecem um ombro nas tempestades,  
E celebram juntos cada passo dado.**

**Amizade é para os corajosos,  
Que se entregam sem reservas,  
Que aceitam o outro por completo,  
E constroem laços eternos.**

**É para os que sabem ouvir,  
Com o coração aberto,  
Que estão presentes na ausência,  
E na presença, são abrigo certo.**

**Amigos são para os que compreendem,  
Que a força está na união,  
Que nas fraquezas partilhadas,  
Encontra-se a verdadeira comunhão.**

**Por isso, digo sem hesitar,  
Ser amigo é para os fortes,  
Para os que têm a coragem de amar,  
E ,juntos, serem mais fortes.**

Patrícia Meireles



# Renascimento

Você foi cuidadosamente concedido.  
Brotou do coração da terra.  
O tempo foi dado aos seus cuidados.  
Um navegante em oceanos desconhecidos.

Os olhos da noite te vigiam  
Enquanto o sol repousa no amanhã.  
As estrelas brilham na intensidade dos seus  
sonhos.  
Há desertos no interior ansiando por um  
jardim.

Cante sua história  
Para que os ventos possam ouvir.  
Descreva sua alma através da poesia.  
Desenhe os caminhos dos seus sentimentos.

Não há uma verdade para todas as coisas.  
Aprecie a paisagem de cada viagem.  
Seja o que você veio ser  
E tenha orgulho de sempre renascer.

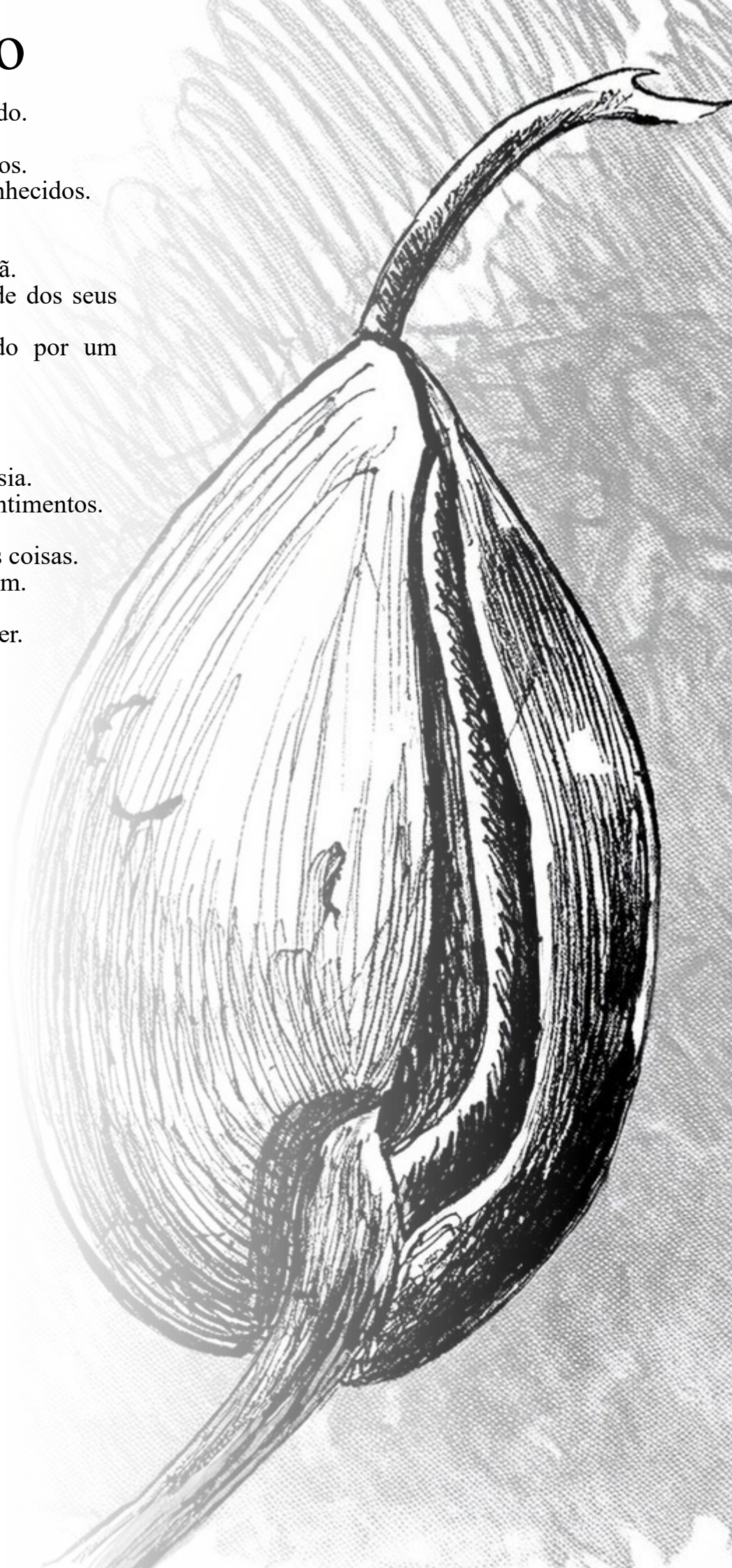
Di Savoia

Minibio:

Nascido em São José dos Campos, São Paulo, Di Savoia é Doutor em Literatura pela FEBACLA (Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes), faz parte da AVLA (Academia Valeparaibana de Letras e Artes) e possui 8 livros publicados.

Já representou o Brasil em Festivais Literários como o de Edimburgo na Escócia e o de Belgrado na Sérvia. Autor de 7 livros soltos, já ganhou prêmios importantes como o “Prêmio Book Brasil” e “Prêmio Boston Arts & Letters Awards 2024”

Teve o pioneirismo como primeiro autor valeparaibano a publicar uma obra contemporânea em Latim e primeiro brasileiro a escrever uma obra ambientada na Mitologia Celta.



## POEMAS

La felicidad jajajaja  
Estos sí que son felices

le decía a la abuela Pepa

una versión de mamá

niña

con una planta de mandarinas

un televisor

el sol en algún lugar

Todo lo que prometimos transcurre lento  
A medida que

los pescadores se retiran

los dorados suben a la laguna

En la orilla

un chico repite movimientos

sacados de la televisión

Un muñeco de friselina o polietileno

pende del horizonte y desaparece

Por el este

se aproxima un frente frío

A su modo nuestros padres

lo suponen

## BIOGRAFÍA

Leonardo Pez nació en Santa Fe (Argentina) en 1986. Licenciado en Ciencias de la Comunicación, ejerce el periodismo cultural y la docencia en los niveles secundario y universitario. Escribió los libros *Querés un mate? Diálogos e-pistolares* (UNL, 2012), *Bursinia* (Corteza, 2014), *Ricardo* (La Gota, 2015) y *Bicho sin dueño* (Lubieta, 2024). En 2010, ganó el Primer Premio en Poesía en los certámenes “José Cibils” (ASDE) y “Hugo Mandón” (SADE Santa Fe); en 2022, fue distinguido en el Festival “Poesía Ya!” (Ministerio de Cultura de la Nación). Ha sido traducido al inglés y al italiano. Desde 2021 es jurado de los Premios Gardel e integró el equipo de selección de la Bienal de Arte Joven de la UNL 2024 en la categoría “Letras”. Creador, junto a su hermano Guillermo, del programa de radio “Peces en el Aire”, actualmente escribe para *El Litoral* e *Indie Hoy*, y participa en diversos programas de Radio Nacional Santa Fe. Cada martes deja su huella narrativa en [bichoredactor.substack.com](http://bichoredactor.substack.com). Tiene una página web con sus producciones periodísticas: [leonardopez.com.ar](http://leonardopez.com.ar).

### BICHO SIN DUEÑO

*Bicho sin dueño* es el cuarto libro de Leonardo Pez, autoeditado a través de Lubieta. La obra, trabajada en clínicas de poesía a distancia con José Villa, reúne treinta poemas del autor santafesino. El arte de tapa y las ilustraciones fueron realizadas por la artista visual Virginia Abrigo. En su última etapa de impresión, el proyecto contó con el apoyo del Ministerio de Cultura de Santa Fe, tras haber sido seleccionado en la convocatoria Espacio Santafesino 2024.

Cambaleava  
Ali, o sol, agora, tornou-se escuro  
Se escorou no vento e, desatento prostou a cabeça para a frente e embalou-se na ribanceira

Sentiu-se livre  
Acordou livre  
Mas, agora, não sentia nada  
Nem triste nem alegre  
Nada...

A muito tempo  
Não via o sol  
Não sabia como eram as pessoas  
Não entendia, como o mundo mudou tanto nesses seus vinte e tantos anos no calabouço

Rodava ele  
Pelas ruas  
Pisava nas calçadas que antes, conhecia cada palmo de chão e agora, nada era tão mais desconhecido  
Não, não era mais igual, tudo mudou

Via que as pessoas não estavam mais nas esquinas  
Bordando, conversando, não!  
Nos Muros, não havia mais grafites  
As crianças não pulavam amarelinha  
Não havia mais arte alguma, tudo sem cor  
Ninguém mais na rua

Observou nos bares...  
O quê eram aquelas enormes telas?  
E por quê tudo era acompanhado por uma outra pequena tela?

Tentou uma pergunta  
O homem lhe olhou e, sem resposta alguma  
Dedilhou alguma coisa na retangular e plana tela e, de cabeça baixa começou a gargalhar  
Estranho, achou tudo estranho

Ele que até então se achava aprisionado em um calabouço, começou a entender que, todos aqui fora é que estavam presos  
em um outro mundo  
Sem conversa  
Sem amor, sem ideias ou criatividade

Como?!  
Ele começou a se frustrar...  
Queria, distribuir aquele amor que guardara, achava ainda que era importante  
Falar tudo que pensara lá na cadeia  
Abraçar alguém  
Não!  
Não havia ali mais nada daquilo  
Todos estavam mudos

Homem, da uma olhada para o alto e percebe que o sol sumirá atrás dos prédios e, sem nada a falar pois, não tinha com  
quem descobrir novidades  
Para ele, aquilo era a grande novidade  
Respira fundo, coça a cabeça, dedilha seu longos cabelos brancos da um trezentos e sessenta graus...  
Com um semblante de desespero,  
Sorri, da uma gargalhada, começa a voltar para o calabouço de onde nunca deveria ter saído

Pula, sente o cheiro das ruas  
Desconhece de tudo  
Pula  
Da risada  
Chora e de novo, outra gargalha  
Desesperada gargalhada e adentra para o seu calabouço  
Pois lá ele entende seus porquês  
Seu sim e seu não  
Conversa consigo mesmo e lá mesmo se entende  
Volta com seu amor para dentro de si,  
Da mais uma gargalhada e some entre os escuros Muros do seu...  
Calabouço.

Poesias Wilson lirio  
Nome: As últimas lindas risadas em seis horas  
19-02-2025  
10:45 hrs

# Dias campos

## CONSELHO DE MÃE.

Camargo Aranha tinha um modo peculiar de ganhar a vida e um meio sublime de se livrar das “correntes da vida” que por vezes o prendiam. Apropriar-se dos bens alheios por meio de golpes mirabolantes era o seu ganha-pão. Dedicar-se à literatura, escrevendo e publicando contos fantásticos, a sua maneira de se desacorrentar. Esta, aprendera-a com sua mãe no início da adolescência; aquele, seduziram-no os falsos amigos, antes de largar a faculdade.

E se D. Ana sempre agradeceu a Deus pelos dons da criatividade e da originalidade com que brindara seu filho, mais graças a Ele rendia pelo lar constantemente provido; se bem que jamais suspeitasse do ofício a que ele se dedicava.

Certa tarde, Camargo Aranha entrou em casa carrancudo. D. Ana logo percebeu que algo estava errado, pois, além de notar o seu semblante, o horário que chegava não era o de costume.

A bondosa senhora deixou que os minutos passassem na esperança de que seu filho viesse conversar.

Mas como não saía do quarto, o jeito foi acender o fogo a fim de que o perfume do bròdo o tirasse da clausura.

Pois não demorou muito para que ele aparecesse, e com um aspecto mais sereno.

D. Ana serviu ao filho um prato cheio. Depois sentou-se ao seu lado e esperou que começasse a falar.

Camargo Aranha, que jamais resistira a esse jeito materno de persuasão, contou que estava se deparando com muitos entraves à resolução de um negócio que imaginara, sendo essa a razão por que entrou em casa de cara amarrada.

D. Ana, então, tratou de lembrar ao filho o velho e sábio conselho – “Toda vez que se sentir acorrentado, usa do papel e do lápis para libertar-se”. Assim, se chegou com problemas, que os pusesse de escanteio e se entregasse à escrita. E à medida que fosse escrevendo, as correntes iriam se quebrando. Ao final, ficaria completamente livre para avaliar melhor as decisões que precisaria tomar.

Camargo Aranha sorriu; e pediu desculpas pelo esquecimento. E como soubesse que um muito obrigado não seria suficiente à sua mãe, usou do repeteço como meio de gratidão.

Terminada a refeição, o filho voltou para o quarto e sentou-se à escrivaninha. Seria por meio da sua arte que ele desanuviaria os pensamentos e acharia o caminho de que precisava.

Desta vez, porém, resolveu unir o útil ao agradável, e passou a escrever sobre a manobra desonesta que pretendia. Tinha esperança de que as dificuldades com que se debatia seriam todas superadas no desenvolver da história, o que resultaria em um verdadeiro roteiro àquilo que almejava.

Com efeito, na medida em que o texto crescia, e ganhava vida própria, os parágrafos faziam-se setas que indicavam os trajetos possíveis a serem percorridos. Os períodos convertiam-se em itinerários que descreviam os percursos prováveis a serem escolhidos. E o texto acabado transformou-se em um mapa detalhado, que, se seguido à risca, levaria ao destino cobiçado no menor tempo, com o menor custo e sob riscos aceitáveis.

É claro que esse foi o único dos contos que Camargo Aranha resolveu não publicar. Vai que tivesse como leitor algum investigador que reconhecesse os lugares descritos, que identificasse algum padrão de comportamento e que ligasse todos os pontos?

A exceção ficou a cargo de sua mãe. Afinal, ela sempre foi a sua primeira e mais fiel admiradora.

Em que pese D. Ana não gostar da temática escolhida – assalto a uma transportadora de valores –, e muito menos do final escolhido ao personagem principal, que escapava ileso, não deixou de aplaudir e de estimular o talento do contista.

À noite, sozinho em seu quarto, Camargo Aranha leu e releu o texto. E dele extraiu as passagens essenciais com que elaboraria um cronograma. Assim, ficaria mais fácil memorizá-lo, bem como explicar o plano aos comparsas com quem costumava agir.

E se sonhou com a sua execução, reproduzindo cada alternativa, decisão ou movimento descritos naquele conto, não conseguiu terminá-lo da maneira como concluíra, comemorando com a quadrilha, pois na hora exata em que iria agarrar os sacos de dinheiro, o despertador soou o estridente alarme.

Camargo Aranha levantou-se assustado. Mas foi se acalmando assim que se lembrou de que a reunião com seus cúmplices só aconteceria às dez horas.

Como sempre, D. Ana preparara o café e pusera a mesa.

Camargo Aranha lambeu os dedos com um pão na chapa feito na hora, sorveu o café com leite quentinho e cremoso, travou um gostoso bate-papo com sua mãe, e, por conta disso, adiou a leitura do jornal para quando retornasse.

Percebendo que seu filho acordara animado, D. Ana foi logo louvando a terapia do papel e do lápis, santos remédios que libertam os homens dos grilhões por eles forjados durante a existência!

Camargo Aranha sorriu, e concordou com um meneio de cabeça. Em seguida, beijou-lhe a testa, consultou o relógio, e partiu avisando que não o esperasse para o almoço.

E se ela aparentou concordar, ele fingiu acreditar.

Quando chegou ao local marcado – um bar insuspeito, no centro da cidade –, os três criminosos já o aguardavam, desejosos de dinheiro e saciados de cerveja.

Demonstrando certa contrariedade, Camargo Aranha perguntou se não era muito cedo para beberem.

A resposta, porém, agradou aos seus ouvidos – comemoravam antecipadamente mais um golpe de mestre.

O líder da quadrinha mostrou o cronograma que fizera, explicou o plano, e distribuiu as tarefas, enfatizando que cada um deveria agir em estrita obediência ao que idealizara.

Os ladrões tudo compreenderam.

Ao final da empreitada, repartiriam uma bolada de fazer inveja à concorrência, e poderiam viver sossegados por um bom par de anos; desde que, é claro, não dessem bandeira à polícia, ostentando luxo nos meses seguintes.

Como todos ficaram bastante satisfeitos, e confiantes, Camargo Aranha recostou-se na cadeira, varreu o bar com os olhos, e terminou por pousá-los no relógio. E como o horário incentivava, desconsiderou a pergunta que fizera ao chegar e indagou quem lhe serviria uma gelada.

O chefe do bando voltou para casa outro homem. Seu semblante nem de longe lembrava a carranca do dia anterior. Estava bem-humorado, falante, e trouxera de presente para sua mãe um lindo ramallete de rosas brancas. – O mimo também visava a desviar sua atenção quanto ao fato de ter bebido.

D. Ana preparara o seu prato predileto – lasanha à bolonhesa. Pena que estivesse um pouco fria, visto que demorou para voltar.

Na hora do cafezinho, sempre recém-passado, D. Ana perguntou se poderia mostrar à vizinha o conto que escrevera. – Havia, sim, uma vontadezinha de fazer inveja.

Camargo Aranha chegou a engasgar. Mas depois que se recompôs, inventou que estava em tratativas com uma Revista especializada. E quando o publicassem, traria alguns exemplares cheirando a novos, de modo que sua mãe poderia distribuí-los à vizinhança até com mais prazer. Isso foi suficiente para que ela se contivesse.

Antes de dormirem, o filho de D. Ana ainda foi visitado pela inspiração. Mas como a história revelava-se tremendamente autobiográfica, resolveu abortar o texto com medo de que sua mãe também quisesse mostrá-lo aos vizinhos.

Na manhã seguinte, ele nem precisou do despertador para levantar-se. Era a véspera do roubo. E como sempre acontecia, a preocupação fez as vezes da campanha.

Camargo Aranha ensaiou partir sem tomar café. Mas como sua mãe o lembrou de que saco vazio não para em pé, a antevisão dos muitos malotes de dinheiro que deveria transportar fez com que mudasse de ideia.

Mesmo que a ação só acontecesse a uma e meia da madrugada, horário em que a vigilância na sede da empresa parecia relaxar, de acordo com o relatado por um funcionário que se vendera, Camargo Aranha fez questão de passar o dia todo com seus amigos de rapinagem, pois o plano deveria ser estudado tantas vezes quanto achasse necessário. E podemos afirmar que cada um dos quadrilheiros sabia precisamente onde se posicionar, o que lhe cabia fazer, o seu momento de agir, e o tempo máximo de sua participação.

No horário marcado, a ação teve início com precisão cirúrgica. Dois carros para fuga a postos (1h30); invasão por uma porta lateral facilitada pelo funcionário corrupto (1h31); rendição dos guardas sem um único disparo (1h37); abertura do portão principal para entrada dos automóveis (1h40); arrombamento do cofre com explosivos suficientes (1h43); ensacamento do dinheiro encontrado, perfazendo cinco malotes lotados (1h46); retorno dos assaltantes aos carros (1h49); e abertura do portão principal pelo quarto partícipe visando à fuga (1h50).

E todo o plano aconteceu em cravados vinte minutos, um novo recorde para a equipe de malfeitores.

Os bandidos pisaram fundo no acelerador e desapareceram.

O assalto foi notícia por quase uma semana, tempo esse em que Camargo Aranha e seus parceiros ficaram como que invisíveis.

Mas as investigações prosseguiram. E levaram os agentes àquele funcionário venal.

O subornado não aguentou a pressão e acabou revelando todos os nomes.

Camargo Aranha foi preso em um sábado chuvoso, justamente quando tomava café da manhã com sua mãe.

D. Ana, que desfaleceu e precisou ser amparada por um dos policiais, foi internada às pressas.

No hospital, já desperta, a pobre senhora tanto insistiu que ficou sabendo que seu filho tinha sido preso por ter organizado e participado do famoso roubo à transportadora de valores.

D. Ana chorou todas as lágrimas que podia... E só retornou para casa três dias depois; bem mais magra, e envelhecida.

Seguiu-se o processo e a sentença foi proferida. E a Camargo Aranha foi imposta a maior pena, porque mentor intelectual do crime.

E como a penitenciária para onde foi levado estava longe de ser um modelo de reabilitação, Camargo Aranha, além de ser frequentemente humilhado pelos presos com quem dividia a cela, era por vezes seviciado pelo carcereiro encarregado do seu pavilhão, visto que teve a infelicidade de não cair em suas graças logo no primeiro contato.

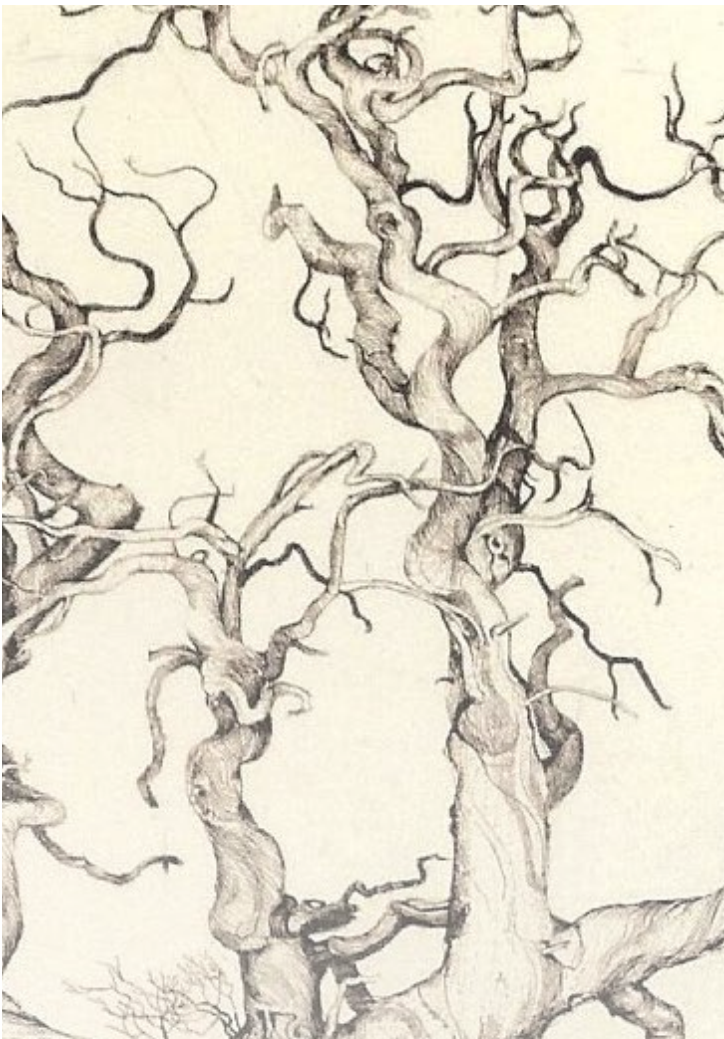
Mas haveria um momento de consolo. Seria o primeiro dia em que sua mãe iria visitá-lo.

Ao se reverem, o presidiário desatou a chorar. E por entre soluços e súplicas de perdão, confessou que não aguentaria passar por tanto sofrimento, que não suportava ficar preso nem mais um dia, que preferia morrer a viver acorrentado ao inferno.

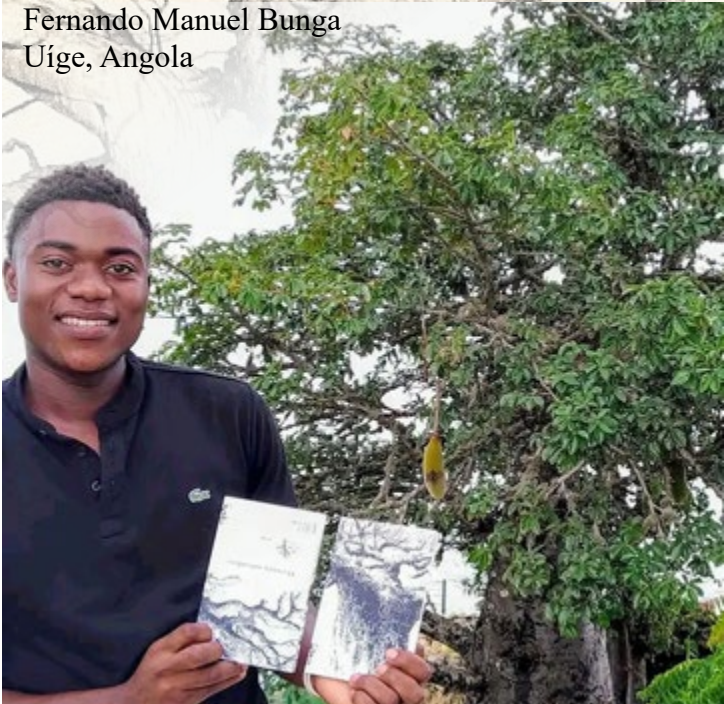
D. Ana fitava o filho com ternura. Não falava, apenas sorria. E como o cansaço do desiludido impusera-lhe uma pausa, sua mãe abriu a sacola que trouxera e, com as mãos trêmulas, entregou a Camargo Aranha algumas folhas de papel e um punhado de lápis, itens que prometia trazer a cada vez que fosse visitá-lo.

E o prisioneiro compreendia, com os olhos marejados e os lábios cerrados, que os contos que escreveria seriam, mais do que nunca, as únicas maneiras por que poderia se sentir livre, haja vista os longos anos que ainda teria para cumprir.

# O ECO DA PALAVRA AMOR



Fernando Manuel Bunga  
Uíge, Angola



Fernando Manuel Bunga, natural da província do Uíge, em Angola, onde nasceu aos 4 de outubro de 1997. Amante da Cultura e Literatura Japonesa, dedica-se ao estudo e a prática de poemas de origem japonesa, com maior realce para o haikai tradicional e o haibun. Autor de: O Enorme Imbondeiro, - mais conhecido como baobá, livro de haikai tradicional, disponível em [www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

Instagram (perfil literário).  
@haikai\_angolano

Nasceu quando todos partiram, no dia que a terra parou, não falei contigo antes por medo que os ventos de angústia caíssem na sua alma... é o ar que vai sugando por entre as brumas, o jardim do olhar das crianças, a repetição do som da pessoa que canta debruçada à janela, é magro como a razão de uma pessoa apaixonada.

O eco da palavra amor, é leve como ar, tudo que quer amar nesta lua cheia, ajuda a escapar dos temores, remenda roupa, sonhos e esperanças rasgadas, cresce como uma bola de neve no coração dos hostilizados, fermenta como o trigo, é a esperança dos que esperam, o grito dos amordaçados, a visão dos cegados, o acalento dos peitos tingidos da dor mais profunda, é a primavera, faz as flores existirem nos campos, faz quem corre aflito andar com o sorriso da rosa e o perfume da dama-da-noite impregnado na roupa.

O eco da palavra amor, é duro como o diamante, áspero como as escamas do dragão, deixa rastros de sorrisos consistentes por onde passa como o vento, a sua brisa sopra, carinhos na calçada, afaga a vida, faz as portas de cortinas de ferro abrirem para alegria e toda sorte de coisas boas como o parto e leves como a pena entrarem, faz emoções positivas dispararem nos peitos dos aflitos, fala com uma voz angelical depois duma dura e stressante jornada de trabalho.

O eco da palavra amor, não admite ser ignorado, encontra sempre uma forma de ser ouvido, anda de encontro ao vento, é tudo de leve que nos rodeia, é o sol que bronzeia a pele e o coração da moça em banho de sol.

O eco da palavra amor, é todo sentimento sem sentido, é como sol que amanhece e a tristeza que se põe, está onde ninguém espera lhe encontrar, no crepúsculo e nas asas da andorinha em voo acrobático, é areia que os seus pés descalços pisam, o deserto que atravessa só, a companhia do vento.

O eco da palavra amor, é cada segundo sob o imenso azul, não está em um lugar concreto, mas em todos e nenhum ao mesmo tempo, é tudo que sobra quando um amigo larga a nossa mão, onde você estiver está, na flor seca no meio do diário, no silêncio da mata, nas batidas rápidas das asas do beija-flor que pende na flor que não sei o nome.

O eco da palavra amor, é a existência e resistência, desagua no coração e no papel, clareia até a alma do negro mais profundo, é tudo que as pessoas fazem quando estão apaixonadas, é mais alto que as martelas de mil arapongas, é todas canções de ninar, deita nos braços musculosos da arte, junta cada estilhaço do coração partido, dissipa a neblina da alma indecisa.

O eco da palavra amor, é o teu cantor, o poeta no meio dos surdos, a música que afaga sem fim os ouvidos, o curso sinuoso da vida, é a companhia na noite escura, é mais que uma canção, é um grito, um choro, todos carinhos negados, alguns afagos não dados naquela noite de medo atroz, abraços adiados, beijos sequestrados.

O eco da palavra amor, é uma declaração de amor, vem do coração de forma tão caudalosa, bate a porta da alma devagar, é tênue como a vida dum filhote, é a expressão incontrollável da vida, a mão cheia de vento.

O eco da palavra amor...

# Wilson Lirio

A glória da juventude  
Perante um tempo que se funde  
Que tanto almejamos  
Um dia se confunde

Éramos todos iguais  
Sonhávamos juntos  
Irrigávamos nossa sementes  
Juntos  
E aí...

Mundo dos justos!  
Que nos deu a glória da conveniência  
Que, agora,  
Nem tão juntos  
Nos restaram a consciência de, podermos estar separados e então,  
Nos vemos nas telas das saudades

Hoje  
Com o passar dos anos  
Com o correr da vida  
Cada um para um canto  
Temos o privilégio de correr atrás dos próprios pés  
Esquecemos pois quem és

Mas é a glória  
Podemos contar para outros amigos  
Quem fomos  
E muitas das vezes ter vergonha da glória que estendemos por décadas por onde passamos e em quem nos tornamos  
É!  
Procuramos estar ali, à espera de um dia, a porra da coincidência, meio quê, sem querer,  
De novo encontrar com aquele velho amigo jovem e falar:  
Como foi bom te encontrar...

Ahh, glória da juventude  
Não quero ter saudades de ti  
Quero sempre estar contigo  
Quero estar sempre vivo  
Poder estourar a cara da vaidade, do orgulho, lembrar que fomos felizes e ainda somos

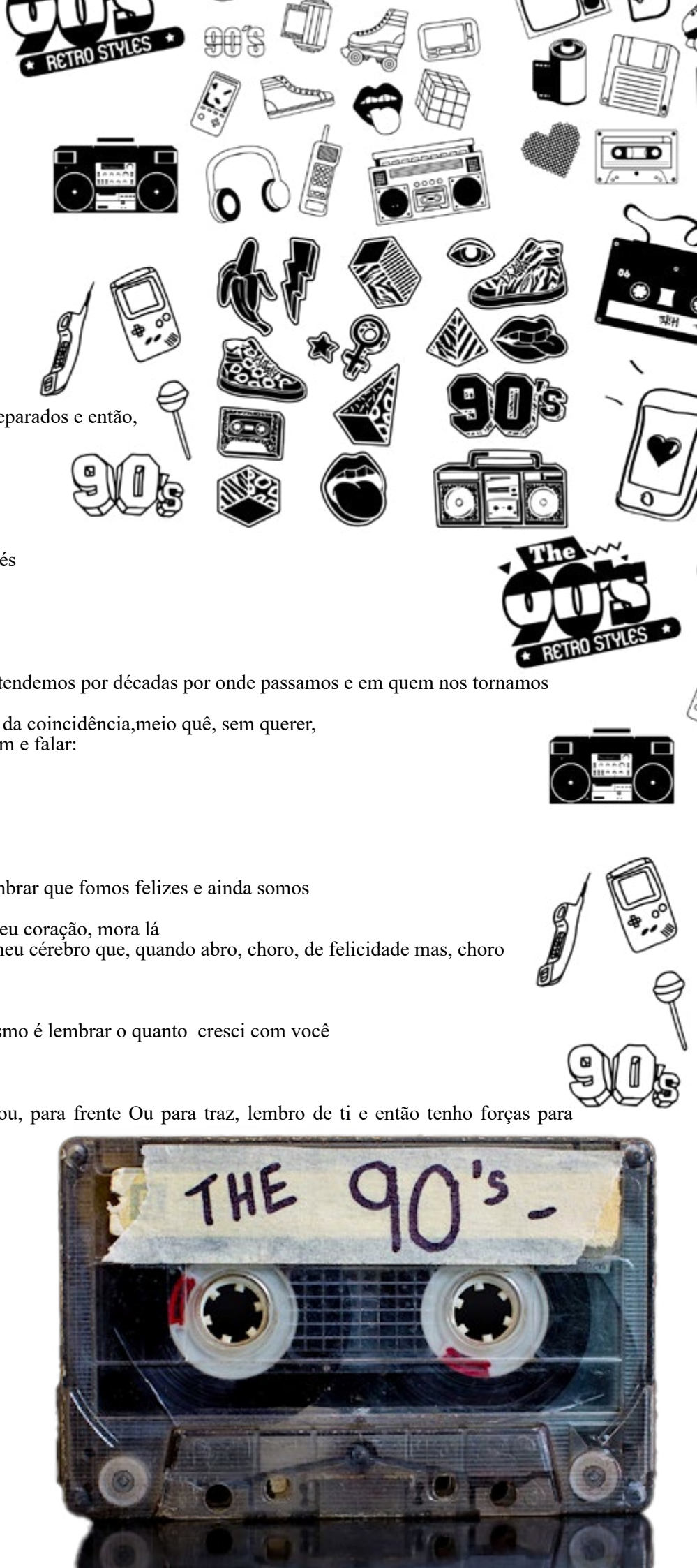
Tudo muda mas, minhas lembranças estão lá-, meu coração, mora lá  
Tenho uma gaveta enorme dentro das raízes de meu cérebro que, quando abro, choro, de felicidade mas, choro

Lembro-me bem  
De cada porrada  
Deslizes, infelicidade mas, o quê me levanta mesmo é lembrar o quanto cresci com você  
Ohh glória da juventude

Não, não quero esquecer  
Tenho que viver, lutar mas a cada passo que dou, para frente Ou para traz, lembro de ti e então tenho forças para continuar.

Cada música  
Cada pulo  
Cada tombo  
Lembro  
Vou continuar porquê?  
Minha juventude ainda está viva  
Então lembro  
Sou, fui, estou  
Por ti  
E assim lembro  
Do rosto de cada um que passou por mim,  
Calço minhas botas e vou, matar a saudade de ti,  
Minha linda juventude.

Poesias Wilson lirio  
Nome: somos quase o quê éramos.  
15 - 01 2025 06:48



“A tarde talvez fosse azul,  
Não houvesse tantos desejos.”

— Carlos Drummond de Andrade

Dá-me tuas mãos,  
Num dia qualquer,  
Molhadas de Sol  
E de desejo azul.

É tão profundo  
O bem-querer  
Entre os seres.

Vestidos de mar,  
Seguiremos pelo  
Róseo horizonte,  
Ainda com nossos  
Pés úmidos de  
Memórias  
E vicissitudes.

Em meio ao frenético  
Voo da vida,  
O amanhã que se segue  
Será ainda maior do que nós  
Mesmos.

Juntos carregaremos  
A incerteza das manhãs  
E a serenidade  
Dos entardeceres.

Seremos faróis  
De solitudes.

Aline Bischoff





# Queimadas

Rosângela Mariano  
São Leopoldo – RS

Queimaram

as folhas de lavanda, o lilás virou breu...  
fogo vermelho e assassino nas pétalas cheirosas de hortelã...

Queimaram

os caules suculentos das árvores sonhadoras das laranjeiras em flor...

Queimaram

os cactos, estrelas pontiagudas e... os espinhos mormacentos

sucumbiram à dor...

Queimaram

o capim verde, suado dos pés calejados, mapas de sonhos, lutas e esmeraldas...

Queimaram

o coração da mata, pulverizaram o voo alado do mágico beija-flor...

- Ah! E o bem-te-vi!!

Queimaram

as águas murmurantes, doces... dos riachos dançantes...

- Ah! Chora Iara, Mãe das Águas!!

Queimaram

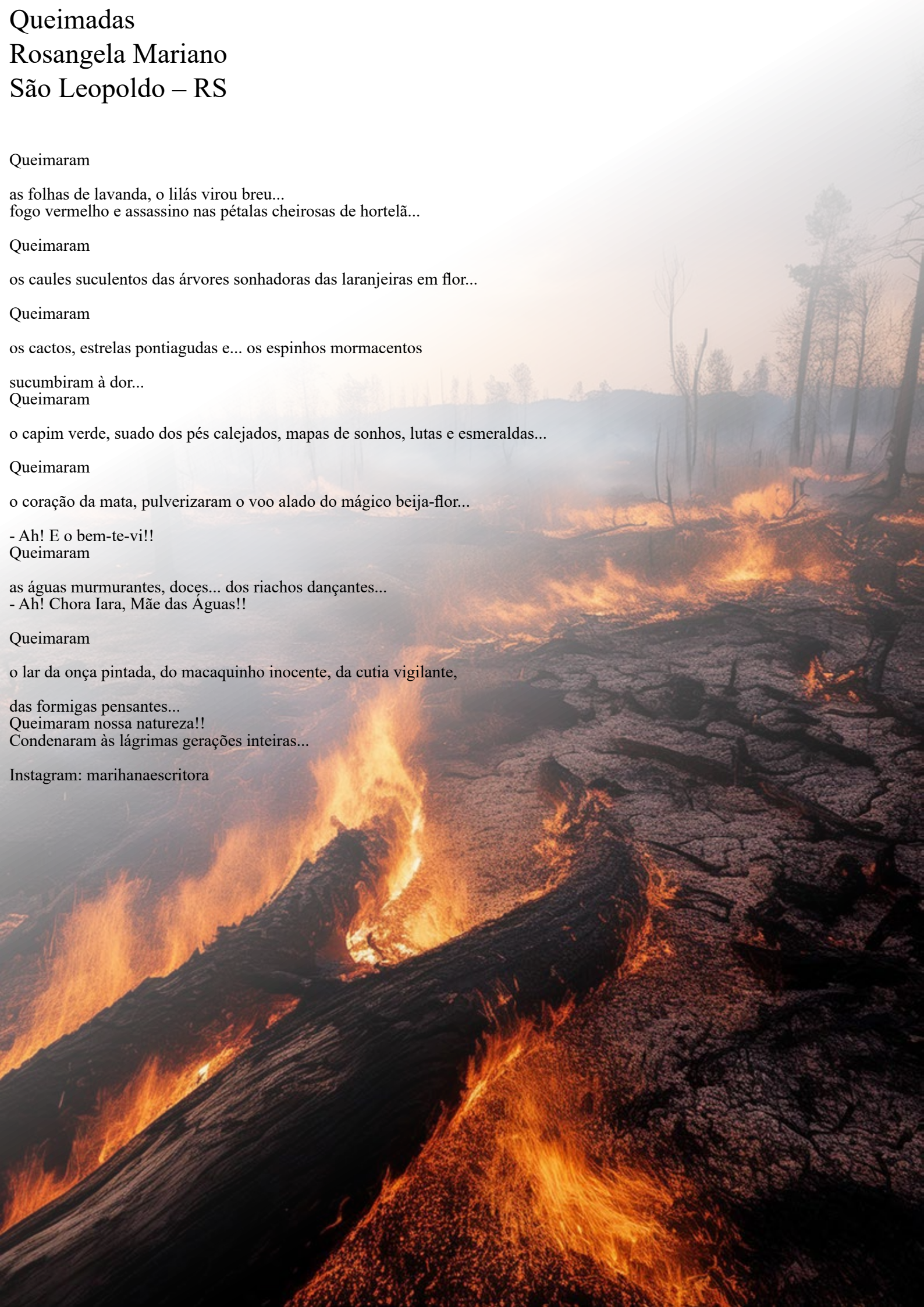
o lar da onça pintada, do macaquinho inocente, da cutia vigilante,

das formigas pensantes...

Queimaram nossa natureza!!

Condenaram às lágrimas gerações inteiras...

Instagram: marihanaescritora



# O último BOLO.



Reca Silva

Abriu o portão querendo não fazer muito barulho, ele ainda estava dormindo, o papo que teria tido na mesa do boteco devia ter sido mesmo animado, mais uma vez ele havia chegado tarde e embriagado... O corpo dela ainda inalava a repulsa que sentia de mais uma noite cheia de tormentos, sim, ele a obrigara mais uma vez a ter relações... Era assim que ela chamava os atos que mantinha com o seu cônjuge a cada perversa madrugada que era obrigada com ele se deitar: Não chamava mais aquilo de sexo, pois tal palavra lembrava um prazer que não mais sentia e preferiria não o chamar mais de marido, a palavra “cônjuge, soava tão melhor para nomear alguém a quem mantinha laços apenas pela lei...

Que saudades que tinha dos tempos de seu namoro, aquele sexo gostoso, as escondidas, tão cheio de juras de amor, com toques tão delicados, e que o único medo que transmitia era de ser repreendida pelos seus pais, que a ensinavam a respeitar os mandamentos da igreja e apenas ter relações com a benção de “Deus” assinada pelo pastor. Entretanto quando tal benção finalmente veio, um ano depois do início de namoro, ela durou tão pouco...

As palavras delicadas do marido transformaram-se em excedentes críticas ao seu perfil dona de casa e eternos manuais de instrução, que deveria cautelosamente seguir, para não desapontar o tão sensível e cuidadoso marido.

Saiu com passos leves, tentando ter sua liberdade momentânea, enquanto seguia o tão costumeiro caminho que a levaria para o mercado da vila, até que gostava daquelas ruas, com casas tão antigas e tradições que muito combinavam com os moradores daquele bairro, que mal conhecia, fora por muitos anos privada de contato com vizinhos, as vezes saía, atendia ao medidor de luz, o carteiro e entrava o mais rápido que podia, as punições por conversar com pessoas sempre eram árduas demais para se arriscar a pequenas curiosidades, questionava muito também se valeria a pena tal risco. Quantas vezes seus gritos foram ouvidos e mesmo assim ignorados?

Quantas vezes esperou que um de seus vizinhos adentrassem naquela porta ou chamassem a polícia para livrá-la das constantes surras? Não, não poderia culpá-los? Afinal, quem escolhera o próprio algoz? Após muito tempo, caminhava naquelas ruas tendo muitas esperanças, não veria mais aquele lugar, começaria sua vida, sim, começaria e desde início, de forma humilde e sem quase nada, é claro, mas

tendo mais posses de emoções e controle de seu próprio corpo e mente... Já estava tudo combinado: Faria a sua última missão como a dona de casa daquele “lar” e depois se mudaria para casa de uma grande amiga... Uma das poucas amigas que ainda tinha e a quem teria que agradecer, não a abandonara nem pela mágoa dela não lhe dar muita atenção, visto que o esposo não a queria conversando com amigas solteiras que poderiam ensinar-lhe coisas não adequadas. As conversas ao passar do ano foram restritas as redes sociais, mas continuaram, ao menos tivera alguém para desabafar sobre aquela trágica vida... Chegara ao mercado, e iniciaria o primeiro passo de sua missão: Comprou ovos, açúcar, farinha... Tinha o dinheiro contado dado pelo patrocinador daquele evento, seu marido deixava claro que não poderia colocar na compra produtos superficiais, como um batom que tiraria um pouco da palidez de sua pele... Afinal, já tinha um marido, já estava casada, pra quê tinha que ficar se arrumando? Sorriu escolhendo os morangos para sua receita, logo iniciaria no novo emprego, ao qual escondida assinara o contrato e poderia novamente ter orgulho de se olhar no espelho... Agora passeava na sessão de produtos descartáveis, tentando escolher os copinhos vermelhos mais bonitos que combinariam com a decoração da festa: “O homem aranha”, tinha decidido que seu mais novo teria a grande noite de sua vida, e poderia apagar as velinhas com a real sensação de que os pedidos seriam realizados, ele e seus outros filhos finalmente poderiam viver num lar sem gritaria, sem ofensas, e principalmente sem o perigo de levar uma surra repentina somente pelo fato de pedira pai para assistir a um desenho animado quando este estava ocupado demais assistindo mais um reprise do jogo de seu time... Pegou todos os produtos, copinhos, pratinhos, doces e seguiu até o caixa, entregou pela última vez o dinheiro na mão da operadora de caixa que a tantos anos a atendia... Será que poderia aproveitar para conversar e conhecer gente no mercado do futuro bairro que morará? Ao menos não terá alguém que com novas amizades irá se incomodar... O caminho de volta a sua casa foi repleto de sorrisos, imaginou a alegria das crianças ao cantar parabéns, a última vez que veria o olhar reprovador de suas cunhadas, que no fundo a condenavam “ele só te trata assim porque você o provoca” se tomasse mais cuidado com que fala e se empenhasse mais no trato de meu irmão,

receberia também melhores cuidados... Como pode concordar tantos anos com aquelas cúmplices, como estivera cega por tantos anos assim? Como pode deixar de ouvir a própria família e reais amigos que se importavam? Será que teve que ver o filho ser espancado para compreender a vida que levava? Sim, tinha que admitir, se a violência tivesse continuado unicamente em sua agressão física não teria tomada a decisão que agora tomava.

Entrou em casa organizando os passos do dia, antes de iniciar o bolo, foi até o quarto, fez sua mala e a das crianças e as escondeu no quatinho de despejo... A princípio levaria o essencial, depois pediria ajuda a seus primos para buscar ao resto sem perigo de ser novamente agredida... Primeiro passo dado, agora hora de preparar a última festinha de aniversário que faria naquela casa.... Batia a clara de neve lembrando os sonhos tão leves de sua juventude e a vida que imaginou viver naquela casa, colocou o açúcar anexando as lembranças dos poucos momentos que passaram felizes, antes do nascimento do primeiro filho, colocou a farinha memorizando a força que teve durante aqueles anos todos, se amou a seu marido, sim, muito, a princípio julgou que toda aquela histeria não passava de ciúmes por ter que dividir a atenção da mulher com crianças... Colocou o fermento imaginando como todo aquele tormento cresceu e se intensificou, sem ela que ela percebesse o grau da prisão a que era submetida. Untou a forma pensando o quanto tentou corrigir aquele relacionamento, pensava nos filhos... Não queria que vivessem num lar sem um pai e agora via o quanto permitiu que eles sofressem com tal raciocínio sem lógica... Colocou o bolo no forno, assim como colocou grande parte de sua vida... Tendo a certeza de que nada mais faria que traumatizasse ainda mais seus filhos, ela faria o que deveria ser feito por eles e por ela mesma. Duas horas depois, não só o bolo, mas toda mesa já estava pronta, os convidados começavam a chegar, e ela já estava arrumada, após a festa, sairia daquela casa bonita o suficiente para receber a vida que viria... Ele chegou, percebeu em sua fisionomia que ele não gostou de sua maquiagem, mas como esperado, nada falou, fingiu o marido carinhoso beijando seu rosto na frente dos convidados e entregando o presente para o aniversariante, que recebeu tremendo das mãos do pai. Via o quanto a criança ainda estava amedrontada pela surra da tarde anterior, como queria contar para o filho

que tudo acabaria naquele mesmo dia, seria o seu real presente de aniversário... O coro de parabéns foi cantado, as crianças sorriam pela felicidade e palmas trazidas pela famosa canção, a mãe recebia o primeiro pedaço de bolo, brigadeiros eram distribuídos, a faca usada para cortar cada pedaço de bolo... Logo os convidados se foram... Levou o resto de bolo para a cozinha, e passou a cortar os pedaços que seriam guardados na geladeira, pensou em sua vida fatiada até aquele momento e o quanto ela seria completa, a menina mais velha a ajudava, limpando a mesa, ela era a única que naquele momento sabia da decisão da mãe e sentia se feliz por saber que era apoiada... O dois, outros meninos, chegaram na cozinha pedindo mais brigadeiro, estava feliz demais para negar qualquer pedido a aquelas crianças.... A noite estava saindo bem, até a inesperada chegada na cozinha... Pode ver o seu cônjuge colocando algumas malas na cozinha:

- Você poderia me explicar o que isto significa? Preferiu nada dizer, continuou na tarefa de cortar o bolo, baixando os olhos para cada pedaço colocado na travessa.

- Eu exijo uma explicação!

- Será que é necessária, acho que as malas já dizem tudo, não é?

Não pode dizer mais nada, sentiu mais uma vez seu cabelo sendo puxado e ser jogada no chão, recebeu aquela surra aliviada, sabia que seria a última vez, além de sair de casa, teria a coragem de procurar a polícia e colocá-lo na cadeia... Foi quando sentiu que a faca foi retirada de sua mão, recebeu a primeira estocada tentando ser forte o suficiente para tirá-lo de cima dela, a sua resistência aumentou a irá do torturador, que apunhalava ao seu peito mais e mais... Seu corpo já estava amortecido quando os golpes acabaram... Pode ver o sangue que saia de seu corpo se misturando com os pedaços de bolo caídos no chão, estava fraca, mas pode ouvir os gritos desesperados das crianças que assistiam a cena, conseguiu virar ainda a face para olhar para os filhos que choravam desesperados... Torcia que ele fugisse o mais rápido possível e não passasse sua ira também para as crianças, e assim ele o fez... Vendo que os filhos estavam em segurança, pode finalmente fechar os olhos e deixar que a alma abandonasse seu corpo tão ensanguentado... E ela só queria não mais traumatizar as crianças...

# A loja

Entrei em um shopping pela direita,  
me deparei com uma loja de livros.  
Preços baratos e divertidos.  
Percebi livros que encantavam meu coração;  
os valores não eram altos,  
mas os preços chamaram a minha atenção.  
Queria comprar um livro aproveitando a oferta,  
e que minha mente estava aberta.  
Nada me agradou muito;  
pouca coisa tinha a ver comigo.  
Mas um livro preto e branco,  
com escritas tortas e rabiscos,  
me agradou o olhar.

Decidi dar mais uma volta no shopping  
e depois voltar para comprar.  
Estava no lado esquerdo do shopping,  
quando vi algo que parecia novo.  
Entrei e apareceu tudo de novo;  
dessa vez nada me agrada, já  
já que era nítido que o meu sorriso faltava.  
Dei uma olhada em outros livros:  
definitivamente, ao contrário da primeira vez,  
não parecia divertido.

Dei mais uma volta no shopping,  
mas dessa vez pelo andar de cima.  
Parei no 2º andar daquela livraria;  
me poupei tempo, afinal,  
eu já sabia de cor como começava e acabava;  
já que algo só é diferente  
na primeira e na segunda vez experimentadas.

Decidi sair daquele lugar sorrindo,  
sem arrependimentos de não ter comprado;  
no final, só seria um livro ocupando espaço,  
talvez ocupando espaço de um livro melhor,  
que as palavras entrem na minha mente com carinho.  
Talvez um livro em que a história traga a sensação de borboletas no estômago com um simples abraço;  
talvez algo que tenha mais valor além de um preço acessível e barato.

Ou um simples jornal usado, quem sabe,  
só para acumular experiência  
e não para ser algo que ocupe espaço;  
somente pela sua existência.  
Nem precisa ser algo bonito,  
mas acho necessário o conteúdo agradar os meus ouvidos;  
além de um título que chame atenção.  
Quero ler rindo igual criança,  
tirando do mundo e de meus problemas a atenção.

Até lá, o espaço estará guardado;  
até que um livro me faça sentir cativado.  
Até que em livrarias eu encontre  
o livro ideal nas paradas;  
aos poucos ele venha até mim para que eu limpe o espaço com calma,  
sem pressa.

O futuro é algo que nos espera;  
até lá, estarei te esperando:  
querido livro, seu espaço estará te aguardando.

Nusak um poeta novo.  
Eu sou um poeta anônimo cujo meu pseudônimo é Nusak e meu recente Instagram é:

[https://www.instagram.com/naksu\\_poesia?igsh=MXRvOWd2dWoxZ3RscA==](https://www.instagram.com/naksu_poesia?igsh=MXRvOWd2dWoxZ3RscA==)



## PARA O TÉDIO, O TREINO.

Às vezes me pergunto por que tantas pessoas se entregam ao tédio?... Como se o dia não lhes oferecesse diversas oportunidades para reconhecerem o quanto a vida é pulsante.

Pois demonstrarei que em um simples passeio, mesmo que curto, muitos eventos, bons e ruins, estão aí, pululando, ávidos por serem percebidos. Para isto, contudo, será preciso que mudemos o nosso hábito, de ver para enxergar.

Neste sentido, por levar uma vida sedentária, o meu médico determinou que caminhasse pelo menos uma vez por dia. Posteriormente, quando já tivesse adquirido certa resistência, deveria escolher algum esporte; e que, por óbvio, não poderia ser o levantamento de garfo.

Como não quero pegar o carro para ir ao parque, o que implicaria perda de tempo e gasto de combustível, escolhi o percurso de um quarteirão ao redor do meu prédio – O quanto deveria andar não foi especificado pelo referido profissional.

Quando comecei este novo ritual, tomando, como sempre, os cuidados que a metrópole impõe – olhar para frente, prevenindo-me da ação de punhistas, e, para baixo, a fim de não pisar em “caco de vidro” de cachorro –, notei um ipê rosa que estava recamado de pompons.

Esse fato, a floração, sempre aconteceu. No entanto, foram os meus olhos que, mais atentos que os de costume, passaram a enxergá-la, e a apreciá-la como bem merecia.

Senti, então, que começava bem o meu dia. E prossegui redobrando a atenção.

Nem andara dez metros e a pontaria de uma pomba zombeteira revelou-se muito bem alinhada. Daí que a aba do boné da jovem que caminhava à minha frente mudou de cor, o que a obrigou a aposentá-lo na lixeira mais próxima. – Nem se precisaria dizer que ela, além de praguejar em alto e bom som, fez questão de desejar vida longa àquela ave agourenta.

Ao alcançar a esquina, topei com uma ambulante que parecia vender quitutes deliciosos.

Muito embora já tivesse tomado o café da manhã, não resisti à atração que um bolo de cenoura com cobertura de chocolate exercia sobre o meu pobre espírito. E me deleitei com aquela iguaria.

Depois de virar na segunda esquina, os meus olhos confirmaram o que os meus ouvidos já deduziam – Uma equipe da prefeitura podava uma seringueira centenária.

Sei que essa providência é corriqueira e muitas vezes necessária. Afinal, muitas de nossas árvores não passam de gigantescos cortiços para insaciáveis cupins.

Só que não tenho como disfarçar a dor que sinto quando vejo esses primores da natureza sendo mutilados sem dó nem piedade.

O jeito foi seguir adiante, resignado.

Na metade do trajeto, não pude deixar de rir ao ver um Poodle Toy latindo enfurecido para um corpulento Golden Retriever, que permanecia impassível diante de tanta ameaça.

É espantoso como esses pequeninos viram feras bestiais quando se creem acobertados pelos donos!

Ao dobrar a última esquina, avistei, do outro lado da rua, uma daquelas barraquinhas de lona que muitos mendigos utilizam como moradia.

A entrada estava fechada, o que não permitia concluir se o ocupante ainda dormia ou se já tinha saído em busca de alimento.

Fosse como fosse, bendisse a alma que, incógnita, teve a providencial ideia de comprar esses abrigos e de distribuí-los para tantos desafortunados.

Já me aproximava do lar quando me deparei com uma cena relativamente comum nas ruas de grande circulação. Era uma estátua viva, um rapaz fantasiado de anjo, todo alvo, em cima de um pedestal improvisado, e que entregava um bilhete para quem contribuísse com alguns trocados.

Ora, como a curiosidade aumentasse, e como nunca saio desprevenido, resolvi ofertar cinco Reais e ver o que a sorte me reservava.

Ao abrir o papelucho, não pude esconder o espanto. É que não me lembro de ter lido nos biscoitos da sorte, nem de ter recebido de algum realejo, uma mensagem afirmando que em vinte quatro horas muitos lances aconteceriam, mas que estes só seriam captados se os olhos estivessem bem abertos. Pois apertei o passo, entrei eufórico no apartamento, sentei-me defronte ao computador, e deixei fluir esta crônica, na certeza de que os entediados, mirando-se nos exemplos que testemunhei, concordarão que é preferível enxergar a ver, e buscarão modificar-se a cada novo amanhecer.

# PRÓXIMA EDIÇÃO

# #33



[dartelondrina@gmail.com](mailto:dartelondrina@gmail.com)  
insta @dartelondrina

